

UFRRJ

**INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA**

DISSERTAÇÃO

**O RETRATO DE ADOLF HITLER NA BIOGRAFIA *HITLER: A STUDY IN TYRANNY*
ESCRITA POR ALAN BULLOCK, EM 1952**

MARCELA DE OLIVEIRA SANTOS SILVA

2019



UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS E SOCIAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA

**O retrato de Adolf Hitler na biografia *Hitler: A Study in Tyranny* escrita por
Alan Bullock, em 1952.**

MARCELA DE OLIVEIRA SANTOS SILVA

Sob a orientação do Professor Doutor

Luis Edmundo de Souza Moraes

Dissertação apresentada como requisito parcial para
obtenção do grau de **Mestre em História**, ao Programa de
Pós-Graduação em História, Área de concentração: Relações
de Poder e Cultura, Linha de Pesquisa: Relações de Poder,
Linguagens e História Intelectual

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
Biblioteca Central / Seção de Processamento Técnico

Ficha catalográfica elaborada
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

Sr SILVA, Marcela de Oliveira Santos , 1989-
O retrato de Adolf Hitler na biografia Hitler: A
Study in Tyranny escrita por Alan Bullock, em 1952. /
Marcela de Oliveira Santos SILVA. - 2019.
151 f.

Orientador: Luis Edmundo de Souza MORAES.
Dissertação (Mestrado). -- Universidade Federal Rural
do Rio de Janeiro, PPHR/História, 2019.

1. Biografia. 2. Adolf Hitler. 3. Alan Bullock. 4.
Escrita da História. I. MORAES, Luis Edmundo de Souza,
1967-, orient. II Universidade Federal Rural do Rio
de Janeiro. PPHR/História III. Título.

AGRADECIMENTOS

Depois de dois anos, uma etapa chega ao fim, durante esse tempo construí conhecimento, aprendizados, mudança no jeito de enxergar o mundo, consigo até dizer que sou uma outra pessoa, e isso só foi possível porque contei com a ajuda de muitas pessoas.

Agradeço à minha mãe, Maria, meu maior exemplo, que sempre soube me apoiar. O seu amor por mim me fez permanecer em pé. Ao pequeno Miguel que hoje e desde seu nascimento é o meu balão de oxigênio. À Renata Oliveira que é a minha irmã e grande amiga e ficou do meu lado em todos os momentos. E olha que passamos por momentos difíceis, mas juntas conseguimos superá-los. Ao meu orientador, Luis Edmundo de Souza Moraes, que me ajudou em todo o processo, que foi meu incentivador e o grande responsável para que eu concluísse a pesquisa. E, além da minha mãe, ele é o grande exemplo que tenho. Como sempre falo, se um dia eu for 10% do profissional e indivíduo que ele é, serei uma pessoa feliz.

Meus amigos que souberam entender cada situação que passei e me apoiaram em todas elas. Em especial, ao Vinícius e Leonam, meus melhores amigos, que são partes dessa pesquisa ao me ajudarem com recomendações e fazendo leituras dos capítulos. E mais do que isso, por serem aqueles que eu conto para tudo e em tudo. À Thais, Laura e Caio, meus amigos desde sempre, mas que nessa fase foram também meus suportes. À Marlon e Jéssica que no momento que mais precisei foram gentis comigo. À Jéssica eu também devo agradecer a toda ajuda que me deu lendo exaustivamente os meus capítulos e me dando sugestões, nunca saberei te agradecer o suficiente. À Carolina que com toda sua doçura de amiga, me traz paz quando estou desesperada e aguenta todas as minhas lamúrias. E como uma das minhas melhores amigas, foi uma peça importante para a conclusão dessa pesquisa. À Gabis que mesmo distante, geograficamente falando, permaneceu na minha vida e foi um dos meus melhores ombros amigos. Ao Tiago que me emprestou o seu notebook para que eu pudesse escrever meus capítulos. Ao Luiz por sempre ser uma pessoa presente em minha vida. À Carol Curty por acreditar em mim e por sua ajuda ao encarar o verão de Seropédica só para conseguir um livro emprestado importante para minha pesquisa. À Ana e Victor que encontrei nas salas de aulas do PGG e hoje fazem parte do meu círculo de amigos. À Dani e Monica que são duas grandes amigas que mesmo com minha distância, estão sempre do meu lado.

À professora Maria da Glória Oliveira que foi uma grande influência para escolha do meu tema. Além das valiosas dicas que me deu não só na banca de qualificação, como também nos durante seis anos que vem acompanhando a minha pesquisa. À professora Maria Paula Araújo que

mesmo sem saber, como toda sua docilidade, me ajudou a definir parte da minha pesquisa de mestrado, e ainda tive a oportunidade de tê-la com banca de qualificação guiando o meu olhar para o seu desenvolvimento.

Aos professores e professoras do curso de História da UFRRJ que contribuíram para a minha formação, cada um ao seu jeito. Em especial para professora Fabiane Popinigis que com sua generosidade e humanidade, tornou-se uma das pessoas mais importante para minha permanência e conclusão do mestrado. E ao seu e melhor grupo de orientação que me acolheu. À professora Adriana Barreto pela disponibilidade em sempre me ajudar, assim como o seu grupo de orientação (em especial para Natalia Vial por todo seu carinho ao apresentar meu texto na reunião, obrigada pelas dicas valiosas).

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro – FAPERJ que, por meio da sua bolsa, viabilizou essa pesquisa e ao Programa de Pós-Graduação em História PPHR/UFRRJ. Em especial ao Paulo que durante esses dois anos me aguentou indo na sua sala atrás de informação, papeis, café ou, simplesmente, para ficar conversando.

Sem vocês acho que seria impossível concluir essa trajetória. Obrigada!!!

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de financiamento 001

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil – (CAPES) – Finance Code 001

O retrato de Adolf Hitler na biografia *Hitler: A Study in Tyranny* escrita por Alan Bullock, em 1952.

Marcela de Oliveira Santos Silva

Orientador: Prof. Dr. Luis Edmundo de Souza Moraes

Dossiê de Defesa do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em História.

Aprovado por:

Presidente, Prof. Dr. Luis Edmundo de Souza Moraes

Profª. Dra. Maria da Glória de Oliveira

Profª. Dra. Maria Paula Araújo

RESUMO

SILVA, Marcela de Oliveira Santos. **O retrato de Adolf Hitler na biografia *Hitler: A Study in Tyranny***. 2019. Dissertação (Mestrado em História). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de História e Relações Internacionais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2019.

Esta dissertação tem como interesse analisar a biografia *Hitler: A Study in Tyranny* escrita por Alan Bullock, em 1952. A escrita biográfica exerce o papel de construtora da imagem daqueles que são biografados e, neste sentido, os biógrafos são os “engenheiros dessa construção”. As escolhas metodológicas, o recorte temporal e o enfoque narrativo são alguns dos elementos que moldarão a imagem que o biógrafo pretende dar ao biografado. A obra foi o lugar onde suas *ideias* e intenções de escrita sobre a personagem se concretizaram. A narrativa será nosso objeto de estudo e interpretação, buscando compreender o que foi dito sobre Hitler e como isto foi feito. Identificar os significados, as intenções e as matrizes discursivas que permitiram o autor construir a “ideia particular” da personagem, o que o biógrafo pretendia ao apresentar a sua contribuição sobre Adolf Hitler. Definir e fazer uma comparação dos retratos construídos serão os nossos objetivos de análise ao confrontar a escrita biográfica feita por Bullock com as imagens de Hitler existentes no mundo. Com o propósito de constatar a importância que o autor deu a Adolf Hitler dentro da história alemã por meio da narrativa.

Palavras-chave: Adolf Hitler, Alan Bullock, biografia, retrato.

ABSTRACT

SILVA, Marcela de Oliveira Santos. The portrait of Adolf Hitler in the biography *Hitler: A Study in Tyranny* by Alan Bullock, in the 1952. 2098. Dissertation (Masters in History). Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Departamento de História e Relações Internacionais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, RJ, 2019.

In this dissertation we doing an analysis of the biography *Hitler: A Study in Tyranny* written by Allan Blullock, in 1952. Biographical writing plays the role of constructor of the image of those who are biographed and, in this sense, the biographers are “engineers of this building”. The metodological choices, temporary clipping and the narrative approach are some of the elements that will shape the image that the biographer intends to give to the biographed. The work was the place where *ideas* and intentions of writing about the character was materialized. The narrative will be our object of study and interpretation, looking for to understand what was said about Hitler and how it was done. Identify meanings, intentions and the linguistic contexts that allowed the author to build the “particular idea” of the character, what biographer intended to present his particular contribution about Adolf Hitler. Defining and comparing constructed *portraits* will be our objective of analyzing when confronting the biographical writing by Bullock with the images in the world. With the purpose of testifying the importance that the author gave Adolf Hitler inside german history through the narrative.

Keywords: Adolf Hitler, Alan Bullock, biography, portraits.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
CAPÍTULO I	
ALAN BULLOCK E <i>HITLER: A STUDY IN TYRANNY</i>	20
1. 1. O historiador Alan Bullock... ..	21
1. 2. A biografia <i>Hitler: A Study in Tyranny</i>	24
1. 3. Recepção da obra <i>Hitler: A Study in Tyranny</i>	29
1. 4. Hugh Redwald Trevor Roper X Alan Bullock.....	34
CAPÍTULO II	
AS IMAGENS CRISTALIZADAS DE ADOLF HITLER.....	36
Os primeiros explicadores do líder nazista	37
<i>Hitler me dijo</i> de Hermann Rauschning	40
Hitler: a vida de um ditador de Konrad Heiden.....	48
Os últimos dias de Hitler de Trevor-Roper.....	58
Os “Hitler’s” construídos, semelhanças ou divergências?.....	63
CAPÍTULO III	
OS MATERIAIS DE CONSTRUÇÃO DO RETRATO DE HITLER.....	69
3.1. As menções de Alan Bullock.	69
3. 1.1. As obras/fontes mais citadas.	75
3. 2. Os efeitos na narrativa de Hitler: <i>A Study in Tyranny</i>	78
CAPÍTULO IV	
ADOLF HITLER – O RETRATO PINTADO POR ALAN BULLOCK.....	93
Temas da biografia Hitler: <i>A Study in Tyranny</i>	94
As definições e características de Hitler	108
O retrato de Adolf Hitler	110
O senhor supremo do Terceiro Reich ou mais uma peça no Regime Nazista?.....	116
Comparando os retratos de Hitler.....	118
CONSIDERAÇÕES FINAIS	126
FONTES.....	129
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	130
ANEXOS.....	133

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa é um desdobramento do trabalho que começou a ser desenvolvido ainda na graduação de História, no segundo semestre de 2013. Durante o curso da disciplina intitulada *Biografia e História: perspectivas de aproximação e desafio de pesquisa*, surgiu o interesse pelos estudos de biografia como escrita da história. Uma vez que o interesse pela figura de Adolf Hitler já se fazia presente, optamos por juntar essas duas temáticas.

Aos poucos, nos aprofundamos nos estudos que tinham como objeto de análise as biografias, almejando identificar como, a partir delas, podem-se construir retratos diferentes de um mesmo indivíduo. Com base nessa função, fomos motivados a analisar a construção da imagem de Adolf Hitler na biografia escrita por Joachim Fest – a primeira biografia sobre Hitler escrita por um historiador alemão.¹

A pesquisa resultou na apresentação da monografia *Adolf Hitler, a personagem criada na biografia escrita por Joachim Fest*, na qual analisamos as estratégias de escritas que possibilitaram a construção da imagem proposta por Fest sobre Hitler. Para o autor, Hitler tornou-se uma figura histórica por ser ponto de convergência de muitos anseios, angústias e ressentimentos. Sem ele, nada do que aconteceu na Alemanha no período de 1933 a 1945 poderia acontecer – fato que demonstrou sua influência sobre o processo histórico, mesmo que sua grandeza tivesse sido acompanhada de uma mediocridade individual. Fest acreditou que Hitler foi o último político que pôde ignorar o peso das circunstâncias e dos interesses. E, caso tivesse sofrido um atentado e morrido em 1938, seria considerado um dos maiores estadistas alemães: aquele que conseguiu consumir a história alemã. O autor definiu Hitler como um grande político da história alemã, até ser corrompido pelo desejo de mais poder.

Buscando dar prosseguimento à pesquisa e desenvolver um domínio do campo das biografias escritas sobre a figura de Hitler, optamos por realizar um mapeamento inicial, levantando os títulos já publicados. Conforme salientado pelo historiador John Lukacs, nas décadas de 1960 e 1970 multiplica-se o número de biografias, livros, artigos, programas de televisão e documentários sobre Hitler.²

¹ FEST, Joachim C. *Hitler*. Trad. Sob a direção de Francisco Manuel da Rocha Filho. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006, p. 935.

² LUKACS, John. *O Hitler da História*. Trad. de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998, p. 18.

Apesar do grande número de produções que têm Adolf Hitler como seu objeto de análise, quando delimitamos essas produções às biografias escritas por historiadores, esse número torna-se restrito. Com base nos livros de John Lukacs e Ron Rosenbaum – historiadores que fizeram balanços sobre as biografias de Hitler – e em meios eletrônicos,³ foram catalogadas 11 biografias da personagem. As principais biografias foram escritas por alemães, britânicos e americanos, sendo: 7 biografias alemãs - Warter Görnitz e Herbert A. Quint, *Adolf Hitler: Eine Biographie*, 1960; Ernst Duerlein, *Hitler: Eine politische Biographie*, 1969; Werner Waser, *Hitler: Legend, Mythos, Wirklichkeit*, 1971; Joachim Fest, *Hitler*, 1973; David Irving, *Hitler's War*, 1977; Anton Joachimsthaler, *Adolf Hitler: Korrektur einer Biographie*, 1989; Marlis Steinert, *Hitler*, 1991; 3 produções estadunidenses - Korand Heiden, *Der Fuhrer: Hitler's Rise to Power*, 1944; John Toland, *Adolf Hitler*, 1977; Ian Kershaw, *Hitler*, 2000; e 1 britânica - Alan Bullock, *Hitler: A Study in Tyranny*, 1952.

Esse levantamento nos mostrou alguns dados que chamaram a nossa atenção: a década de 70, por exemplo, foi a que teve maior número de publicações; das 11 biografias, 4 foram lançadas nesse período. Outro fator que nos chamou atenção foi a primeira biografia substancial ter sido escrita por um historiador britânico: Alan Bullock. Esse fato nos remeteu à biografia de Fest, pois o historiador alemão dedicou uma grande parte do prefácio da sua biografia *Hitler* para fazer reverência e crítica à biografia *Hitler: A Study in Tyranny*, escrita por Bullock. Fest definiu a biografia como uma exceção notável na tradição da grande historiografia anglo-saxônica e, durante muito tempo, foi considerada a descrição definitiva de Hitler.⁴ Contudo, segundo Fest, Bullock falhou em não conseguir explicar a grandeza histórica de Hitler, por isso, seria necessário escrever outra biografia para dar conta de tal questão.⁵

Três fatores nos instigaram a selecionar a biografia de Bullock como uma fonte de pesquisa. O primeiro deles, por ter sido a primeira biografia de Hitler escrita por um historiador, ainda na década de 1950; a crítica que Fest direcionou à obra; e pelo fato dos biógrafos posteriores classificarem a obra como “a descrição definitiva da vida de Adolf Hitler até então”.⁶ Por isso e por outros elementos que elencaremos posteriormente,

³ Foi feito uma pesquisa em sites como banco de dados da Capes; JSTOR; Google acadêmico; Scielo; acervos online das universidades USP, UFRRJ, UERJ e UFF.

⁴ Joachim Fest fez análise de outras biografias anteriores à sua, mas a de Alan Bullock foi a única que ganhou mais um relato de reverência do que apenas críticas – como ocorreu com as demais.

⁵ FEST, Joachim, op.cit, p. XII.

⁶ Além de Fest, o historiador Ian Kershaw, que escreveu a biografia *Hitler: um perfil do poder* (2000), definiu a obra de Bullock como a imagem definitiva até a biografia escrita por Fest. É um dos seus objetivos

consideramos que essa dissertação possibilita o diálogo da biografia como gênero de escrita da história.

A biografia, a partir da década de 1970, ganhou espaço nos debates historiográficos, e apesar de inicialmente ter existido divergências sobre sua aceitação como escrita da história, depois da sua aproximação com a antropologia e com a história da arte, esse debate foi reelaborado.⁷ Jacques Revel salientou que mesmo com todos os maus presságios direcionados à biografia, desde sua origem, ela se tornou um gênero histórico de ampla atividade.⁸ Apesar disso, a biografia histórica não se tornou um exercício livre, permanecendo submissa a um duplo conjunto de pressões. A primeira refere-se às fontes e a segunda à forma, à escolha de melhor adaptá-la.

Consideramos que esses debates que tentam classificar o que é a escrita da história e a escrita biográfica revelam a artificialidades dessas divisões, assim como seus limites. A escrita biográfica, como uma das primeiras formas de história, vem ganhando cada vez mais a atenção dos historiadores. Segundo Sabina Loriga, a fronteira que separa a biografia da história é bastante imprecisa, até porque, após um longo período, o indivíduo voltou a ser lugar central nas preocupações dos historiadores.⁹

De acordo com Manuel Luiz Salgado Guimarães, o que torna uma vida digna de ser narrada e partilhada com os demais seria a escrita, que transforma essa vida de experiência biológica em *bios*.¹⁰ Além disso, a vinculação de eventos e sua representação, por meio da narrativa, relata uma história e fornece um sentido, o que objetiva sua partilha. Conforme pontuado por Guimarães: “Narrar uma vida, portanto, impõe um desejo de duração para além da pessoa cuja vida é contada, um desejo de lembrança e de memória, e por essa via, articula-se com um projeto de uma escrita de uma história”.¹¹

A biografia como escrita da história implica na presença de um outro para quem se narra, um outro que não vivenciou as experiências narradas, pois elas podem significar

em sua tarefa de escrever a vida de Hitler foi desconstruir a imagem criada por Joachim Fest. Isto é, percebemos que cada biógrafo ao escrever sua biografia, tem como objetivo desconstruir uma imagem anteriormente consolidada.

⁷ SOUZA, A. B. *Biografia e escrita da história: reflexões preliminares sobre relações sociais e de poder*. Revista Universidade Rural: Série Ciências Humanas, Seropédica, RJ: EDUR, v. 29, n. 1, p. 27-36, jan.-jul., 2007, p. 28.

⁸ REVEL, Jacques. *A biografia como problema historiográfico*. In: História e historiografia: exercícios críticos. Curitiba: Ed. UFPR, 2010, p. 239.

⁹ LORIGA, Sabina. *A biografia como problema*. In: REVEL, Jacques (org.). Jogos de escalas: experiência da microanálise. Rio de Janeiro: FVG Editora, 1998, p. 225.

¹⁰ GUIMARÃES, Manuel Luiz Salgado. Prefácio: A biografia como escrita da História. In: SOUZA, Adriana Barreto de. *Duque de Caxias: o homem por trás do monumento*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008, p. 19.

¹¹ GUIMARÃES, M. L., 2008, op. cit., p. 19.

algo de importante. De alguma forma, narrar a vida do outro proporciona narrar a sua própria, instituindo-a como uma experiência significativa – “[...] narrar uma vida implica produzir para ela um sentido, tornando-a, por essa via, não apenas partilhável, como também significativa, e dessa forma tornando o tempo uma experiência socialmente compartilhável”.¹²

Para a historiadora Adriana Barreto de Souza: “As biografias só podem ser reconhecidas como lugar de articulação de uma escrita da história se esta é pensada como significação e ressignificação do passado”.¹³ Como bem mostrou a autora, a narrativa biográfica exige uma compreensão diferente do processo de formalização causal dos fenômenos sociais. Por meio dela obtemos uma imagem da história e do devir social como sistema aberto, em constante transformação e definido por dinâmicas e mecanismos interativos.¹⁴

Segundo Souza, outro interesse sobre essa abordagem, às vezes pouco considerado, é que o biógrafo, ao propor essa narrativa dentro do campo da escrita da história, deve destacar as incertezas das relações sociais. O resultado de uma ação individual depende de outras ações e das reações de outros indivíduos. Essa dependência, própria do mundo social, impede que os atores contem com um sistema de normas para tentar prever ou evitar os efeitos de seus atos. Ainda que cada indivíduo tenha diante de si um campo de possibilidades limitado, com margens definidas cultural e socialmente, nenhum sistema normativo é suficientemente estruturado para eliminar todas as possibilidades de escolha, interpretação, manipulação e negociação das regras sociais.¹⁵

A historiadora afirmou a importância da escrita biográfica como instrumento para a compreensão do processo de escrita historiográfica e como essas narrativas constroem imagens/retratos dos biografados. Souza propõe a existência de uma relação entre a escrita e o lugar social com os padrões culturais e teóricos contemporâneos. No lugar social da operação científica e em tudo que a cerca é que se estrutura a legitimidade do discurso historiográfico.¹⁶ Sem a experiência do trabalho de pesquisa, como reiterou a historiadora, ficamos apenas com “um quadro fictício do passado firmado por grandes

¹² Ibid, p. 19.

¹³ SOUZA, A. B. *Biografia e escrita da história: reflexões preliminares sobre relações sociais e de poder*. Revista Universidade Rural: Série Ciências Humanas, Seropédica, RJ: EDUR, v. 29, n. 1, p. 27-36, jan.-jul., 2007, p. 30.

¹⁴ Ibidem, p. 34.

¹⁵ Idem.

¹⁶ SOUZA, Adriana Barreto de. *Pesquisa, escolha biográfica e escrita da história: biografando o duque de Caxias*. História da Historiografia. Ouro Preto, n. 9, agosto 2012, p. 107.

modelos”.¹⁷ A partir dessa perspectiva, entendemos que a criação do retrato gerado nesse gênero de escrita foi uma consequência das derivações dos vínculos existentes entre as escolhas, operações e intervenções metodológicas realizadas pelos biógrafos.

Posto isso, depreendemos que, ao narrar a vida de um indivíduo por meio da escrita biográfica, assim como qualquer outra historiografia, o autor faz escolhas e intervenções metodológicas que possivelmente não abarcam a vida do biografado como um todo. As complexas relações sociais vividas são selecionadas, transcritas, recortadas, traduzidas e contextualizadas pelas intenções de construção da imagem por cada biógrafo. Desse modo, as pesquisas com recorte biográfico tornam-se um espaço para se compreender o social e as relações de poder que lhe são intrínsecas.

Adolf Hitler, talvez, tenha sido uma das figuras históricas mais importantes do século XX. Suas ações, o partido que liderou, seu programa político, a Segunda Guerra Mundial, que muitos dizem que só existiu por causa de Hitler, o holocausto e tudo que envolveu essa figura, gerou e gera interesse. Mesmo depois de setenta e quatro anos da sua morte, todos espectros que cercam o seu nome têm uma presença constante e duradora não apenas em produções – como filmes, documentários, peças, livros, relatórios, programas de televisão –, mas também no imaginário das pessoas.

Entretanto, como visto no levantamento, o número de biografias escritas por historiadores é pequeno perante a massa de materiais que tem Adolf Hitler como figura central. Uma das explicações para isso, possivelmente, é derivada da própria função de uma narrativa biográfica. Esta exerce o papel de construtora das imagens daqueles que são biografados, neste sentido, os biógrafos são os “engenheiros dessa construção”.¹⁸ Assim, entendemos esse gênero de escrita como um instrumento para instituição de memória ao construir imagem do biografado. A biografia ganha um componente memorialista, instituindo uma memória do biografado e a perpetuando essa imagem através do tempo. A reprodução das vidas dos indivíduos por meio dela é uma forma de lembrar, e assim fixar essas histórias na memória e perpetuá-las. A biografia, muitas vezes, é responsável pelos traços de memória de que somos herdeiros.¹⁹ A função descrita, em relação a figura emblemática que foi Hitler, tornar-se um dos elementos para compreender essa quase ausência de historiadores produzindo biografias do líder nazista.

¹⁷ Idem.

¹⁸ Ibidem, p. 118.

¹⁹ Idem.

Todavia, ainda na década de 1950, o historiador britânico Alan Bullock produziu uma das biografias do líder político nazista mais famosas mercadologicamente e uma das que mais influenciaram estudos de Adolf Hitler posteriores.

Consideramos a escrita da história como um dos mecanismos para a construção dos discursos sobre o passado. Entendemos, no entanto, que os temas e análises fundamentais da história variam segundo o tempo, o espaço e a instituição do historiador. O discurso sobre o passado é um objeto em constante transformação, o que torna a biografia, pensando esta como historiografia, um material em permanente análise e suscetível a mudanças. Como afirmou François Dosse, escrever a vida é um horizonte inacessível, entretanto, incentivado pelo desejo de narrar e compreendê-la. Em que todas as gerações concordaram com esse gênero de escrita. Contudo, cada uma se apropriou dessa tarefa a partir de elementos próprios, disponíveis no momento. E, assim como a história, a biografia se escreve primeiro no presente.²⁰

Deste modo, apreendemos as biografias como instrumentos que oferecem uma imagem do passado, isto é, a biografia como uma forma de escrita da história e sua narrativa como o local onde os autores traduziram uma ação, comunicaram, concretizaram e deram autoridade àquilo que queriam dizer sobre o biografado.²¹ Tendo em mente que essas obras são constituídas por instituições (nas quais o biógrafo se encontra) e que, por meio delas, apoderam-se do objeto passado e o transmitem aos membros da sociedade, construindo, assim, uma memória social herdada, partilhada.²²

Portanto, a escrita biográfica se apresenta, na presente pesquisa, como uma importante fonte histórica, na medida em que ela pode retratar a sociedade e as ações de uma personagem, assim como do próprio biógrafo Alan Bullock.²³ O que, tendo em vista que o próprio Bullock definiu *Hitler: A Study in Tyranny* como uma narrativa histórica, torna essa biografia um local para buscarmos entender como o biógrafo retratou Adolf Hitler. Este foi um indivíduo com funções pré-determinadas, cujas ações foram condicionadas pelo em torno do biografado, foi um agente histórico que se sobrepôs ao

²⁰ DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: escrever uma vida*. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009, p. 11.

²¹ SKINNER, Quentin. *Visões da política: sobre os métodos históricos*. Algés: Difel, 2005. Tradução de João Pedro George – original publicado pela Cambridge University Press, 2002, p. 113.

²² POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, v. 5, n. 10, 1992, p. 201.

²³ SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *Biografia como fonte histórica*. Cadernos de Pesquisa do CDHIS, São Paulo, n.º. 36/37, 2007, p. 9.

contexto social ou, como assinalou Adriana Barreto de Souza, o biógrafo fez uma associação dessas duas perspectivas, relatando papel do indivíduo, no caso Adolf Hitler, no devir histórico.

Esta pesquisa tem a expectativa de penetrar em um campo historiográfico, o de tomar as biografias como fonte de pesquisa. A partir dessa perspectiva, tomamos a biografia *Hitler: A Study in Tyranny*,²⁴ escrita pelo historiador Alan Bullock, em 1952, como fonte de pesquisa. Ao conceber a biografia como escrita da história, a pesquisa tem, como ponto principal, entender a construção do retrato de Hitler na narrativa biográfica. Entendemos *retrato* como uma representação construída, historicamente, em espaço e tempo determinados, que tem como intencionalidade expressar uma realidade social. Isto é, o retrato de Adolf Hitler, na narrativa biográfica de Alan Bullock, foi construído historicamente, em dado momento e espaço, com a intenção de representar a personagem, o que torna esse *retrato* uma expressão particular do biografado.

Biografias, como outros escritos historiográficos, desenvolvem uma “ideia” de seus objetos que é particular, fazendo com que o biógrafo possa ser considerado, como afirmou Adriana Barreto de Souza, como um engenheiro construindo uma imagem.²⁵ Isto se contrapõe a uma noção do campo de estudos de história das ideias segundo a qual, as histórias das ideias seriam o esforço de identificar o conjunto único de questões que orientariam os trabalhos de pensadores de múltiplas gerações. Para Quentin Skinner, este tipo de percepção é derivada de uma série de confusões que vem “assombrando as histórias das ideias”.²⁶ Essa percepção, induz pensar que existe uma continuidade em cada texto, como se os autores escrevessem apenas para dar prosseguimento a uma ideia que atravessasse os diferentes tempos em que suas obras são escritas, tendendo a, assim, perpetuar uma imagem que já foi construída por determinado autor, anteriormente. Isto acaba por colocar um obstáculo ao trabalho do historiador, ficando ele, ao analisar um texto, impedido de buscar compreender o que cada autor pretendia ao apresentar sua “contribuição particular” sobre um tema aparentemente comum a outros.

²⁴ Com a fonte de pesquisa definida, fizemos um segundo levantamento: onde e quais edições da biografia escrita por Alan Bullock existem em nosso país. Fizemos um mapeamento em todas as bibliotecas públicas do Brasil por meio de sítio eletrônico. Essa busca proporcionou encontrar a primeira edição da biografia *Hitler: Estudio de una tiranía*, do historiador Bullock, na biblioteca da Universidade Federal de Minas Gerais, no prédio de Arquitetura. Em posse dessas duas versões, analisaremos as mudanças textuais que autor fez em sua própria obra. E, por consequência, as implicações que as mudanças produziram no processo de construção do retrato de Adolf Hitler.

²⁵ SOUZA, Adriana Barreto de, 2012, p. 118.

²⁶ SKINNER, Quentin, op. cit., p.82.

Mesmo sendo difícil negar que os historiadores de distintas tradições intelectuais utilizem terminologias estáveis, de acordo com Skinner, cada um formula e responde a perguntas de maneira muito própria em decorrência de seu contexto de fala, que remete ao seu mundo social ao seu universo intelectual e a sua conjuntura específica. Sendo assim, Skinner considerou um equívoco pensar que as ideias são utilizadas de forma estável, pois, por mais similares que possam ser os objetos e as ideias construídas sobre eles, as motivações são potencialmente distintas, as teorias são empregadas com estruturas diferentes e cada pensador utilizou elementos próprios para compor suas ideias particulares daquilo sobre o que escreveu.

Ademais, o texto, para a história das ideias, é um objeto de estudo e interpretação para a compreensão do significado transmitido do que foi dito e o valor que o autor atribuiu às suas afirmações.²⁷ O autor salientou que um dos grandes erros dos historiadores das ideias é analisar o texto como fonte de investigação autossuficiente, concentrando-se exclusivamente no que cada autor diz, deste modo, procurando reconstruir o sentido e significado das obras. Para Skinner, o papel do historiador vai além de reconstruir significados, diante de um texto ele deve agir como arqueólogo “trazendo de volta para a superfície tesouros intelectuais enterrados [...]”.²⁸ O historiador deve estar comprometido com a descoberta da presença das matrizes discursivas nas quais o discurso foi realizado em determinado momento.

Conforme afirmou o autor, o historiador deve ir além do significado que o texto aparentemente transmite. Para compreender as afirmações feitas no texto, devemos buscar alcançar o significado do que foi dito. “Para além de tentar descortinar o significado do que eles disseram, devemos ao mesmo tempo procurar compreender o que é que eles queriam dar a entender com aquilo que estavam a afirmar”.²⁹ Portanto, para Skinner, se trata de *intenções* identificáveis no e pelo próprio texto, ainda que não tenham sido explicitamente formuladas.

Na pesquisa, nossa análise não busca encontrar uma definição singular e definitiva de Adolf Hitler, como se a biografia fosse um estudo da continuidade da ideia do biografado, mas, sim, o uso que foi feito e concretizado dessa ideia pelo biógrafo Alan Bullock, ou seja, os contornos particulares do retrato de Hitler pintado por Alan Bullock.

²⁷ Ibidem, p.83.

²⁸ SKINNER, Quentin. *Liberdade antes do liberalismo*. São Paulo: Editora Unesp, 1999, p. 90.

²⁹ SKINNER, Quentin, 2001, p.117.

A partir dessa perspectiva, a biografia vai ser nesta dissertação objeto de uma leitura “vertical”, ou melhor, uma leitura sistemática da obra escrita por Bullock, por meio de recursos metodológicos quantitativos e qualitativos. Nesse sentido, buscamos compreender as intenções de escrita e os sentidos que influenciaram o autor ao construir o retrato de Adolf Hitler, tendo como base para a investigação a pergunta que norteará a análise: qual a centralidade do papel de Hitler na história da Alemanha no decorrer da narrativa biográfica do Alan Bullock?³⁰

Ainda na biografia, entendemos que o biógrafo não se encontra em uma “torre de marfim”, resgatando a perspectiva de Michel de Certeau, mas sim exercendo seu ofício em determinado contexto histórico, social, político, econômico e cultural, e a ele se associando.³¹ Deste modo, no primeiro capítulo, pensaremos Bullock como o produtor de conhecimento sobre Adolf Hitler. Isto nos servirá de partida para o questionamento de quem foi esse historiador, onde ele estava inserido quando produziu a biografia, como foi definido em relação aos outros investigadores e qual o processo de produção e circulação da obra.

Apresentaremos a obra *Hitler: A Study in Tyranny* buscando traçar a trajetória da biografia desde o seu período de produção até o seu lançamento. Mapearemos as críticas que a obra recebeu ao ser lançada, a sua recepção pelo meio acadêmico, em específico pelos historiadores; as repercussões obtidas e as mudanças estruturais na biografia que ocorreram com a publicação de outras edições. Como também, ao recompor a trajetória profissional de Alan Bullock, tentaremos pensar o autor em seu tempo e espaço. Interessamos saber como sua trajetória como historiador contribuiu para que produzisse o retrato da personagem histórica Adolf Hitler.

Temos em mente que são infundáveis os estudos sobre a Segunda Guerra Mundial, III Reich e Hitler. Com base nessa constatação, no capítulo dois, nossa preocupação se concentra em como esses estudos abordaram o mesmo tema, de modos diferentes. Em meio a essa grande quantidade de interpretações e a partir da observação das primeiras

³⁰ A historiografia, em seu tratamento histórico dado a Hitler, pensa a personagem a partir de uma questão em específico, o lugar de Hitler na história: ele foi o grande ideólogo de tudo ou apenas um nome dentro do Regime Nazista? Essa questão se divide em duas vertentes interpretativas, uma minimiza o peso atribuído ao papel pessoal de Hitler e nega a existência de uma prática significativa de um poder individualizado autônomo. No extremo oposto, a vertente que eleva o poder pessoal de Hitler, onde a história da Alemanha, entre 1933 e 1945, fica reduzida a uma expressão da vontade do ditador. (KERSHAW, Ian. *Hitler, um perfil de poder*. Tradução: Vera Ribeiro – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993, p. 13-14).

³¹ CERTEAU, Michel de. *A Escrita da história*. Tradução de Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica [de] Arno Vogel – Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982, p. 66.

explicações, delimitamos as obras *Hitler me dijo* (1939)³² do nacional-socialista *Hermann Rauschning*; *Hitler: a vida de um ditador* (1936),³³ a biografia sobre Adolf Hitler do jornalista Konrad Heiden; e *Os últimos dias de Hitler* (1947)³⁴ do historiador britânico H. R. Trevor-Roper, que ganharam destaque, notoriedade e popularidade tanto no meio acadêmico quanto no grande público, o que possibilita uma análise mais pormenorizada. E, desta forma, mapearemos as imagens consolidadas de Hitler no período de 1930 até a publicação de *Hitler: A Study in Tyranny*.

No terceiro, a biografia *Hitler: A Study in Tyranny*³⁵ será o objeto de análise para a compreensão de parte da formulação do retrato de Hitler. Para isso, buscaremos identificar os autores, pessoas, pensadores e livros publicados que auxiliaram Bullock em sua tarefa de narrar a vida de Adolf Hitler. Como também, os efeitos que esses “materiais de construção” tiveram na narrativa biográfica do historiador.

Analisaremos, no quarto capítulo, como Bullock construiu a personagem histórica Adolf Hitler, através de suas estratégias de escrita, a fim de depreender qual a centralidade do papel de Hitler na história da Alemanha, no decorrer de sua narrativa, isto é: o título da obra, o prefácio do editor e autor, a ausência de informações, enunciações, conceitos, argumentos, as “questões paradigmáticas”, as intervenções e etc.

³² RAUSCHNING, Hermann. *Hitler me dijo...confidencias del Führer sobre sus planes de dominio del mundo*. Madrid: Ediciones Atlas, 1940.

³³ HEIDEN, Konrad. *Hitler: a vida de um ditador*. Tradução Álvaro Franco. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1939.

³⁴ TREVOR-ROPER, H. R. *Os últimos dias de Hitler*. Tradução José B. Mari. São Paulo: Editora Flamboyant, 1949.

³⁵ Optamos por usar a primeira edição, na busca de verificar o retrato original que Bullock construiu de Adolf Hitler. Assim como também iremos traduzir as citações extraídas da obra.

CAPÍTULO I

ALAN BULLOCK E *HITLER: A STUDY IN TYRANNY*

A história se refere a um fazer que é o seu (“fazer história”) e também àquele da “sociedade que especifica uma produção científica”.³⁶ A operação histórica é condicionada à relação combinatória do lugar social onde o historiador está inserido, as práticas científicas de que dispõe e o modo como apresenta o resultado de sua pesquisa (a escrita). A pesquisa historiográfica se vincula a um lugar de produção socioeconômico, político e cultural, o que acarreta em um meio de elaboração delineado por determinações próprias. É por meio deste lugar que se estabeleceram/estabelecem os “métodos”, que se define uma “topografia de interesses”, que os documentos e os questionamentos se ordenam.³⁷ Comumente, cada sociedade se pensa “historicamente” a partir dos seus próprios instrumentos,³⁸ mas, como afirmou Michel de Certeau, o gesto que une as “ideias” aos lugares é, indiscutivelmente, um gesto do historiador.³⁹

Desse modo, e ao conceber o seu livro como fonte de escrita da história, tomaremos o historiador Alan Bullock como objeto de análise. Ao pensar Bullock como produtor de conhecimento sobre Adolf Hitler, tendo como instrumento para tal fim a biografia *Hitler: A Study in Tyranny*, devemos questionar o lugar em que esse historiador estava inserido, quem ele foi e como foi definido em relação aos outros investigadores.

Uma vez que a sua operação historiográfica foi realizada e concretizada por meio da biografia, iremos recompor a trajetória da própria obra. Assim, apresentaremos a obra *Hitler: A Study in Tyranny*, buscando traçar a trajetória da biografia desde o seu período de produção até o seu lançamento. Mapearemos as críticas que a obra recebeu ao ser lançada, a sua recepção pelo meio acadêmico, em específico pelos historiadores; as repercussões obtidas e as mudanças estruturais na biografia – como prefácio, epílogo e imagens – que ocorreram com a publicação de outras edições.⁴⁰ Almejamos, dessa forma,

³⁶ CERTEAU, Michel de, op. cit., p. 57.

³⁷ Ibidem, p. 66.

³⁸ Ibidem, p. 78.

³⁹ Ibidem, p. 65.

⁴⁰ Mesmo não tendo como pretensão fazer uma análise da edição revisitada da biografia de Alan Bullock, e sabendo que muitas delas são exigências editoriais, temos como intenção identificar as alterações estruturais – em específico no prefácio e epílogo, a divisão da estrutura física da biografia e as imagens – ocorridas entre as edições. Consideramos que essa é uma maneira de observar parte dos elementos narrativos que permitiram Bullock traçar ou até mesmo modificar o seu retrato de Adolf Hitler – a análise substancial da primeira edição será realizada nos capítulos três e quatro da presente pesquisa.

ter uma maior compreensão de quem foi o historiador britânico Alan Bullock e sua biografia *Hitler: A Study in Tyranny*.

1.2 O historiador Alan Bullock

Alan Louis Charles Bullock nasceu em Trowbridge, Condado de Wiltshire, em 13 de dezembro de 1914. Sua mãe, Hilda Yates, foi empregada doméstica e seu pai, Frank Bullock, foi jardineiro e, posteriormente, pastor protestante. Alan Bullock, ainda era uma criança quando sua família se mudou para Bradford, norte da Inglaterra, em 1926. Bullock passou a estudar na Escola de Gramática de Bradford.⁴¹ Apesar de suas origens humildes, após o ensino médio, ele conseguiu obter uma bolsa para estudar História antiga e História moderna, no Wadham College, em Oxford, formando-se em 1938.⁴²

Em seguida, trabalhou como assistente de pesquisa para Winston Churchill, que, no período, estava escrevendo sua *A history of the english speaking people*. Casou, em 1940, com Hilda Handy, com quem teve três filhos. Nesse período, Bullock não conseguiu se alistar por problemas de saúde – sofria de asma – e atuou como correspondente diplomático da *British Broadcasting Corporation-BBC* durante a Segunda Guerra Mundial.⁴³ E foi pela sua atuação como correspondente que se tornou conhecido pelo público em geral, uma figura nacional, ao aparecer no programa de rádio da BBC *The Brains Trust*, permanecendo nesse trabalho por quatro anos.⁴⁴

Tempos depois, Bullock voltou para Oxford como mestre de história moderna no *New College* (1945-1952). Em 1952, foi considerado como figura fundamental para sua transformação de *St. Catherine's Society* em *St. Catherine's College*, em 1962. Essa oportunidade foi-lhe apresentada ao tomar a direção da *St. Catherine's Society*, uma associação direcionada para estudantes universitários, em Oxford, com recursos limitados,⁴⁵ que a partir da sua gestão, passou a ter um lugar dentro do campus para hospedar esses alunos. Oito anos depois tornou-se vice-chanceler da Universidade de

⁴¹ SIMKIN, John. Alan Bullock. In: Spartacus Educational. Disponível em: <<http://spartacus-educational.com/HISbullock.htm>>. Publicado em: setembro de 1997. Acesso em: 22 dez. 2018.

⁴² The Guardian. *Lord Bullock of leafield*. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/news/2004/feb/03/guardianobituaries.obituaries>>. Acesso em 20 dez. 2018

⁴³ The Scotsman. *Lord Bullock*. Disponível em: < <https://www.scotsman.com/news/obituaries/lord-bullock-1-512377> >. Publicado em: 4 de fevereiro de 2004. Acesso em 28 de dezembro de 2018.

⁴⁴ DICKSON, Peter. *Lord Bullock*. In: The Independent. Disponível em < <https://www.independent.co.uk/news/obituaries/lord-bullock-37926.html> >. Publicado em: 3 fevereiro de 2004. Acesso em: 15 dez. 2018.

⁴⁵ Ibid.

Oxford, sendo o primeiro nomeado para um mandato de quatro anos em vez de dois, conforme recomendado pela Comissão de Franks de 1966. Na universidade, exerceu seu cargo durante um período difícil de agitação estudantil.⁴⁶ A partir da sua trajetória acadêmica, tornou-se um reconhecido especialista em história europeia do século XX.

Bullock foi considerado, segundo o *The Washington Post*, como um titã da história moderna; sua reputação também decorreu de atividades além da universidade. Fora de Oxford, era um dos favoritos entre os jornalistas do *Observer*, tornando-se administrador do jornal (1957-1969) após a operação de Suez, de 1956.⁴⁷ A presidência do Comitê Consultivo Nacional sobre Treinamento e Fornecimento de Professores (1963-65) e o Conselho da Escola (1966-1969) o levou à sua nomeação (por Margaret Thatcher como Secretária de Estado) para presidir a Comissão de Inquérito sobre Leitura e uso do inglês (1972-74), cujo relatório foi publicado como *A Language for Life*, no ano posterior. No ano de 1968, Bullock foi eleito membro da Academia Britânica.⁴⁸

Já em 1972, foi nomeado cavaleiro do Império; quatro anos depois, em 1976, o governo trabalhista de Harold Wilson fez dele Barão; ele recebeu o título de Baron Bullock de Leafield, no condado de Oxfordshire. Em 1973, Bullock se tornou presidente dos curadores da Galeria Tate, servindo por sete anos.⁴⁹ Em 1976, o governo pediu-lhe para presidir a Comissão de Inquérito da Democracia Industrial, para aconselhar como os representantes sindicais poderiam ser colocados em conselhos de empresas nos setores público e privado. Em 1980, renunciou como mestre de *St. Catherine's Society* para se dedicar a outros trabalhos acadêmicos. E, em 1981, Alan Bullock foi membro fundador do Partido Social Democrata (mais tarde o Partido Liberal Democrata) e continuou dando palestras até 1997.⁵⁰

⁴⁶ The Guardian. *Lord Bullock of leafield*. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/news/2004/feb/03/guardianobituaries.obituaries>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

⁴⁷ BERNSTEIN, Adam. *Alan Bullock, historian of Hitler and Stalin, dies*. In: The Washington Post. Disponível em: <<https://www.washingtonpost.com/archive/local/2004/02/04/alan-bullock-historian-of-hitler-and-stalin-dies/9de38abb-e056-4b31-b408-e8f732d55734/?noredirect=on>>. Publicado em: 4 de fevereiro de 2004. Acesso em: 27 dez. 2018.

⁴⁸ DICKSON, Peter. *Lord Bullock*. In: The Independent. Disponível em: <<https://www.independent.co.uk/news/obituaries/lord-bullock-37926.html>>. Publicado em: 3 de fevereiro de 2004. Acesso em: 15 dez. 2018.

⁴⁹ SAXON, Wolfgang. *Alan Bullock, 89, a British historian who wrote a life of Hitler*. In: The New York Times. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2004/02/05/world/alan-bullock-89-a-british-historian-who-wrote-a-life-of-hitler.html&prev=search>>. Acesso em 18 de dezembro de 2018.

⁵⁰ DICKSON, Peter. *Lord Bullock*. In: The Independent. Disponível em: <<https://www.independent.co.uk/news/obituaries/lord-bullock-37926.html>>. Publicado em: 3 de fevereiro de 2004. Acesso em: 15 dez. 2018.

Em paralelo a tudo isso, teve um papel ativo no *The Aspen Institute*, nos Estados Unidos e na Alemanha, resultando na publicação de suas palestras de pesquisa, em 1985, como *The Humanist Tradition in the West*; e passou a ser conhecido e próximo dos principais estadistas alemães, incluindo Willy Brandt, Helmut Schmidt e Richard von Weizsäcker, o que indicava o reconhecimento estrangeiro de suas conquistas.⁵¹

O historiador também teve uma vasta quantidade de livros publicados e com grande destaque. Entre suas obras, incluíram-se, em 1956, a publicação do livro *The Liberal Tradition: From Fox to Keynes*; em 1960, *The Life and Times*, uma biografia de três volumes sobre Ernest Bevin, líder sindical, líder do Partido Trabalhista e Secretário de Relações Exteriores nos anos quarenta; e *The Humanist Tradition in the West*, em 1985.⁵²

Como dito, Margaret Thatcher confiou a direção de uma investigação oficial sobre o uso e a leitura do inglês, cujos resultados foram publicados em *A language for live*, em 1975. Foi também editor do *The Harper Dictionary of Modern Thought* (1977).⁵³ Em 1992, Bullock publicou outra biografia, *Hitler and Stalin: Parallel Lives*, que, no estilo de Plutarco, tentou mostrar a vida paralela de dois dos líderes políticos mais importantes do século XX.⁵⁴ Por fim, em sua última publicação antes do seu falecimento, em 2 de fevereiro de 2004, Bullock lançou o *Building Jerusalem: A Portrait of My Father* (2000), no qual revelou os detalhes da vida de seu pai, Frank Bullock, que passou do aprendiz de jardinagem para pastor protestante em Bradford.⁵⁵

Como podemos observar, Alan Bullock, no decorrer da sua vida, adquiriu reconhecimento como personalidade intelectual, acadêmica e influente na esfera política. Mas foi, ainda em 1952, com a publicação da biografia de Adolf Hitler, *Hitler: A Study*

⁵¹ DICKSON, Peter. *Lord Bullock*. In: The Independent. Disponível em: <<https://www.independent.co.uk/news/obituaries/lord-bullock-37926.html>>. Publicado em: 3 de fevereiro de 2004. Acesso em: 15 dez. 2018..

⁵² SIMKIN, John. *Alan Bullock*. In: Spartacus Educational. Disponível em: <<http://spartacus-educational.com/HISbullock.htm>>. Publicado em: setembro de 1997. Acesso em: 22 dez. 2018.

⁵³ Idem.

⁵⁴ KAKUTANI, Michiko. *Books of The Times; Hitler and Stalin: a double portrait of tyrants* (Archives). In: The New York Times. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1992/04/03/books/books-of-the-times-hitler-and-stalin-a-double-portrait-of-tyrants.html>>. Publicado em: 3 de abril de 1992. Acesso em: 29 dez. 2018.

⁵⁵ The Guardian. *Lord Bullock of leafield*. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/news/2004/feb/03/guardianobituaries.obituaries>>. Acesso em: 20 dez. 2018.

in *Tyranny*, que o historiador britânico ganhou projeção mundial, tornando-se um dos pilares explicativos do líder nazista.⁵⁶

1.3. A biografia *Hitler: A Study in Tyranny*

A biografia *Hitler: A Study in Tyranny* começou a ser gestada de novembro de 1945 a outubro de 1946, período em que ocorreu o julgamento de Nuremberg.⁵⁷ Alan Bullock foi uma das poucas pessoas que tiveram acesso imediato à documentação do tribunal que processou criminosos de guerra nazistas.⁵⁸ Concentrando-se no Terceiro Reich de Hitler, ele examinou as minutas produzidas com os relatos dos criminosos de guerra. E por sugestão do erudito Alfred Leslie Rowse, em Oxford, e da editora *Odhams Press*, Bullock produziu a primeira narrativa abrangente da vida de Hitler.

Segundo palavras do próprio Alan Bullock:

O que me levou a tentar explicar tudo foi a transcrição dos julgamentos de Nuremberg. [...] A apreensão dos registros da nação mais poderosa do mundo, imediatamente após os eventos! Assim, me vi envolvido com a

⁵⁶ ROSENBAUM, Ron. *Para Entender Hitler A Busca Das Origens do Mal*. Rio de Janeiro: Record, 2003, p. 169.

⁵⁷ O julgamento de Nuremberg teve como mérito ter criado, pela primeira vez na história, o Tribunal Militar Internacional em que se julgaram publicamente os criminosos de uma guerra, no caso, da Segunda Guerra Mundial. Em 18 de outubro de 1945 foi aberto em Berlim o Tribunal Internacional. Os julgamentos começaram em 20 de novembro de 1945, em Nuremberg, onde foram pronunciadas as sentenças a partir de 1º de outubro de 1946. Nesse julgamento, os principais líderes da Alemanha nazista foram indiciados por crimes contra o direito internacional. As acusações foram classificadas em quadro modalidades: conspiração e atos deliberados de agressão; crimes contra a paz; crimes de Guerra; crimes contra a Humanidade. O julgamento durou 285 dias, nos quais foram ouvidas duzentas e quarenta testemunhas. O Tribunal conseguiu um marco: pela primeira vez se julgou grandes lideranças de um Estado por crimes de guerra. Em Nuremberg se colocou em pauta crimes que até então nunca tinham sido julgados, assim como se responsabilizou, também pela primeira vez, as mais altas autoridades do Estado pelas violações do Direito Internacional. Nuremberg representou, assim, o alicerce na construção de um cenário em que os crimes contra a humanidade e o genocídio se tornassem conhecidos e reconhecidos internacionalmente. O Julgamento de Nuremberg foi ainda base dos tribunais internacionais posteriores e um ponto inicial essencial para se escrever a história do Holocausto. Segundo o historiador Bruno Leal Pastor Carvalho, a partir de documentos organizados pelas equipes de pesquisa em Nuremberg surgiram os primeiros trabalhos historiográficos sobre a “Solução Final” – ou, no caso de Alan Bullock, a primeira biografia pós-guerra de Adolf Hitler, tornando-se, assim, um marco importante para os estudos sobre o nazismo e suas consequências. [CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. O Tribunal de Nuremberg: origens, desafios e significados (Artigo). In: *Café História – história feita com cliques*. Disponível em: <<https://www.cafehistoria.com.br/o-tribunal-de-nuremberg/>>. Publicado em: 16 setembro de 2017. Acesso: 22 dez. 2018; PEREIRA, Wagner Pinheiro. *O julgamento de Nuremberg e de Eichmann em Jerusalém: o cinema como fonte, prova documental e estratégia pedagógica*. Disponível em: <http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/nuremberg/eichmann_nuremberg_israel.pdf>. Acesso em: 22 dez. 2018].

⁵⁸ SAXON, Wolfgang. *Alan Bullock, 89, a British historian who wrote a life of Hitler*. In: The New York Times. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2004/02/05/world/alan-bullock-89-a-british-historian-who-wrote-a-life-of-hitler.html&prev=search>>. Acesso em: 18 dez. 2018.

publicação desse material e, então, do nada, surgiu um convite para escrever a vida de Hitler.⁵⁹

A biografia escrita por Bullock foi e é considerada uma das obras mais populares e influentes já escritas;⁶⁰ foi um sucesso de venda instantâneo em ambos os lados do atlântico, além de se tornar *best-seller* em vários países, como Espanha, França e em seu país de origem, a Inglaterra.⁶¹ No último levantamento feito, a obra alcançou a marca de 3 milhões de exemplares vendidos e sua versão revisada continua em catálogo. As biografias escritas posteriormente, bem como os estudiosos de Adolf Hitler, têm Bullock como referência, uma matriz discursiva.⁶²

Como a primeira biografia substancial no pós-guerra e em decorrência do grande sucesso de vendas e da repercussão positiva, a obra foi relançada, 10 anos depois, em uma edição revisitada.⁶³ Com base nessa informação, neste momento, delimitamos o prefácio e o epílogo das duas edições como elementos estruturais para comparação. Pois acreditamos que o prefácio seja o local onde o biógrafo indicou as coordenadas de como o leitor deveria ler a biografia – o que esperar ou não durante a leitura – e o epílogo como o momento em que Bullock fechou e resumiu o seu estudo. Isto é, delimitamos, para a comparação, os locais que Bullock começou a desenhar e finalizou o seu retrato de Adolf Hitler.

Hitler: A Study in Tyranny, na primeira e na edição de 1962, foi uma obra que dividiu a vida de Adolf Hitler em quatorze capítulos. De forma categórica, não existiram muitas alterações entre as duas edições. Na primeira, a única divisão interna da biografia ocorreu entre um capítulo e outro. Na segunda, a obra teve sua estrutura interna dividida em livros, em específico, em três grandes livros: *Party Leader*, 1889-1933; *Chancellor*, 1933-9; *War-Lord*, 1933-45. No entanto, continuou com o mesmo número e títulos de capítulos, e a quantidade de páginas dedicada a cada um deles permaneceu mais ou menos a mesma. Como veremos de forma detalhada no quarto capítulo, a nomeação de cada livro foi similar com os temas por meio do qual Bullock estruturou sua narrativa na primeira edição.

Entretanto, algumas modificações ocorreram, de fato, entre a primeira edição e a versão revisitada. No prefácio da obra, Bullock introduziu a leitura da biografia

⁵⁹ ROSENBAUM, Ron, op. cit., p. 168.

⁶⁰ LUKACS, John, 1995, p. 21.

⁶¹ A obra não ganhou versão traduzida para o português.

⁶² ROSENBAUM, Ron, op. cit., p. 169.

⁶³ LUKACS, John, op. cit., p. 21.

utilizando-se das mesmas palavras, reforçando os objetivos de escrita e definindo os questionamentos que o motivaram a encarar a tarefa de narrar a vida de Adolf Hitler. No entanto, no decorrer da escrita, alterações foram realizadas.

Ao contrário do que ocorreu na edição de 1952, na qual elencou uma vasta quantidade de fontes que auxiliaram em sua escrita, o biógrafo, na versão revisitada, dedicou uma parte importante do prefácio para se desculpar com Alan John Percival Taylor – historiador britânico que se especializou em história da diplomacia europeia nos séculos XIX e XX, e também professor de Oxford.

Estou em dívida com as Origens da Segunda Guerra Mundial do Sr. A. J. P. Taylor, que me estimulou a reler toda evidência documental sobre a política externa de Hitler nos anos de 1933-9. O fato de não concordar com o Sr. Taylor na sua opinião de Hitler e sua política externa, [...] não reduz minha dívida para com ele ao me estimular dar uma olhada crítica na minha própria análise.⁶⁴

Em ambas as edições, Bullock fez agradecimentos ao historiador Trevor-Roper. Na sua obra de 1952, *Os últimos dias de Hitler* (Trevor-Roper) foi mencionada como uma das obras notáveis publicadas no período anterior à biografia *Hitler: A Study in Tyranny*. Na biografia de 1962, Bullock disse que entre os escritores com os quais mais aprendeu durante o intervalo da publicação original e a revisitada, Trevor-Roper deveria ser mencionado devido ao fato de seu ensaio intitulado *The Mind of Adolf Hitler* tê-lo convencido fazer uma releitura mais cuidadosa da obra *Hitler's table talk*.⁶⁵

Consideramos que uma das mudanças significativa na biografia foi a extração das imagens. Na primeira edição, sessenta e três imagens de vários momentos da vida de Hitler complementaram a narrativa da biografia: desde a fotografia dos seus pais, com seus colegas de escola, da cervejaria que foi local para a fundação do partido nazista, das aquarelas pintadas por Hitler, imagem do julgamento da sua tentativa de golpe de Estado, encontros com outros estadistas, em momentos íntimos com Eva Braum, cenas dos seus discursos, a comemoração da tomada de Paris e até imagem de outros membros do partido nazista. Na edição revisitada, apenas dezenove compuseram a obra: Hitler em discursos públicos, em seu encontro com Hindenburg, em reuniões com seus generais do exército,

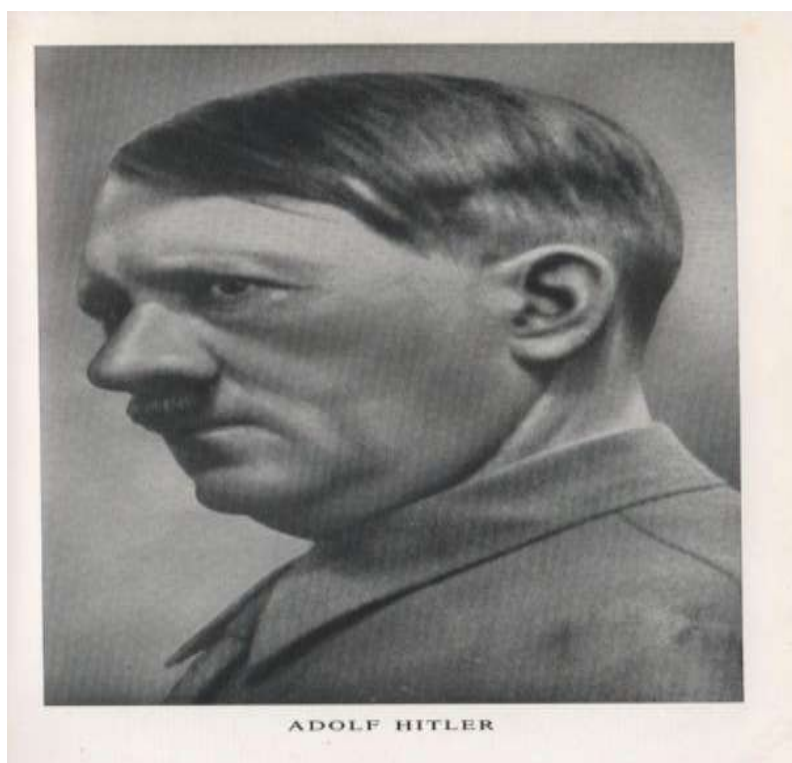
⁶⁴ BULLOCK, Alan. *Hitler: A Study in Tyranny*. Ed. Rev., 1962, p. 16.

⁶⁵ *Hitler's Table Talk* foi o título dado a uma série de monólogos da Segunda Guerra Mundial realizados por Adolf Hitler, transcritos de 1941 a 1944. As declarações de Hitler foram gravadas por Heinrich Heim, Henry Picker e Martin Bormann, e depois publicadas.

em momento de lazer com Eva Braum e seu cachorro e uma fotografia de Braum sozinha.⁶⁶

A capa de ambas as edições britânicas foi a mesma, apenas contendo o nome da obra e do biógrafo e informações editoriais. Assim como na contracapa havia um retrato de perfil de Adolf Hitler com uma expressão séria e fixa, trajando sua roupa oficial de guerra. Como podemos observar:

Imagem 01 – Adolf Hitler



Fonte: BULLOCK, Alan. *Hitler: Estudio de una tiranía*. Editorial Grijalbo, 1959.

Com isto, podemos identificar que na primeira edição, as imagens presentes na biografia retrataram Hitler desde a sua infância até se tornar o chanceler da Alemanha.

⁶⁶ Dentre elas, dez imagens não figuraram na primeira edição original, as nove imagens que se repetiram foram: uma foto tirada em 1923, que mostrou Hitler com a idade de trinta e quatro anos; a imagem da árvore genealógica da família de Hitler; dois mapas de guerra; Hitler em Munique durante o início dos anos 20; Hitler sendo saudado pelos membros do Partido quando ele saiu de uma reunião nos primeiros anos de sua luta; o Führer em uma reunião do partido em Weimar, em julho de 1926; Hitler e o presidente Hindenburg: a imagem retratou o chanceler recebendo o presidente em uma cerimônia oficial em Berlim, em 1934; e o registro da cena na Igreja da Guarnição de Potsdam em 21 de março de 1933, no qual Hitler apareceu lendo seu discurso diante do Presidente e dos membros do Reichstag.

Na edição revisitada, as imagens reproduziram a vida de Hitler a partir do período que ele começou a ser tornar uma figura política conhecida, de 1923 a 1945.

O epílogo da obra permaneceu o mesmo após dez anos. Alan Bullock não mudou seu conteúdo narrativo, exceto pela modificação de algumas palavras. A única exceção foi o acréscimo de um parágrafo final para informar que as alterações de uma edição para a outra foram a inclusão de fontes e a indicação de outras importantes fontes sobre o tema.

Esta biografia revisitada levou em conta apenas em primeira mão as fontes, incluindo revistas e memórias; inclui obras secundárias somente quando estas fizeram uso de material original não publicado antes. O melhor periódico para acompanhar novas publicações é o *Vierteljahrshefte für Zeitgeschichte*, publicado pelo instituto de Munique *Zeitgeschichte*. O estudante interessado também deve consultar partes do catálogo da *Wiener Library*, em Londres. Duas valiosas fontes, normalmente não disponíveis para o historiador, sobre as quais eu fui capaz de desenhar os noticiários alemães destes anos e as gravações dos discursos de Hitler em sua própria voz.⁶⁷

Nessa parte da biografia, nas duas edições, o biógrafo se dedicou à tarefa de fazer reflexões do lugar de Hitler na história. Não do lugar que realmente ocupou, mas do lugar que Bullock considerou que ele devesse ocupar.

Consequente, identificamos que em ambas as partes existiram mudanças ínfimas, e a partir da leitura das duas edições, consideramos que não houve mudança na imagem final que Bullock construiu de Hitler. Mas, a nosso ver, o que ocorreu foi o deslocamento do enfoque narrativo de determinados assuntos. Em alguns casos, os temas diminuíram sua relevância na narrativa e em outros ganharam mais ênfase.

Foi o caso do período que correspondeu aos primeiros anos de vida de Adolf Hitler e os anos anteriores à Segunda Guerra. Na primeira edição, da infância até a ida definitiva de Hitler para Berlim, o biógrafo falou de forma extremamente reduzida sobre esse período. Na edição revisitada deu-se um detalhamento maior, permitindo que o autor oferecesse um retrato mais completo de Hitler nos seus primeiros anos. Mas, em contrapartida, as imagens/fotografias de Hitler nesse período de sua vida foram mais presentes na publicação de 1952. Podemos, assim, conjecturar que essa tenha sido uma estratégia narrativa de Alan Bullock, pois acreditamos que a escassez de informações foi suplementada por fotografias referentes ao período.

Da mesma forma ocorreu com o período pré-guerra, na primeira edição a maior parte da biografia foi utilizada para relatar “a guerra de Hitler”, mas na edição revisitada,

⁶⁷ BULLOCK, Alan, op. cit., p. 809.

Bullock teve uma preocupação maior em tentar compreender as origens da Segunda Guerra; possivelmente, essa preocupação foi derivada da leitura do livro de A. P. J. Taylor, como pontuou no prefácio da edição de 1962, ou por outro fator: devido às publicações de novos documentos e materiais que abordavam os eventos que levaram à Segunda Guerra Mundial.

De um modo geral, a revisitação da obra não inferiu em mudanças sistemáticas no retrato de Adolf Hitler proposto na biografia *Hitler: A Study in Tyranny*, escrita em 1952 por Alan Bullock.

Recepção da obra *Hitler: A Study in Tyranny*

Apesar da sua importância, escrever uma biografia no campo da história não é uma tarefa amplamente praticada. Mesmo que nos anos 70 e 80 tenha existido um esforço de ampliar a produção historiográfica a partir de narrativas biográficas,⁶⁸ tomar a biografia como uma fonte historiográfica torna-se um campo ainda mais restrito. No caso específico de *Hitler: A Study in Tyranny*, dispomos de pouquíssimas narrativas que têm essa obra como objeto de análise. Em sua maioria, a análise limita-se a resenhas críticas, artigos e sínteses de avaliações, isso em uma quantidade escassa.⁶⁹

Dentre essas análises, apresentaremos autores que ganharam destaque ao fazerem um balanço das biografias de Adolf Hitler e entre as análises que se dedicaram a falar sobre o estudo de Bullock, a biografia *Hitler: A Study in Tyranny*.⁷⁰ Assim, pretendemos depreender como foi a recepção da obra, tendo como base as delimitações supracitadas.

A jornalista H. Monteagle, em sua *review* publicada em *Presses Universitaires de France*, em 1954, quando a biografia *Hitler: A Study in Tyranny* ganhou tradução para o francês, definiu a obra como a primeira biografia completa de Hitler, publicada na Grã-Bretanha. E, como enfatizou: “biografia, certamente, acima de tudo”.⁷¹ Segundo Monteagle, Bullock não tentou fazer uma história da Alemanha sob Hitler, mas estudou a juventude, os anos de formação depois a carreira política durante os anos de espera até alcançar o poder monstruoso que era o de Hitler. Para tal fim, o biógrafo utilizou, durante

⁶⁸ PRIORE, Mary Del. *Biografia: quando o indivíduo encontra a história*. Topoi (Rio J.) [online]. 2009, vol. 10, n. 19, pp. 7-16. ISSN 2237-101X. p. 7.

⁶⁹ Foi feita uma pesquisa em sites como banco de dados da Capes; JSTOR, Google acadêmico; Scielo; acervos online das universidades USP, UFRRJ, UERJ e UFF.

⁷⁰ Iremos traduzir as citações extraídas das *reviews*, artigos, resenhas presentes nesta parte do capítulo.

⁷¹ MONTEAGLE, H. *Source: Revue d'histoire de la Deuxième Guerre mondiale*. Presses Universitaires de France, 1954, p. 69.

vários anos, uma massa considerável de documentos. Ainda de acordo com a autora, o livro de Alan Bullock era mais do que uma biografia, a seu ver, era “[...] o relato da vida de Hitler, a pintura de seu caráter, o estudo de suas teorias políticas são completados por desenvolvimentos interessantes sobre suas intrigas políticas e suas negociações diplomáticas”.⁷²

Segundo Gy. Ranki, em uma das análises mais extensas, Alan Bullock enfrentou uma tarefa difícil ao escrever uma biografia de Hitler, pois “há poucas personalidades na história cujos nomes estavam tão intimamente ligados a um período histórico particular e que careciam de todas as qualidades da grandeza humana em grau tal que Hitler”.⁷³ Foi este um criminoso, um maníaco ou um gênio?

De acordo com a análise, Bullock não foi o primeiro a querer responder à questão a partir da evidência de uma investigação científica dos fatos e desejar revelar a verdade objetiva. Para o autor, nenhuma biografia abrangente de Hitler estava disponível até a publicação do livro de Bullock. O trabalho de Konrad Heiden, a primeira biografia escrita, devido a data de sua publicação (1936), o impediu de lidar com a vida, a guerra, além de que os documentos do período eram inacessíveis a ele. Bullock ficou em uma posição mais vantajosa a esse respeito, visto que teve acesso à vida de Hitler como um todo e contou com um material documental muito rico e variado. Na definição do autor:

Bullock fez bom uso dessa possibilidade. Sem negligenciar o todo, ele desenhou uma imagem extremamente rica em detalhes. Nem negligencia a análise psicológica e social, e observações detalhadas são bem complementadas em seu livro pela representação de correlações abrangentes. Temos, portanto, um livro diante de nós que merece ser classificado entre os valiosos produtos da literatura biográfica burguesa.⁷⁴

Isso não significa que Ranki, diferente de Monteagle, concordou com todos os aspectos da narrativa biográfica. O autor considerou que Bullock teve uma atitude de análise unilateral em numerosas instâncias particulares, dentre elas, o papel histórico da personalidade. Entretanto, apesar das críticas em relação a isso, voltou a reforçar que o trabalho de Allan Bullock foi extremamente interessante e instrutivo, “[...] a valiosa biografia de Hitler do autor britânico sem dúvida enriqueceu a ciência histórica”.⁷⁵

⁷² Idem.

⁷³ RÁNKI, Gy. *Historica Academiae Scientiarum Hungaricae*. Institute of History, Research Centre for the Humanities, Hungarian Academy of Sciences, 1960, p. 419-425.

⁷⁴ Ibidem. p. 419-425.

⁷⁵ Ibidem. p. 419-425.

Charley Calvert Bayley, professor emérito de história em McGill University - Montreal, em sua publicação no *International Journal*, em 1954, reconheceu que a biografia escrita por Alan Bullock foi um estudo detalhado e equilibrado, mais do que isso: “[...] o melhor retrato de Hitler que apareceu até o presente”.⁷⁶ Segundo o autor, a vida de Adolf Hitler foi narrada a partir de uma sólida documentação e livre de pressuposições metafísicas arriscadas. O que tornaria a obra, na sua percepção, um trabalho bastante disseminado e que manteria sua preeminência por muito tempo.

Por sua vez, Richard F. Schier, professor de política americana no *Franklin and Marshall College* em Lancaster, Pensilvânia, considerou a narrativa de Bullock como imponente, uma vez que sua análise foi desapaixorada e seus julgamentos deliberados.⁷⁷ Os méritos da biografia de Bullock, para Schier, são imensos, pois ele consultou todos os documentos e literatura existente. E, produziu assim, um trabalho que certamente permanecerá padrão entre os estudos de Adolf Hitler por muitos anos.

Ainda de acordo com o autor, sem dúvida, nenhum historiador alemão produzirá uma biografia mais contundente e completa do que *Hitler: A Study in Tyranny*. Esta obra, na compreensão de Schier, não tentou refutar todas as lendas caprichosas que cercam Hitler, mas objetivou mostrar a amplitude do estudo em si e serviu para dismantelar a maioria dos mitos e rumores que envolviam a vida do líder nazista.

O principal defeito da obra foi não ter respondido de forma satisfatória a questão de como um agitador se tornou líder da uma grande nação.

Mas seria injusto criticar demasiadamente um livro de tão grande conquista. O Sr. Bullock revela com tanta habilidade e imparcialidade toda a carreira de Hitler e segue com tantos detalhes o seu exercício do poder supremo do Estado alemão que seu livro merece o maior elogio.⁷⁸

A jornalista e historiadora Elizabeth Wiskemann afirmou que, nos sete anos e meio da morte de Adolf Hitler, raramente se viu um relato tão competente dessa personagem de grande importância na história. E isso só foi possível devido à velocidade sem precedentes com que muitos documentos relevantes se tornaram disponíveis. A autora considerou que o público e todos aqueles que se interessavam pela vida de Adolf Hitler estavam em dívida com Alan Bullock, devido ao fato da forma magistral em que

⁷⁶ BAYLEY, Charley Calvert. *International Journal*. Sage Publications, Vol. 9, 1954, p. 161-162, tradução nossa.

⁷⁷ SCHIER, Richard F. *The Western Political Quarterly*. University of Utah on behalf of the Western Political Science Association, vol. 6, 1953, p. 573-579.

⁷⁸ *Ibidem*, p. 573-579.

ele integrou a massa de material documental e secundário sobre o chanceler da Alemanha entre 1939 e 1945. Segundo Wiskemann, a carreira de Adolf Hitler poderia muito bem ser considerada incrível sem a biografia *Hitler: A Study in Tyranny*, que preserva um equilíbrio entre o senso comum que Hitler tantas vezes invocou e o sensacionalismo da política que ele tão firmemente perseguiu.⁷⁹

Assim, percebemos que as análises e reflexões referentes à biografia *Hitler: A Study in Tyranny* são, quase em sua totalidade, classificatórias. Os autores aqui selecionados tiveram a preocupação de avaliar as qualidades, identificando erros/acertos, boa/má pesquisa feita por Alan Bullock.

Há poucos estudos historiográficos que analisam a biografia de *Hitler: A Study in Tyranny* e eles são, quase sempre, dedicados a definir a qualidade da obra – assim como as *Reviews* e análises acima que foram publicadas no período de lançamento da obra. Nesse limitado número, o historiador Joachim Fest dedicou uma parte do prefácio da sua biografia *Hitler*⁸⁰ para fazer referência à obra de Alan Bullock. Segundo Fest, de todos os “retratos confusos e desconcertantes”⁸¹ do início da década de 1950, só existia uma notável exceção: “a famosa biografia anglo-saxônica”.⁸² “De uma brilhante objetividade, e sem ostentar os quase inevitáveis preconceitos inerentes a todas as apreciações alemãs sobre o tema”,⁸³ a biografia delineou o homem e sua política a uma distância adequada, desapassionada e crítica. Para ele, podendo ser considerada, durante muito tempo, a descrição definitiva da vida de Adolf Hitler.

John Lukacs, como um dos principais historiadores a analisar biografias produzidas da personagem histórica Adolf Hitler, em seu livro *O Hitler da História*,⁸⁴ dedicou uma parte da sua obra para analisar *Hitler: A Study in Tyranny*. Segundo o historiador, a obra foi elaborada de acordo com a tradição britânica, desprovida de jargão acadêmico, além de ser a mais bem-sucedida de todas as biografias.

Um dos elementos importantes para a boa reputação e sucesso do livro, de acordo com o autor, foi seu estilo narrativo direto. No entanto, Lukacs considerou que uma das grandes falhas de Bullock foi sua interpretação, ou como ele classificou, sua descrição

⁷⁹ WISKEMANN, Elizabeth. *International Affairs*. Wiley on behalf of the Royal Institute of International Affairs, vol. 29, 1953, p. 91-92.

⁸⁰ FEST, Joachim C. *Hitler*. Trad. Sob a direção de Francisco Manuel da Rocha Filho. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.

⁸¹ FEST, *Hitler*, 2006, p. XI.

⁸² *Idem*.

⁸³ *Idem*.

⁸⁴ LUKACS, John, 1998.

unidimensional do caráter de Hitler. Mesmo reconhecendo que não se deva atribuir a Hitler altos princípios e grandes virtudes morais, “o retrato pintado de Bullock foi simplista demais”.⁸⁵ O historiador ponderou ao reconhecer que, como sendo uma das primeiras biografias, Bullock não teve acesso à enxurrada de documentos, *papers*, memórias e as revelações e depoimentos que surgiram nos anos seguintes. No entanto, o grande problema, de acordo com Lukacs, foi que “mesmo em edições posteriores, permanecem muitos dos erros iniciais de Bullock – erros não só de fatos mas também de julgamento”.⁸⁶

Ron Rosenbaum, um dos grandes estudiosos da vida de Hitler, em *Para entender Hitler, a busca das origens do mal*,⁸⁷ selecionou e analisou uma lista do que considerou serem os principais e mais conceituados pensadores sobre Hitler, dentre eles, Alan Bullock e sua biografia *Hitler: A Study in Tyranny*. O historiador classificou a obra de Bullock como a biografia mais popular e influente já escrita.

A biografia escrita por Bullock, para Rosenbaum, foi uma narrativa fascinante de um quase fracassado, por um autor claramente não fascinado. Esta percepção foi em decorrência, segundo ele, do fato do biógrafo não se encontrar preso ao encanto de Hitler, pois dedicou pouco tempo da narrativa para falar do círculo íntimo do líder nazista. O autor considerou que Bullock, a uma grande distância, analisou o fascínio de Hitler em termos de “sua manipulação maquiavélica e de sangue-frio”.⁸⁸ Apesar disso, para Rosenbaum, o livro de Bullock não foi carente de impacto dramático: “[...] sua reconstrução dos meses finais de 1932 e do primeiro mês de 1933, as semanas e dias finais, de manobras de alta tensão que levaram a tomar a chancelaria, é um *tour-de-force* de narrativa histórica”.⁸⁹

Mas, assim como Lucaks, teceu críticas à obra. Rosenbaum considerou como incompleta a explicação da origem de Hitler feita por Bullock. O Hitler que aflorou em sua biografia *Hitler: A Study in Tyranny* foi uma personagem essencialmente diminuída e esvaziada. No entanto, Rosenbaum classificou o livro de Bullock como mais que uma biografia, — “[...] é um valente esforço para, de alguma forma, encaixar Hitler numa moldura mais consoladora ou, pelo menos, mais familiar de retrato histórico clássico”.⁹⁰

⁸⁵ Ibidem, p. 21.

⁸⁶ Idem.

⁸⁷ ROSENBAUM, Ron, 2003.

⁸⁸ Ibidem, p. 169.

⁸⁹ Idem.

⁹⁰ Ibidem, 170.

Como podemos observar, mais uma vez, existiu uma necessidade de classificar a biografia como boa ou ruim e até mesmo, como fez Joachim Fest, categorizar como imagem definitiva (até a escrita da sua obra). Com base nesse mapeamento e, principalmente a partir dessa definição de Joachim Fest, consideramos que a narrativa biográfica de Alan Bullock, que construiu o retrato de Hitler, não foi neutra e, como também, existiu uma relação de força que legitimou sua construção e sua permanência.⁹¹ Desta forma, entendemos que se criou uma disputa no campo científico para afirmar e/ou desqualificar outro (s) retrato (s) de Adolf Hitler.

Hugh Redwald Trevor Roper X Alan Bullock

Uma das disputas no campo científico foi criada e instaurada após a publicação de *Hitler: A Study in Tyranny* entre Hugh R. Trevor-Roper e Alan Bullock. Os dois, professores de história em Oxford, passaram a fazer críticas mútuas às suas respectivas obras, *Os últimos dia de Hitler* e *Hitler: A Study in Tyranny*. Essa disputa ficou registrada de forma mais enfática e explícita no livro já mencionado do historiador Ron Rosembaum. Este, ao confrontar Trevor-Roper e Bullock sobre os raciocínios que cercavam os mitos de Hitler, trouxe à tona a divergência existente entre os dois historiadores.

Ron Rosembaum enquadrou os historiadores em duas escolas explicativas rivais. A escola capitaneada por Trevor-Roper era a “escola ideológica”, que tentava explicar Adolf Hitler a partir da crença em suas ideologias. Nessa escola, “o importante era levar a sério as ideias de Hitler”.⁹² Já na escola de Bullock, existiu a crença de que o líder nazista poderia ser compreendido por certos modelos preexistentes de explicação histórica racional.⁹³ Os aspectos irracionais – dentre eles, compreender Hitler como demoníaco – foram deixados de lado.

Trevor-Roper chegou a classificar a biografia de Bullock como um bom livro. Segundo o autor, sua oposição não era diretamente à Bullock, moderando polidamente sua crítica, mas sim à tradição explanatória a que ele pertenceu: a visão do Hitler aventureiro. O autor de *Os últimos dias de Hitler* afirmou que essa visão teve forte influência no pós guerra, por meio de Sir Louis Namier, historiador que “realmente

⁹¹ FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1988, p. 172.

⁹² ROSEMBAUM, Ron, op. cit., p. 160.

⁹³ *Ibidem*, p. 150.

entendia da Europa Central”.⁹⁴ Trevor-Roper foi mais provocativo ao dizer que esse “senso comum a respeito de Hitler” vinha antes da guerra.⁹⁵ No período de guerra, ainda de acordo com o historiador, essa concepção mudou um pouco, Hitler virou o demagogo e uma ameaça, mas, mesmo assim, continuava a não ser levado a sério, continuava sendo um aventureiro. Essa concepção teve implicação direta na biografia *Hitler: A Study in Tyranny*.

Conforme Trevor-Roper explicitou, Bullock descreveu Hitler como um oportunista que só se preocupou em conquistar poder. O que significava, para o autor, que ele nunca tinha lido ou entendido *Mein Kampf*. Trevor-Roper atacou de forma mais acentuada quando julgou a visão do Hitler aventureiro como uma teimosia que Bullock legou ao mundo do pós-guerra. A seu ver, o Hitler de Bullock, o “falso Hitler”, era o verdadeiro inimigo que precisava ser combatido.⁹⁶

Em uma observação feita, o próprio Alan Bullock disse que, ao escrever a biografia *Hitler: A Study in Tyranny*, propositalmente determinou-se a combater o “mito de Hitler”, o mito do messias oculto, que Trevor-Roper ajudou a criar.⁹⁷ Bullock considerou que o *seu* Hitler, no contexto da época, era um ponto de vista provocante. De acordo com o autor, a realidade de Holocausto ia se tornando mais conhecida por todos e, com isso, Hitler foi passando de líder inimigo odiado para algo próximo à encarnação do mal. Conforme as palavras novas iam sendo cunhadas – como genocídio e Holocausto – para descrever seus crimes, “a dimensão de sua persona tornou-se grotescamente inflada, para estar à altura das dimensões grotescas do massacre e da chacina”.⁹⁸ Segundo Rosebaum, nesse contexto, o Hitler de Bullock pareceu uma figura intencionalmente diminuída perante o irracional Hitler demoníaco que Trevor-Roper apresentou ao mundo no pós-guerra.

Esta disputa mencionada, me fez perguntar sobre quais *retratos* de Hitler estavam disponíveis e cristalizados até o período de lançamento da biografia *Hitler: A Study in Tyranny*, e em que o retrato composto por Bullock se distanciou ou se aproximou daqueles compostos pelos demais autores.

⁹⁴ Ibidem, p. 150.

⁹⁵ Ibidem, 151.

⁹⁶ Ibidem, p. 154.

⁹⁷ Ibidem, p. 169.

⁹⁸ Idem.

Capítulo II

AS IMAGENS CRISTALIZADAS DE ADOLF HITLER

Consideramos que uma parte relevante para a compreensão de um texto, especificamente no caso da biografia *Hitler: A Study in Tyranny*, escrita por Alan Bullock, em 1952, é a análise das matrizes discursivas que trataram sobre Adolf Hitler. A compreensão dessas matrizes é um meio para detectar os traços da *representação* construída por Bullock do Hitler. Este *retrato*, produzido em um espaço e em um tempo específicos, buscava expressar uma realidade social relativa ao líder nazista no contexto que a obra de Bullock foi realizada.

Ao analisar o retrato de Hitler, na biografia de Alan Bullock, temos que historicizar a sua própria construção por meio da linguagem. Parte da nossa tarefa, neste capítulo, será analisar alguns dos diferentes significados produzidos pelo retrato de Hitler. Como parte disso, conforme J. G. A. Pocock sugeriu em *Linguagens do ideário político*, o primeiro propósito ao analisar um texto é ler a literatura da época e instigar sensibilidade e intuição para constatar os diversos significados existentes de uma mesma categoria – de uma mesma ideia. Reconhecer estes significados da forma pela qual se encontravam disponíveis na cultura e época em que está sendo analisada. O processo de aprendizado é um processo de familiarização, buscando identificar os diversos discursos produzidos entre autores contemporâneos sobre um determinado tema. Este é o mecanismo do historiador para detectar as matrizes discursivas.⁹⁹ Isto é, o instrumento para o historiador identificar os modos de abordagem sobre Adolf Hitler, que implicaram em diversas atribuições de significados.

Para tal fim, a partir da recomendação do autor, investigaremos quais retratos de Hitler estavam cristalizados, quando Alan Bullock produziu a biografia. Isto significa dizer que consideraremos estas imagens produzidas sobre Adolf Hitler como quaisquer objetos passados (eventos, pessoas, ideias etc) que, transmitidos e disseminados socialmente, podem potencialmente compor uma *memória social* herdada, partilhada, podendo ter produzido impacto em produções posteriores.¹⁰⁰

⁹⁹ POCOCK, J. G. A, op. cit., p. 35.

¹⁰⁰ Quando o objeto passado, podendo este ser acontecimentos, personagens e lugares, é transmitido aos membros da sociedade, construindo assim uma memória social herdada, partilhada. Neste caso, os retratos de Adolf Hitler que passaram a fazer parte da memória coletiva, quanto estes tiveram uma grande disseminação e impacto em produções posteriores. (POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro: Ed UFRJ, v. 5, n. 10, 1992, p. 201).

São incalculáveis os estudos sobre a Adolf Hitler e o Regime Nazista. Com essa certificação, nossa preocupação se direciona para como esses casos abordaram o mesmo tema, apesar de forma potencialmente diferentes. Cada um, em seu tempo, tratou Adolf Hitler de forma distinta, com explicações dentro da corrente que seguiam. Em meio a essa profusão de interpretações e com base no panorama das primeiras explicações, selecionamos as obras *Hitler me dijo* (1939),¹⁰¹ do nacional-socialista e presidente do senado de Danzig, em 1933-1934, *Hermann Rauschning*; *Hitler: a vida de um ditador* (1939),¹⁰² obra conhecida como a primeira biografia influente sobre Adolf Hitler do jornalista alemão Konrad Heiden; e *Os últimos dias de Hitler* (1947),¹⁰³ do conceituado historiador britânico H. R. Trevor-Roper, que ganharam destaque, notoriedade e popularidade tanto no meio acadêmico quanto no grande público o que possibilita uma análise mais pormenorizada. As escolhas desses três autores teve uma derivação principal, a partir de um levantamento das referências e obras mais citadas por Alan Bullock,¹⁰⁴ constatamos que as obras de Rauschning, Heiden e Trevor-Roper, respectivamente, são as três mais citadas no decorrer da escrita do historiador que tiveram Adolf Hitler como objeto central da análise e/ou relato.¹⁰⁵

Desta forma, mapearemos os retratos de Hitler existentes no período até a publicação *Hitler: A Study in Tyranny*. Com isso, pretendemos compreender em qual medida a proposta de biografia do Alan Bullock era convergente com esses retratos ou uma resposta a eles, ou apenas um retrato particular e único do líder nazista.

Os primeiros explicadores do líder nazista

Desde que ganhou notoriedade, no início da década de 1920, Hitler foi visto e interpretado de muitas e diferentes maneiras, muitas vezes de forma conflitante. Foi considerado, dentre outras definições, não mais que “um oportunista”, “desprovido de ideologia”, “um maníaco por poder”, preocupado somente com a “dominação” e dotado

¹⁰¹ RAUSCHNING, Hermann. *Hitler me dijo...confidencias del Führer sobre sus planes de dominio del mundo*. Madrid: Ediciones Atlas, 1940.

¹⁰² HEIDEN, Konrad. *Hitler: a vida de um ditador*. Tradução Álvaro Franco. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1939.

¹⁰³ TREVOR-ROPER, H. R. *Os últimos dias de Hitler*. Tradução José B. Mari. São Paulo: Editora Flamboyant, 1949.

¹⁰⁴ Esse levantamento será apresentado de forma mais detalhada no próximo capítulo.

¹⁰⁵ Ainda no prefácio da biografia, Alan Bullock agradeceu os trabalhos anteriores ao seu que foram de grande ajuda, definindo as obras de H.R. Trevor-Roper e Konrad Heiden como destaques notáveis. Assim como existe uma presença contundente de Rauschning durante toda a obra.

de uma ideia “vingativa”. Em contraste, foi representado como alguém que levou a cabo um programa ideológico planejado e preestabelecido. Houve tentativas também de vê-lo como um tipo de vigarista político que hipnotizou e enfeitiçou o povo alemão, conduzindo-o ao caminho da ruína, ou de “demonizá-lo”, transformando-o numa figura mística e inexplicável que a Alemanha produziu.¹⁰⁶

Os primeiros explicadores de Hitler, segundo o historiador Ron Rosenbaum, foram os jornalistas da capital da Baviera.¹⁰⁷ Os “jornalistas anti-hitleristas”¹⁰⁸ de Munique que, entre 1920 e 1933, dedicaram-se à tarefa de tentar contar o que era permitido sobre a figura que havia surgido nas ruas da capital para tornar-se líder do movimento que tomaria o poder na Alemanha.¹⁰⁹ Esses repórteres foram os primeiros a investigar a vida pessoal e política, a criminalidade e os escândalos de Hitler e do “Partido Nazista”, ou como eles chamavam: o “Partido de Hitler”.¹¹⁰ O trabalho deles foi a primeira tentativa sistemática de averiguar o fenômeno Hitler quando este começava a se desenvolver. Para Rosenbaum, a visão dos “Primeiros Explicadores” foi a visão dos homens e mulheres que testemunharam Hitler virando Hitler.¹¹¹

No período anterior à 1939, o tom e a tendência da maioria dos explicadores eram condescendentes com Hitler ou tratavam-no como um fenômeno indigno até do desprezo. Em vez da necessidade de combatê-lo, agiram como se ele pudesse ser isolado pela ausência das palavras e, assim, reduzido ao esquecimento. Hitler não era digno nem de antagonismo.¹¹²

Nos primeiros anos do pós Segunda Guerra, vez ou outra, a explicação do nazismo e de suas consequências foi personificada em Hitler, “como se a evolução da nação alemã tivesse sido desviada do curso pela influência diabólica de um único homem, Adolf Hitler”.¹¹³ Todavia, uma parte da literatura dessa época tendeu a diminuir Hitler, “[...] ninguém queria pensar muito nele, quando havia tantos outros assuntos imediatos e urgentes exigindo atenção”.¹¹⁴ Essa condição perdurou durante alguns anos. A tendência era afirmar que a culpa não era realmente de Hitler, mas de forças maiores e mais

¹⁰⁶ IAN, Kershaw, op. cit., p. 26-27.

¹⁰⁷ ROSENBAUM, Ron, op. cit., p. 16.

¹⁰⁸ Rosenbaum classifica esses jornalistas como anti-hitleristas, pois usavam as páginas dos jornais para fazer ataques e denúncias diretas à figura de Adolf Hitler.

¹⁰⁹ ROSENBAUM, Ron, op. cit., p. 16.

¹¹⁰ Ibidem, p. 21.

¹¹¹ Ibidem, p. 22.

¹¹² Ibidem, p. 275.

¹¹³ KERSHAW, Ian, op. cit., p. 14.

¹¹⁴ LUKACS, John, op. cit., p. 16.

profundas. Portanto, Adolf Hitler sequer era um agente digno de ser culpado, detestado ou responsabilizado, e sim um mero instrumento de forças abstratas.¹¹⁵

Algumas das explicações desse período tendiam a presumir uma inevitabilidade causal da ascensão de Hitler ao poder, por exemplo: condições econômicas, traumas psíquicos de geração, antissemitismo cristão, medo do modernismo, as técnicas de propaganda de massa, os comícios à luz de tochas em Nuremberg, a manipulação de símbolos emocionais, as multidões mesmerizadas, a retórica e, acima de tudo, a ideologia, sugerindo que características específicas do momento justificavam sua chegada ao poder.¹¹⁶

Entre seus contemporâneos alemães, observaram-se duas tendências: por um lado havia a propensão, já mencionada, de pôr em Hitler a culpa de tudo; de outra parte existiu a tendência de homens e mulheres de uma geração alemã que considerava Hitler melhor do que a hierarquia nacional-socialista “[...] frequentemente manifestada em exclamações como: “Se apenas Hitler soubesse!” (“Wenn das der Führer wusste”!).¹¹⁷

Joachim Fest, em *Hitler*, relatou que até 1973, quando foi publicado o livro, o mito Hitler ainda não existia, mas a estupefação com seu grande fracasso seguida de uma enorme anestesia, sendo aos poucos dissipada, substituindo a inexistência pelo interesse.¹¹⁸ Ron Rosenbaum e John Lukacs também apontaram que o estudo de Hitler (em oposição ao estudo do Holocausto), no meio acadêmico, foi notável mais por sua ausência, pela presumida irrelevância de Hitler, do que por sua presença.

Até os anos de 1950, o mercado de livros de memórias sobre o Regime Nazista fora dominado por diversas formas de literatura apologética. Por um lado, os militantes do partido e os aliados do regime ambicionavam justificar as atitudes de consentimento ou silêncio, enquanto sob outra perspectiva seus adversários forneciam, a posteriori, os motivos de seu próprio fracasso, de sua própria impotência. A essa esfera de motivação pertencem numerosas interpretações destinadas a demonizar Hitler, considerando-o, em contextos atemporais, como o ápice da crise da modernidade,

[...] a catástrofe do princípio “faustiano” ou bem da filosofia alemã entre Hegel e Nietzsche. Passando por inúmeras abordagens ulteriores,

¹¹⁵ De acordo com Lukacs, Rosenbaum e Kershaw, essa vertente coloca fatores externos à Hitler para explicar o seu surgimento e consolidação como político. O capitalismo, o antissemitismo, o nacionalismo, a política da República de Weimar, são alguns dos elementos que permitiram e justificaram sua ascensão ao poder.

¹¹⁶ ROSENBAUM, Ron, op. cit., p. 120.

¹¹⁷ LUKACS, John, op. cit., p. 143.

¹¹⁸ FEST, Joachim C., op. cit., p. IX.

diagnósticos os mais sintéticos terminavam em várias interpretações de cunho teológico que o definiam como uma espécie de apocalíptico “bicho dos abismos.”¹¹⁹

No momento imediatamente posterior à Segunda Guerra Mundial, não apenas os historiadores, mas também filósofos, sociólogos e psicanalistas, sobretudo alemães, tentavam explicar a barbaridade que havia ocorrido na Alemanha. Frequentemente se atribui a essa primeira geração de estudiosos um movimento de reação à responsabilização dos alemães por aquilo que aconteceu na Alemanha Nazista, em uma tentativa de eximir o povo da culpa. No que concerne à cronologia, foi possível datar esse primeiro momento entre 1945 e 1960, quando começam a surgir os primeiros questionamentos dessa percepção.¹²⁰

A negação do passado caracterizou o ânimo público na Alemanha Ocidental no primeiro período pós-guerra.¹²¹ A demonização de Hitler e da cúpula nazista servia com frequência a uma função de justificativa. Uma estratégia de negação era atribuir a catástrofe inteiramente a Hitler e a um pequeno círculo de criminosos que haviam se aproveitado do povo alemão para realizar seus fins. Os historiadores conservadores apresentavam o nazismo como uma aberração acidental e atípica na história alemã, e como se esse movimento tivesse surgido fora da Alemanha.¹²²

Foi a partir deste contexto político e social que *Hitler me dijo*, do ex-membro do Partido Nazista Hermann Rauschning; *Hitler: a vida de um ditador*, do jornalista Konrad Heiden; e *Os últimos dias de Hitler*, do historiador Trevor-Roper pensaram a figura de Adolf Hitler, desde seu surgimento como uma pessoa pública até o período em que a biografia de Alan Bullock foi elaborada.

Hitler me dijo de Hermann Rauschning

Hermann Rauschning, nascido em 1887, na Prússia ocidental, descendente de proprietários de terras e oficiais, estudou na escola de cadetes. Doutor pela Universidade de Berlim, era considerado um conservador nacionalista. Desprezava a democracia e o

¹¹⁹ Idem.

¹²⁰ BIVAR, Vinícius; DÖPCKE, Wolfgang. O Papel de Adolf Hitler: Uma reflexão sobre o debate funcionalista/intencionalista na historiografia sobre o Nacional-Socialismo. In: *I Seminário de História e Cultura: Historiografia e Teoria da História*, 2013, Uberlândia. Anais do VI Seminário de História e Cultura: Historiografia e Teoria da História, 2013.

¹²¹ ROSENBAUM, Ron, op. cit., p. 347.

¹²² Ibidem, p. 348.

parlamentarismo, como também a moderna sociedade de massa. Ao retornar da Primeira Guerra Mundial, depois de ser derrotado, ele assumiu a luta pela nacionalidade alemã, e, em 1931, acabou aderindo ao Partido Nazista. Rauschning, tornou-se o nacional-socialista presidente do senado de Danzig em 1933-1934, e após entrar em conflito com alguns líderes do partido, foi expulso do movimento de Hitler.¹²³ Em 1936 emigrou para a Suíça, onde, em 1938, publicou seu famoso livro considerado por muitos como antinazista: *A revolução do niilismo*. Neste livro, Rauschning, tentou expor as raízes intelectuais do nazismo. E, no ano seguinte, publicou o livro *Gespräche mit Hitler*.¹²⁴

Ter sido uma pessoa que conviveu com Adolf Hitler e fez parte do seu círculo íntimo, como também o fato de ser expulso do Partido, fizeram que a figura de Hermann Rauschning ganhasse notabilidade e destaque. A obra *Gespräche mit Hitler* tornou-se uma das fontes de informação sobre as intenções secretas e a personalidade de Hitler, mais amplamente citadas por aqueles que buscaram entender quem foi Hitler. Muitos historiadores, dentre eles Alan Bullock e Joachim Fest, usaram as memórias de Rauschning como citações para suas respectivas obras. Mas, em 1983, o historiador suíço Wolfgang Haenel, depois de anos de investigações, declarou que *Gespräche mit Hitler* era uma grande fraude. Haenel concluiu que os encontros com Hitler que Rauschning alegou ter – e escreveu sobre – eram mentiras, a obra era “uma farsa histórica”.¹²⁵ Segundo o historiador, existiram apenas quatro encontros e nunca sozinhos. As palavras atribuídas a Hitler teriam sido inventadas ou extraídas de diferentes fontes, como escritos de Juenger e Friedrich Nietzsche.¹²⁶

Gespräche mit Hitler não é uma biografia sobre o líder nazista, mas nos oferece uma imagem/retrato de Adolf Hitler largamente conhecida e disseminada – principalmente pela historiografia –, além do fato de ser uma das obras com mais referências na biografia *Hitler: A Studio in Tiranny*, por isso a escolhemos como fonte de análise. Mas qual foi a imagem que Hermann Rauschning criou e influenciou uma parte importante da produção de escritos sobre Hitler?

¹²³MALANOWSKI, von Wolfgang. Der Spiegel, 1985. Disponível em < <http://www.spiegel.de/spiegel/print/d-13514710.html> >. Acesso em 16 de agosto de 2018.

¹²⁴ Para análise da obra, neste capítulo, usarei a versão traduzida *Hitler me dijo*, publicada em 1940. Assim como também iremos traduzir as citações extraídas da obra.

¹²⁵MALANOWSKI, von Wolfgang. Der Spiegel, 1985. Disponível em < <http://www.spiegel.de/spiegel/print/d-13514710.html> >. Acesso em 16 de agosto de 2018.

¹²⁶ Wolfgang Haenel apresentou os resultados de sua pesquisa na conferência anual em maio de 1983 do Centro de Pesquisa em História Contemporânea de Ingolstadt, na Alemanha Ocidental.

Rauschning colocou como objetivo de escrita apresentar a visão mais íntima de Adolf Hitler e seus planos para o futuro, baseando-se nas conversas privadas que disse manter com o líder nazista entre 1932 e 1934. Percebemos durante a análise que para construir sua linha narrativa, o autor propõe responder quatro questões que estruturam o livro: "Que impressão faz Hitler?", "Hitler é insensível à dor dos outros? É cruel e vingativo?", "Poderia Hitler ter seguido um caminho diferente?" e "Hitler é louco?".¹²⁷

Antes da primeira pergunta, ainda no prefácio, a nosso ver, o autor deu o tom da sua concepção textual: desconstruir a ideia enganosa de poder que Adolf Hitler criou para si e foi aceita por todos aqueles que o cercavam. A ideia criada de que Hitler, ao ganhar a guerra, revolucionaria o mundo ao impor um novo regime à humanidade era impactante, pois criava uma ameaça de pânico. Na verdade, para Rauschning, Hitler nunca compreendeu seus verdadeiros objetivos políticos e sociais, mas inebriou não apenas o povo alemão, como também uma geração toda que sofria de cegueira.

Um homem aqui reduz uma época inteira ao absurdo. Temos um espelho no qual vemos uma imagem de nós mesmos, distorcida, sem dúvida, mas que reconhecemos em parte. E isso não é exclusivamente alemão; Hitler não é apenas a expressão do pangermanismo: representa também toda uma geração que sofre de cegueira. Um homem de escopo diminuído, escravo de seus impulsos, vai, como um novo Quixote, levar à letra o que para os outros não passava de uma tentação do espírito.¹²⁸

Detectamos que o primeiro grande questionamento utilizado para desenvolver a argumentação foi: "Que impressão produz Hitler?".¹²⁹ Segundo Rauschning, o líder nazista gerava sensações contraditórias. Em seu espaço íntimo, longe das tribunas e holofotes, era um insignificante burguês sem qualquer característica pessoal atraente, mas seus partidários acompanhavam e elogiavam cada passo de "seus olhos profundos e azuis".¹³⁰ O autor descreveu que seus olhos não eram azuis e muito menos atraentes, sua voz sombria era chocante para qualquer alemão do Norte. No entanto, foi essa mesma voz que ficou famosa no mundo todo. Hitler teria personificado o tormento contemporâneo e, por muito tempo, sido identificado como símbolo de uma era louca.

Em todos os sentidos, a impressão que Hitler passava para Rauschning era de uma dupla personalidade, mas no fundo, a crueldade era sua marca. O que movia suas ações era o desejo de vingança e punição.

¹²⁷ Essas perguntas foram feitas respectivamente nas páginas 14, 61, 112 e 175.

¹²⁸ RAUSCHNING, Hermann, op. cit., p. 6.

¹²⁹ Ibidem, p. 14.

¹³⁰ Idem.

Todos aqueles que conhecem Hitler por tê-lo visto na era heroica do nacional-socialismo sabem que ele tinha um temperamento queixoso e exageradamente sentimental, com tendência à ternura e ao romantismo. Seus gritos de choro antes cada dificuldade interna se deviam ao simples nervosismo. Atrás da crueldade e inflexibilidade de Hitler, encontraríamos o desespero de uma desumanidade forçada e artificial, ao invés da amoralidade da besta que obedece aos seus instintos naturais. No entanto, na dureza e cinismo sem precedentes de Hitler, intervém algo mais do que a paixão contida de um hipersensível. Há uma necessidade irresistível de vingar e punir.¹³¹

Como o autor destacou, o próprio Hitler teve que lutar com seu temperamento conflituoso, que hora o instigava a agir com toda sua paixão, enquanto sua prudência política o aconselhava a escolher o caminho mais seguro e coerente dos compromissos políticos e adiar o que ele, Hitler, chamava de “sua vingança”.¹³²

Foi por meio de uma narrativa sobre as ditas reuniões íntimas, que consideramos que Rauschning identificou o que julgava ser a verdadeira personalidade de Hitler. E, principalmente, buscou mostrar que “salta aos olhos que a eloquência de Hitler não fosse um dom natural [...]”, que “o caráter artificial que se foi forjado [...]”,¹³³ que sua tática política não era tão bem aceita, pois “muito poucos eram capazes de compreender o que seriam as ideias ‘fantásticas’ de Hitler [...]”.¹³⁴ Isto é, entendemos que para o autor o Adolf Hitler conhecido do grande público foi algo construído e só aqueles que faziam parte do seu círculo íntimo o conheciam plenamente, pois lhes confiava seus planos e métodos. Mas mesmo assim, segundo a narrativa proposta, o significado político de Hitler não pode ser colocado em dúvida. Prova disso, foi quando conseguiu falar sobre cada um dos seus projetos para diferentes grupos, projetos estes que lhe permitiram sucesso no caminho aventureiro que escolheu.

A característica principal do caráter de Hitler voltou a ganhar destaque na pergunta: “É Hitler insensível à dor dos outros? É cruel e vingativo?”.¹³⁵ Para Hermann Rauschning, não há muita dúvida sobre a resposta, especialmente para aqueles que tiveram a oportunidade de escutar as estranhas declarações de Hitler e observar suas mudanças de humor. Alegou que em todas as conversas era perceptível que Adolf Hitler estava possuído por um imenso ódio. Sofria com uma crise de fúria. E, em seguida, sua fúria tornava-se um entusiasmo sentimental.

¹³¹ Ibidem, p. 17.

¹³² Idem.

¹³³ Ibidem, p. 44.

¹³⁴ Ibidem, p. 54.

¹³⁵ Ibidem, p. 61.

[...] o chanceler da grande nação alemã nos recebendo familiarmente, nessa atmosfera íntima, a obsessão dominadora: matanças, revoltas, prisões, perseguições, espoliação! [...] No entanto, Hitler sabia muito bem que o homem normal não pode viver apenas do ódio e da vingança. Mostrando explorar com método frio os instintos humanos mais baixos, tendo em conta as fraquezas e ganâncias de seus partidários.¹³⁶

Classificou a política escolhida por Hitler como algo novo e imprudente, mas que impressionava o público pela audácia e simplicidade elementar. Entretanto, esse elemento não era suficiente para projetar o triunfo do Terceiro Reich. Ao incorporar-se ao dinamismo e determinismo da história futura, o povo alemão definiu-se como o povo eleito, a nova era teria o seu nome. Segundo Rauschning, essa autodefinição acalmou Hitler, pois o nacional-socialismo soube se aproveitar dela: “[...] o fato de que a Alemanha não poderia ser outra coisa senão o Terceiro Reich, não poderia ser explicada e justificada, exceto pela intuição profética e total que iluminou o partido, sob a iminência do cataclismo a que iríamos ser arrastados”.¹³⁷

No início da década de 1930, os planos de Hitler pareciam ideias de um megalomaníaco. No entanto, em 1935, os alemães poderiam ver que parte deles foram colocados em prática, o que não significava, como o autor havia sinalizado no início da narrativa, que possuía objetivos políticos próprios e definidos. Pelo contrário, para Rauschning, ele era um comediante que sabia se portar diante dos holofotes. Na realidade, sua virtude era “[...] apoderar-se das ideias dos outros para apresentá-las como se fossem concepções pessoais”.¹³⁸

Nos relatos das estratégias de guerra, conseguimos distinguir que Rauschning realçou para o leitor três pontos: a inovação de Hitler ao pensar em “a guerra psicológica”,¹³⁹ a sua falta de conhecimento dos assuntos militares e, sobretudo, a constatação de que, apesar de tudo, Hitler continuava não sendo o grande político revolucionário que todos imaginavam ser. “Mas Adolf é e continua sendo um civil, um desleixado, um sonhador. Um burguês que, acima de tudo, quer a paz, a paz vienense. O que ele ama é sentar e reinar como um deus sobre sua montanha de Salzberg”.¹⁴⁰ O referido trecho nos sugere mais uma tentativa de demarcar que Hitler não poderia ser visto como um político, e sim continuava sendo um homem comum da capital da Baviera.

¹³⁶ Ibidem, p. 65.

¹³⁷ Ibidem, p. 79.

¹³⁸ Ibidem, p. 94.

¹³⁹ Método que consistia em derrubar o inimigo por intoxicação moral e paralisia.

¹⁴⁰ RAUSCHNING, Hermann, op. cit., p. 108.

Dúvidas quanto à proposta de revolução nacional socialista passaram a surgir, mesmo quando a fé das massas em Hitler aumentava. De acordo com Rauschning, isso gerou o questionamento se Hitler era mesmo o verdadeiro Führer. Para o autor, pensando especificamente no território da Alemanha do Norte, outros tinham mais aceitação. “[...] em toda a Alemanha do Norte, Gregorio Strasser era muito mais popular que o próprio Hitler. O temperamento de Hitler era incompreensível e inacessível aos alemães do Norte”.¹⁴¹ Esta constatação, como podemos perceber durante a análise do texto, foi a chave que o autor recorreu para explicar uma parte da sua compreensão sobre Hitler. Efetivamente, como sugere a narrativa, era o Partido que desempenhava o papel na sociedade, ele que regulava a existência em todos os sentidos e todas as esferas, “O próprio Hitler não teve escolha a não ser aguentar e se adaptar a essa obstrução de toda a sua política”.¹⁴² O que tornava Hitler, na definição do autor, um comediante que acreditava agir em nome do seu esforço de idealismo, mas que na realidade obedecia a motivos diferentes. Com isto, entendemos que Hermann Rauschning pretendeu induzir que Hitler não era um ditador, e sim, nessa conjuntura, um arquiteto ou um demagogo, ou um civil qualquer.¹⁴³

A penúltima pergunta que identificamos foi: “Poderia Hitler ter seguido um caminho diferente?”.¹⁴⁴ Provavelmente não, pois segundo Ruaschning, Hitler cometeu um erro que ditou o seu futuro. Na concepção do autor, a causa da sua marcha para o abismo foi sua própria fraqueza de vontade. Hitler sentia-se apático, necessitava de estímulos para sair da sua letargia, mas preferiu o declínio e entregou-se às forças que o arrastaram para a queda. O líder nazista fugia para um mundo que subtraía a realidade. E o que significava para o autor esse refúgio no mundo irreal? Essa capacidade de se desdobrar entre o mundo real e projetar-se em um mundo imaginário, para Rauschning, pertencia à natureza do povo alemão, revelada, especialmente, em Hitler e, além disso, tornou-se parte do segredo de seu “socialismo mágico”.¹⁴⁵

O romantismo reduzido, a vaidade reprimida e o fanatismo coletivo transbordavam no partido nazista e os mantinham vivo, pois o partido era uma promessa de um “desabafo”.¹⁴⁶ Como o relato de Rauschning objetivou mostrar, para todos os

¹⁴¹ Ibidem, p. 115.

¹⁴² Ibidem, p. 136.

¹⁴³ Ibidem, p. 136 -144.

¹⁴⁴ Ibidem, p. 150.

¹⁴⁵ Para Rauschning, socialismo com fundamento religioso.

¹⁴⁶ RAUSCHNING, Hermann, op. cit., p. 154.

fracassados e deserdados, incluído Adolf Hitler, o nacional-socialismo era uma espécie de feitiço mágico,

O próprio Hitler é o primeiro deles, o sumo sacerdote ou o papa dessa nova religião secreta. Encorajado por essa adulação e na presença desse culto imbecil, chega-se a acreditar em certas horas que ele é, na verdade, dotado de poderes sobre-humanos. Mas desde que desce do púlpito ou retorna de suas trilhas solitárias para as montanhas, ele cai em prostração e letargia, incapaz de qualquer prisão e decisão. Então Hitler sente a necessidade de interlocutores e auditores que lhe excite a falar para provar a si mesmo que ele ainda não atingiu o fim de sua força.¹⁴⁷

Como ficou evidente em sua narrativa, para o ex-membro do Partido Nazista, o nacional-socialismo era mais que uma religião, era a vontade de criar o super-homem, o homem novo, intrépido e cruel. Hitler acreditava ser o profeta dessa religião, o precursor de uma nova Humanidade e, segundo o autor, seus planos políticos só podem ser compreendidos se seus pensamentos ocultos forem conhecidos. A política, para ele, era uma transmutação, que Hitler se colocava no centro desse ritual.¹⁴⁸

Essa visão de Hitler fez trazer à tona o que reconhecemos como a última e principal pergunta do livro: “Hitler está louco?”.¹⁴⁹ De todas as respostas dadas, concebemos que esta foi a que o autor teve um posicionamento mais enfático, a resposta, a seu ver, era uma comprovação simples:

Quem viu de frente esse homem, com seu olhar instável, sem profundidade ou calor; quem perscrutou aqueles olhos fugitivos, com clareza fria e sem fundo, e então percebeu que eles carregavam uma fixidez estranha, **experimentou, como eu, a sensação perturbadora de estar na presença de um ser anormal**. Ele foi visto por um longo tempo em silêncio, sem mover os cílios e levantando os dentes em um gesto terrivelmente vulgar. [...] Não cabe a mim diagnosticar se Hitler, no sentido clínico da palavra, está mais ou menos próximo da demência. Minha experiência pessoal, que concorda com a de muitas pessoas conhecidas, é que enfrentei vinte vezes com um maníaco desprovido de domínio de suas emoções e cuja crise terminou em um completo declínio de sua personalidade.¹⁵⁰ (Grifonosso)

Suas encenações, gritos, vociferações, explosões de fúrias poderiam até ser entendidas como ações de uma criança minada e rebelde, mas, para Rauschnig, eram características da sua loucura. A prova do seu transtorno mental eram os fenômenos de perseguição e o desdobramento da personalidade.

¹⁴⁷ Ibidem, p. 154.

¹⁴⁸ Ibidem, p. 174.

¹⁴⁹ Ibidem, p. 175.

¹⁵⁰ Ibidem, p. 176.

O autor se questionou sobre como explicar que um louco governou a Alemanha; como explicar que pessoas – tanto “gente vulgar” quanto homens instruídos, ricos em experiência e senso crítico – ficaram em êxtase quando o viam e permaneciam em adoração ao seu gênio dominador?¹⁵¹ Buscando respostas para essas indagações, constatamos que Hermann Rauschning pensou e associou Hitler à figura dos médiuns. Estes, para o autor, eram seres vulgares e insignificantes que em determinado momento recebem presentes do céu que os elevam acima do nível das pessoas comuns. Seriam poderes que não pertenceriam à suas personalidades reais, mas derivariam de outro plano. Os médiuns seriam possuídos e quando livres de seus demônios, voltariam para suas mediocridades.

Isto é, sem dúvida, quando certas forças penetram em Hitler, e quando isso acontece, a personagem nada mais é do que o embrulho momentâneo. O trivial e o extraordinário, essa é a estranha dualidade perceptível assim que se entra em contato com ela. É um ser digno da fantasia de Dostoiévski. Essa é a impressão produzida pela fusão de um distúrbio doentio e de um poder turvo.¹⁵²

Rauschning se disse uma “vítima” da influência de Hitler, que demorou um tempo, mas conseguiu sair desse domínio. E, apesar disso, como ficou notório em sua obra, o autor classificou-o como um homem singular: declarou ser um erro considerar Hitler como uma marionete. Afirmou que para conseguir chegar na verdade de quem realmente seja Hitler, devemos pensá-lo com o magnetismo de um charlatão.¹⁵³ Para o autor, é necessário aprender a conhecer esse homem em sua vulgaridade e em seu verdadeiro gênio, como foi, e não como se apresentava. De acordo com a narrativa, ele gostava de representar o papel de mártir, mas na verdade, era como seu herói preferido Frederico da Prússia: cruel, vingativo e sentimental.¹⁵⁴

No prefácio, como foi possível observar, Rauschning colocou como intenção descrever parte da vida particular de Adolf Hitler, as reuniões que realizava com seus companheiros mais íntimos do Regime Nazista, para compreender quem ele foi. O que nos permitiu inferir que para o autor existia uma diferença do Hitler que se apresentava e era conhecido pelo público em geral e Hitler em sua vida privada, a que poucos tinham acesso. Ao final, mesmo demarcando a mediocridade da personagem em sua vida íntima,

¹⁵¹ Idem.

¹⁵² Ibidem, p. 177.

¹⁵³ Ibidem, p. 178.

¹⁵⁴ Ibidem p. 183.

saímos com a sensação de que o Hitler – público –, criado pela narrativa do autor, foi aquele que dominou e ditou as regras de um período da humanidade, o símbolo de uma era. Essa sensação ficou ainda mais evidente para nós quando Rauschning afirmou, na parte final do livro, que Hitler “[...] em todo caso, ainda ocupará por muito tempo a imaginação de seu povo, e não apenas de seu povo”.¹⁵⁵

A análise da obra *Hitler me dijo*, publicada ainda durante o Regime Nazista, nos permite concluir que Hermann Rauschning teve como intenção denunciar o Adolf Hitler – privado – que poucos conheciam. O que ficou perceptível durante toda narrativa foi a tentativa do autor de trazer à tona detalhes particulares da vida de Hitler, demonstrando a falta de aptidão política, a mediocridade da sua personalidade e, até mesmo, a loucura daquele que criou para si uma imagem pública (enganosa) e conseguiu, assim, ocupar o maior cargo de poder da Alemanha durante aquele período. Em outras palavras, para Rauschning, Adolf Hitler criou uma imagem pública de si, representando o papel de mártir, mas na verdade era um burguês sem qualquer característica pessoal atraente, um louco, ou melhor, um charlatão que por meio da mentira – o Hitler público – soube enganar aqueles que não o conheciam em seu íntimo – o Hitler privado.

Hitler: a vida de um ditador de Konrad Heiden

Konrad Heiden (1901-1966) foi jornalista e historiador alemão da República de Weimar e do período nazista. Foi um dos primeiros observadores críticos da ascensão do nazismo na Alemanha depois de participar de uma reunião do partido em Munique em 1921. Ele trabalhou para os jornais *Frankfurter Zeitung* e o *Vossische Zeitung*, de 1930, como correspondente em Berlim, mas em 1932 passou exercer sua profissão de forma independente cobrindo os acontecimentos políticos da Alemanha.

A obra *Hitler: a vida de um ditador*, publicada em 1936, de sua autoria, ficou reconhecida como um dos primeiros estudos biográficos de Hitler, talvez a primeira biografia escrita do líder nazista. Heiden narrou a vida do “ditador” a partir de uma pergunta principal: como as ideias de Hitler chegaram às massas e o que ele conseguiu com essas ideias. Segundo o jornalista, Hitler, durante o período de tentativas de chegar ao poder, também se questionava: “como chegarei até às massas, como penetrarei nos

¹⁵⁵ Ibidem, p. 178.

seus sentimentos?”.¹⁵⁶ Responder e compreender essa pergunta, para o autor, proporcionou um dos objetivos de escrita da biografia: “contrapor a lenda de Adolf Hitler ao verdadeiro Hitler”.¹⁵⁷ O que podemos deduzir que, para o jornalista, as obras anteriores a sua não tinham conseguido explicar o “verdadeiro Hitler” e, até mesmo, construíram uma lenda sobre o líder nazista.

Sua biografia, devido ao fato de ser uma testemunha ocular e seus comentários pessoais, tornou-se uma das fontes mais frequentemente mencionadas pelos estudiosos do líder nazista, sendo inclusive, um dos autores mais citados por Alan Bullock em sua biografia. Assim sendo, qual o “verdadeiro Adolf Hitler” foi construído por Konrad Heiden?

Com a análise, detectamos quatro eixos temáticos que auxiliaram Heiden em sua busca por desconstruir a lenda e apresentar o “verdadeiro Hitler”: as condições econômicas, políticas e emocionais da Alemanha à espera de um ditador; os fracassos cometidos durante tentativas de chegada ao poder; a construção do “mito Hitler”; a percepção e descrição da dupla personalidade de Adolf Hitler.

Consideramos que uma das primeiras estratégias para entender como foi possível que as ideias de Hitler se tornassem políticas de Estado, foi mostrar como o sentimento nacionalista e o antissemitismo eram sedimentados em um movimento de massas antes mesmo de Hitler ter se tornado ditador alemão. Segundo a obra, Hitler foi ensinado, ainda na escola, a ser um jovem nacionalista. O antissemitismo era moda na sociedade burguesa da qual Hitler desejava fazer parte. Na sociedade alemã, já existia a base da política que o líder nazista viria a desenvolver quando ocupasse o cargo de Chanceler. Em outras palavras, Heiden nos sugere que Hitler era uma imagem da Alemanha daquele período.

O professor Pötsch, do Ginásio de Linz, um ancião de pensamento voltado para o nacionalismo alemão, ensina seus alunos a conhecerem e a odiarem a tragédia dos alemães da Áustria. Adolf Hitler, da mesma maneira que seus camaradas, torna-se um jovem nacionalista.

O antissemitismo torna-se, prematuramente, mania de perseguição. [...] Muitas vezes, se deixa passar despercebido um motivo importante: na Viena de então estava muito na moda, entre classe dominante, a habilidade a social-democracia e o antissemitismo; isso era do bom-tom nos círculos burgueses, nos quais Hitler aspirava entrar.¹⁵⁸

¹⁵⁶ HEIDEN, Konrad, op. cit., p. 99.

¹⁵⁷ Ibidem, p. 319.

¹⁵⁸ Ibidem, p. 24-38.

Ainda buscando compreender as condições particulares da Alemanha que permitiram o surgimento de Adolf Hitler, Heiden observou que foi exatamente a desvalorização dos partidos existentes que abriu a grande chance de Hitler penetrar no mundo político. Em contraste com a desorganização dos partidos, “cujo princípio fundamental estribava-se na partilha do poder entre eles, eis que surge, agora, um partido que exige, para si, sozinho, o poder absoluto”.¹⁵⁹ O autor destacou que o novo partido, em seu início, consistia em um grupo pequeno, considerado como uma “inocente diversão”,¹⁶⁰ mas a partir do momento que cresceu ao ponto de exigir parte do poder, em consonância com as praxes dominantes, os eleitores passaram a ficar impressionados. Conforme explicitou o jornalista, essa impressão não foi o bastante para explicar o sucesso alcançado por Hitler e seu partido, mas contribuiu para isso.

A política nacionalista e antisemita de Hitler já era praticada e os partidos políticos viviam um momento de desvalorização. Somou-se a isso, de acordo com a biografia, o desejo de todas as camadas sociais por um “homem que desse voz de comando”.¹⁶¹

Conforme observou, entre as classes sociais emergiu a figura de Adolf Hitler, naquele período, ainda imprecisa e modesta. No momento do seu surgimento, outros já tinham demonstrado que tanto a burguesia quanto o operariado estavam aptos a serem concentrados em uma gigantesca organização de massas.¹⁶² A sociedade alemã “[...] grita por ditadura. Essa sociedade que, havia pouco, sofrera a mais grave catástrofe de sua história sob a chefia do ditador Ludendorff, um ano mais tarde ecoou com o apelo a um novo ditador”.¹⁶³ Esse desejo de administração centralizada, sem ideias, entrelaçada a uma tendência de irresponsabilidade, teriam moldado, paulatinamente, para Heiden, o novo ideal de “fuhrerismo”. Surge aí, também, um novo elemento: a exigência das camadas sociais no sentido de obter profunda melhoria moral de sua vida confusa e empobrecida.¹⁶⁴

Em meio a essa junção de elementos, segundo o autor, existiam entre o povo alemão as condições necessárias à vitória do nacional-socialismo. A Alemanha buscava alguém “sobre cujos ombros pudesse arrojear toda a carga de seus pecados”.¹⁶⁵

¹⁵⁹ Ibidem, p. 63.

¹⁶⁰ Idem.

¹⁶¹ Ibidem, p. 235.

¹⁶² Ibidem, p. 81.

¹⁶³ Ibidem, p. 86.

¹⁶⁴ Idem.

¹⁶⁵ Ibidem, p. 282.

Outro tópico de destaque na narrativa, que percebemos durante a análise, foi o tema do fracasso. Identificamos que “os fracassos de Hitler” perpassaram quase de forma onipresente todas as partes da biografia. Desde os fracassos, ainda na escola, até os erros cometidos em suas decisões política no comando da Alemanha. O autor, dentre todos os fracassos, dedicou-se a relatar de forma mais detalhada três coisas: o aluno fracassado, os erros da tentativa de *Putsch*¹⁶⁶ e as derrotas eleitorais do partido.

Como foi possível verificar, o termo “fracassado” foi em um primeiro momento utilizado para definir Hitler como aluno, em específico na sua ausência de aptidão para ser desenhista: “não se deve desconhecer um certo talento de desenhista. [...] mas tudo isso é absolutamente inexpressivo e suas cores berrantes produzem desarmonias insuportáveis”.¹⁶⁷ A temática do fracasso foi, posteriormente, retomada para falar sobre sua reprovação na Escola de Arte, onde Heiden fez um paralelo com o aluno da escola primária, mostrando que a falta de talento era algo inerente a Hitler.

De alguma maneira, os fracassos cometidos são relatados, mas, como ficou evidente, o autor destinou maior parte da narrativa, que envolveu esse tema, para falar dos três erros que Adolf Hitler cometeu em sua tentativa de *Putsch*. O primeiro erro constatado por nós foi o ataque sem preparação militar suficiente. O segundo, o tratamento, psicologicamente errôneo, dispensado ao comandante da *Reichswehr* e o terceiro foi a falta de coragem no dia 9 de novembro (o dia do Putsch).¹⁶⁸ E, para agravar ainda mais a situação de Hitler, depois do *Putsch*, a política e a economia se fortaleceram na Alemanha, quase que da noite para o dia.¹⁶⁹ O movimento nacionalista, entretanto, como afirmou Heiden, começou a declinar inesperadamente e a disputa dos chefes transformou o declínio em queda.¹⁷⁰ Com isso, para o povo Alemão, Adolf Hitler não interessava mais. Partidários entusiastas de outrora, declaravam que “ele havia estado louco, que o ano de 1923 fora uma época de confusão”.¹⁷¹

Subsequentemente, percebemos que mais dois fracassos foram descritos por Heiden: as duas derrotas nas eleições. Na primeira eleição, Hitler conseguiu onze milhões de votos e Hindenburg dezoito milhões; na segunda, conseguiu treze milhões de votos,

¹⁶⁶ *Putsch* de Munique ou como também é conhecido *Putsch* da Cervejaria foi a tentativa fracassada de golpe de Estado de Adolf Hitler e do Partido Nazista contra o governo alemão, ocorrido em 9 de novembro de 1923. (FEST, op. cit., p. 345).

¹⁶⁷ HEIDEN, Konrad, op. cit., p. 24.

¹⁶⁸ Ibidem, p. 169.

¹⁶⁹ Ibidem, p. 180.

¹⁷⁰ Ibidem, p. 181.

¹⁷¹ Ibidem, p. 198.

número gigantesco, mas Hindenburg continuou sendo o Sr. Presidente. Na concepção do autor, o segundo fracasso eleitoral gerou dois erros graves. O primeiro, praticado por Hitler, foi quando, insuflado por Goebbels e Göring, mobilizou a S.A., concentrando-a em torno de Berlim, ameaçando os marxistas com um derramamento de sangue. Os nazistas, tanto na Prússia Oriental quanto na Silésia, começaram a assassinar seus adversários políticos.¹⁷² Essa atitude mudou a forma como Hitler era visto pelo povo alemão.

Diante dos olhos de todo o povo alemão, Hitler galgara a escada do poder; diante dos olhos do povo, teve de rodar por ela abaixo. Impotente diante da bengala-muleta do ancião de oitenta e cinco anos, ele, o “Führer”! Joguete nas mãos de alguns favoritos de gabinete, ele o “forte” Adolf Hitler! A fama de irresistibilidade vacila, o nimbo se ofusca.¹⁷³

A situação de Hitler havia se complicado e ele acabou cometendo outro erro. Os tribunais de exceção instituídos por von Papen condenaram à morte cinco nazistas que assassinaram um trabalhador. Hitler, ao ser informado sobre a condenação, telegrafou aos assassinos condenados, chamando-os de “meus camaradas”¹⁷⁴ e prometeu que a liberdade era questão de honra para o nacionais-socialistas. Com isso, “um grito de revolta percorreu a opinião pública”.¹⁷⁵ Desde esse momento muitos não depositavam mais em Hitler a antiga confiança. Ele não conquistava nada, diziam: “não passava de um fanático desmiolado; empreendia uma porção de coisas e nada realizava”.¹⁷⁶

A partir da nossa análise, consideramos que o tema do fracasso teve uma função muito específica na narrativa de Konrad Heiden: mostrar que Hitler sempre foi persistente em seu objetivo, que, talvez, qualquer outra pessoa teria desistido em meio a tanta adversidade. A narrativa nos sugere que Hitler fracassou como aluno, como desenhista, mas seu talento para a política era o seu verdadeiro dom. Hitler fracassou com o *Pusch*, e durante o período ficou preso:

[...] nesse interregno, interpuseram-se nove meses de repouso e meditação, por detrás das confortáveis paredes da fortaleza Landsberg. Entre os muitos casos felizes da carreira política de Hitler, devemos contar esses nove meses de tranquilidade, como um dos presentes mais valiosos.¹⁷⁷

¹⁷² Ibidem, p. 272.

¹⁷³ Ibidem, p. 274.

¹⁷⁴ Idem.

¹⁷⁵ Ibidem, p. 275.

¹⁷⁶ Ibidem, p. 276.

¹⁷⁷ Ibidem, p. 178.

Perdeu a primeira eleição que concorreu e seu partido ficou paralisado com tal resultado, entretanto, “Hitler mostrou do que era capaz. Hitler perdeu, também, no segundo escrutínio. Ainda assim, conseguiu treze milhões de votos [...]”.¹⁷⁸ Ao demarcar esses acontecimentos, entendemos que, para Konrad Heiden, foram justamente sua persistência e confiança em seu destino que o levaram ao triunfo, superando os sucessivos fracassos. Em 31 de julho realizou-se mais uma eleição. Hitler passou a dispor de 230 deputados no Reichstag. Ainda não era a maioria absoluta, porém, mais do que um terço. A impactante ideia construída ao longo do texto, portanto, é de que os nazistas, com a força e obstinação de Adolf Hitler constituíram o partido mais forte de todos da Alemanha, naquele período.¹⁷⁹

Outro ponto fundamental para construir o “verdadeiro Hitler” – segundo nossa concepção, foi mostrar que o “mito Hitler” foi algo fabricado em um momento específico e por alguém. “Quem numa noite de verão de 1919 teve a sorte histórica de transpor os umbrais do bar ‘A Ortiga’, situado no Schwabin, o bairro dos Artistas de Munique, pode assistir aí, numa mesa reservada, o invento de Adolf Hitler, ou o invento do mito Hitler”.¹⁸⁰ De acordo com Heiden, foi Dietrich Eckart – um dos membros no início do Partido Nazista – quem traçou esse perfil profético de Hitler, sentado na mesa do bar, tornando-se, assim, o autor intelectual do “mito-Führer” no Partido Nacional-Socialista.¹⁸¹

Dietrich Eckart, segundo o jornalista, assumiu a direção espiritual de Hitler, como também o ensinou a falar e escrever.¹⁸² De acordo com a narrativa, o conselho mais importante da carreira política que Hitler recebeu veio de Eckart: conseguir o setor de propaganda do Partido para si e não deixar que ninguém lhe fizesse sugestões, que fizesse tudo por sua cabeça. “Hitler compreendeu o que Dietrich Eckart queria dizer: aquele que fizer a propaganda, terá em suas mãos a representação pública do Partido e, com isso, dentro de mais ou menos tempo, o próprio Partido”.¹⁸³ A compreensão desse conselho fez com que o partido se tornasse “[...] exército, propaganda e lenda, e, diante dos olhos dos contemporâneos, constrói-se a figura colossal do tributo Adolf Hitler, na qual desaparece

¹⁷⁸ Ibidem, p. 261.

¹⁷⁹ Ibidem, p. 272.

¹⁸⁰ Ibidem, p. 67.

¹⁸¹ Ibidem, p. 68.

¹⁸² Ibidem, p. 92.

¹⁸³ Idem.

o homem Adolf Hitler”.¹⁸⁴ Segundo Heiden, foi dessa maneira que Adolf Hitler, para o povo alemão e para si mesmo, tornou-se uma lenda.¹⁸⁵

Como podemos depreender, o autor objetivou desconstruir o “mito Hitler” por meio da compreensão da existência de uma dupla personalidade. Segundo Heiden, Hitler, como homem normal, que todo muito via, estava mascarado.¹⁸⁶ Ou seja, isso nos sugere que para o jornalista ninguém realmente conhecia o verdadeiro Hitler – afirmação também utilizada por Hermann Rauschning.

Conforme a narrativa biográfica construída, até entrar no Partido Nazista e tornar-se político, poderíamos sintetizar a vida de Hitler como um ginásiano que abandonou a escola antes do exame por preguiça. Reprovado na Academia de Arte e na Escola de Arquitetura, sucessivamente, passando a trabalhar de ocasião como carregador de malas, mendigo, desenhista de cartões postais e pintor de cartazes; por vários anos interno de um asilo masculino. Soldado de 1914 até 1920, depois da guerra ficou sem profissão definida, sustentado por amigos e, gradativamente, tornando-se um agitador político. Perfil que não era muito diferente dos outros “líderes fracassados do Partido”¹⁸⁷ descritos pelo jornalista. O que nos permite concluir que, até então, para o autor, Hitler não era um caso único e particular da história Alemã.

Em sua escalada rumo ao poder, segundo Heiden, a maioria o considerava um político que divertia o público, mas esse era um perfil enganoso que a população tinha de Hitler. Sugerindo assim, mais uma vez, que ninguém conseguiu captar o verdadeiro Hitler. Este, para o autor, não era uma criatura humana, era um estado da alma alemã.¹⁸⁸ Para embasar sua percepção, notamos que o jornalista correlacionou o estado de espírito fracassado de Hitler e da Alemanha.

Hitler, com poderosa força de sugestão, o modelo à imagem e semelhança de sua vaidade ferida, inculca ideias, histericamente exageradas, de honra, poder e superioridade. Satura-se com todos os erros e preconceitos de um fracassado. A reprovação do exame do Ginásio e a reprovação no exame da guerra mundial; os anos de miséria em Viena e a miséria nacional do pós-guerra; a luta baldada pelo reconhecimento dos camaradas, e os esforços incompreendidos em torno do reconhecimento por parte dos povos europeus – eis aí paralelos bem frisantes, embora na escala de 1 para 60.000.000. A constituição moral da Alemanha derrotada na guerra mundial e a estrutura moral de Hitler fracassado no início da vida, são

¹⁸⁴ Ibidem, p. 111.

¹⁸⁵ Ibidem, p. 295.

¹⁸⁶ Ibidem, p. 308.

¹⁸⁷ Ibidem, p. 217.

¹⁸⁸ Ibidem, p. 119.

afins. Nos dois casos, o desejo de estabelecer uma ideologia da justificação. [...] isso corresponde, em ambos os casos, ao estado de espírito que domina o mau perdedor. Um homem fracassado e um povo fracassado entraram em sintonia. A ambição de Hitler é a ambição do povo alemão.¹⁸⁹

Heiden afirmou que Hitler não se transformou, apenas tornou-se o que realmente era e aquilo para o que a natureza o havia criado: um dominador com instintos de mendigo. Por causa da sua formação, desde o nascimento, só poderia ter sido absoluto em tudo que se havia proposto fazer. Não pôde viver sem deixar de fazer o que quisesse, mas precisava ter a sensação de que todos aceitavam suas atitudes. No seu íntimo, o jornalista definiu Hitler como um melancólico e sonhador, perante a massa, ambicioso enérgico. A tragédia da Alemanha, nessa fase tardia de sua história, consistiu no fato de que seis decênios de império habituaram-na à obediência, sem “haver (sic!) produzido nenhum senhor genuíno”.¹⁹⁰ Daí as condições, de acordo com o autor, para aceitar alguém com “bufões demoníacos”,¹⁹¹ como Adolf Hitler.

Entendemos que Heiden pensou Adolf Hitler de maneira polarizada – o privado e o público; homem e fenômeno; Hitler e Führer –, como se existisse uma dupla personalidade de naturezas diferentes em um único corpo. Hitler, homem privado, foi o mandrião cotidiano com planos de grandeza que nunca tinha dinheiro e fez negócios de milhões. Hitler, o político, foi um herói de romance inverossímil, que de fato realizou os negócios de milhões.¹⁹² Para o autor, o maior agitador de massas da história, “nem Maomé nem *Gengis Khan*, nem Pedro o Eremita atraíram a si tantos homens, quantos Hitler mobiliza e põe em delírio em uma única comemoração”.¹⁹³

O homem Adolf Hitler, semelhante a um “médium”¹⁹⁴ que faz surgir de si o “fenômeno”, criou um segundo Hitler, graças ao “poderoso esforço de vontade”.¹⁹⁵ “Em estado de calma, esse segundo Hitler ficou, por assim dizer, acorado dentro do Hitler normal; no momento da exaltação, vem à tona e cobre-o com sua máscara inexpressiva, maior do que a natural”.¹⁹⁶ Compreendemos que, para Heiden, com esse desdobramento da personalidade, tornou-se difícil formular o seu juízo sobre Hitler. Mas elaborou uma distinção entre essas duas personalidades Hitler e Führer:

¹⁸⁹ Ibidem, p. 297.

¹⁹⁰ Ibidem, p. 295.

¹⁹¹ Idem.

¹⁹² Ibidem, p. 296.

¹⁹³ Ibidem, p. 297.

¹⁹⁴ Ibidem, p. 301.

¹⁹⁵ Idem.

¹⁹⁶ Ibidem, p. 302.

Hitler é o ginasiano de Linz, o “filho mimado”, o pintor vadio de cartões postais, mas também o orador de comícios que ergue o copo de “chopp” ou arreda a mesa sobre a tribuna com riso chocarreiro, imita os alemães e a linguajar de um comerciante judeu – esse é Hitler.

O “Führer” possui todas as qualidades capazes de se robustecerem, mediante esforço de vontade. Grande é sua energia, rápidas suas decisões. É duro para próprias e para as alheias dores, persistentes nos esforços, moderado no prazer e, quando há necessidade real disso, pode permanecer durante doze horas numa reunião ministerial. Mas esse Führer vive sempre por tempo reduzido; depois se afunda de novo e a imagem humana Adolf Hitler, mais natural [...].¹⁹⁷

Heiden não hesitou em pensar que o “Führer” era uma criação da fantasia popular, na qual Adolf Hitler viveu e criou uma imagem maior que a natural. O “Führer”, durante poucas horas, foi, de fato, “um extraordinário herói de livro escolar: cínico como Frederico o Grande, brutal como Napoleão e bondoso como o Imperador José”.¹⁹⁸ As qualidades do Führer, para conseguir grande sucesso, tornam-se necessárias juntamente com as qualidades de Hitler,¹⁹⁹ onde existem duas pessoas das quais não se pode fazer uma responsável pela outra. “Mas **Hitler não é, na realidade, uma criatura humana** com quem uma pessoa sensata consiga firmar pactos, mas um fenômeno, o qual ou a gente vence ou por ele é vencido”.²⁰⁰ (Grifo nosso).

No processo de desdobramento da personalidade, segundo a descrição da obra, assiste-se, durante os discursos, a transfiguração de um homem insignificante em um homem importante. Heiden ao relatar essa transfiguração, nos trouxe a sensação de um ritual sobrenatural e mágico, onde o Führer foi um espírito que tomou conta do corpo de Adolf Hitler. Mas, como a narrativa denotou, Hitler era a única parte verdadeira desse ritual, somente ele teve o mérito de ter modelado o Partido, que enfeitiçou as almas, que estabeleceu sobre a Alemanha o domínio mais poderoso que jamais existiu.²⁰¹

O ouvinte de um bom discurso de Hitler assiste o Führer nascer da matéria prima; a torrente oratória o enrijece como um jato d’água a uma mangueira. O Hitler desaparece; surge o Führer. Subitamente, jorra luz por detrás de uma janela escura; da massa de névoas emerge um cume, brilha uma superfície cinzenta. Um cavalheiro com um bigode cômico transforma-se em arcanjo, e a banalidade em palavras trovejantes. Uma exaltação, que a todos exalta. Mas apenas a miragem de um grande homem. O arcanjo sai de cena e Hitler encontra-se sentado na cadeira, banhado de suor, com o olhar vítreo. Censuram-lhe a violação de suas promessas. Mas o Führer

¹⁹⁷ Ibidem, p. 302-303.

¹⁹⁸ Ibidem, p. 303.

¹⁹⁹ Ibidem, p. 304.

²⁰⁰ Ibidem, p. 305.

²⁰¹ Ibidem, p. 306.

todo não passa de uma promessa enganadora, pois somente Hitler é o cumprimento.²⁰²

Na parte final da biografia, Heiden utilizou, como podemos perceber no trecho supracitado, de uma narrativa metafórica para caracterizar a transformação de Hitler em Führer. Também empenhou-se em desenvolver, mais uma vez, segundo nossa análise, o que pareceu ser sua grande chave-explicativa para construir o seu verdadeiro Hitler: Hitler e Führer são duas personalidades distintas, mas que em conjunto personificam o “estado da alma alemã”.²⁰³ O povo oprimido e fracassado se viu representado na figura insignificante de Hitler e se sentiu consolado pela ascensão e transfiguração do Führer. “A massa sente isso: esse homem é ela mesma, uma síntese e personificação de suas próprias forças; daí, sua estreita ligação com ele”.²⁰⁴ Mas, na verdade, o verdadeiro Hitler continuava sendo alguém que ninguém ainda tinha visto, ele era apenas um oportunista, “[...] nem é um revolucionário, nem um reacionário, mas, simplesmente, um oportunista [...]”.²⁰⁵

O autor concluiu que entre sucessos e fracassos que se contrabalançam, não se pode deixar de reconhecer o extraordinário esforço do regime e de Hitler. Apenas uma parte pequena da população acreditava nas atrocidades dos porões da S.A. e dos campos de concentração. Segundo a narrativa, quase ninguém admitiu outro governo que não o de Hitler.²⁰⁶ Seu sucesso pode ser explicado por três determinantes: o ativamento da massa, a paixão pela oratória e a infatigável atividade no trabalho.²⁰⁷ Hitler e seu Partido tomaram conta do poder sobre um “povo grande e espiritualmente rico”,²⁰⁸ ele corrompeu o povo alemão de forma magistral.²⁰⁹ Heiden afirmou que nenhum dos outros conseguira ir tão longe, tampouco nenhum deles pretendeu ir. De um pobre homem, tornou-se um mito.

Como percebemos, Konrad Heiden, apesar de classificá-lo como oportunista, não diminui a importância e conquistas de Adolf Hitler. Mesmo definindo o líder nazista como um fracassado que foi subestimado e acabou tornando-se um mito, um desclassificado com áurea demoníaca que alcançou poder, somos levados a crer que o

²⁰² Idem.

²⁰³ Ibidem, p. 119.

²⁰⁴ Ibidem, p. 306.

²⁰⁵ Ibidem, p. 366.

²⁰⁶ Ibidem, p. 367.

²⁰⁷ Ibidem, p. 107

²⁰⁸ Ibidem, p. 110.

²⁰⁹ Idem.

Führer (a segunda personalidade de Hitler) foi, realmente, uma grande lenda – talvez, a mesma lenda que Konrad Heiden criticou no início da narrativa e colocou como objetivo desconstruir –, ou melhor, o mito que tanto a Alemanha desejou. Ainda nas primeiras páginas da obra, o autor nos diz que “Hitler é a Alemanha. [...] O “Herói” desse livro não é nem um super-homem e nem um títere, mas um contemporâneo interessantíssimo e o maior agitador de massas da história universal, se considerado pelo prisma numérico”.²¹⁰ Ao chegar na última página saímos com compreensão que foi esse Hitler (o oportunista que dominou o povo alemão, o fracassado que se tornou líder da Alemanha Nazista) – mesmo se transfigurando no fenômeno Führer por algumas horas – que Konrad Heiden construiu por meio da biografia *Hitler: a vida de um ditador*.

Os últimos dias de Hitler de Trevor-Roper

O historiador inglês Hugh Redwald Trevor-Roper, (1914 - 2003), formou-se em Chaterhouse e Chris Church (Oxford). Seu interesse pela Alemanha nazista surgiu quando se tornou pesquisador do Merton College Oxford, em 1938. Durante a Segunda Guerra Mundial, trabalhou como oficial do serviço secreto da inteligência britânica e, a partir dessa missão, emergiu seu objetivo de descobrir o que aconteceu nos últimos dias do bunker de Hitler.²¹¹ Depois da guerra, retornou a Oxford na função de diretor dos estudos.

Em 1947, publicou o livro *Os últimos dias de Hitler*, que teve como propósito elementar tratar dos dez dias derradeiros da vida de Adolf Hitler no bunker sob a chancelaria. No período da publicação da obra, as circunstâncias que envolviam a morte de Adolf Hitler eram vistas “como obscuras e misteriosas”²¹² e até mesmo questionavam se Hitler realmente tinha morrido. Um dos motivos que, possivelmente, fizeram, em pouco tempo, o livro escrito pelo historiador inglês tornar-se *best-seller*, traduzido para mais de dezesseis línguas e uma das referências mais importantes no que se refere aos estudos sobre o líder nazista nesse período.

Apesar da narrativa tratar dos últimos dias da existência do ditador, em específico da cena cuidadosamente preparada de sua morte, Trevor-Roper fez um panorama de como Hitler exerceu o seu poder durante o Regime Nazista. Construindo, assim, uma imagem influente do líder do Terceiro Reich para a historiografia posterior, incluindo a biografia

²¹⁰ Ibidem, p. 6.

²¹¹ ROSENBAUM, Ron, op. cit., p. 146.

²¹² Ibidem, p. 42.

de Alan Bullock – e como dito, um dos autores mais incorporados na narrativa de *Hitler: A Study in Tyranny*. Dessa forma, mesmo não sendo uma biografia, definimos *Os últimos dias de Hitler* para analisar qual imagem de Adolf Hitler foi fabricada por Hugh Redwald Trevor-Roper.

Trevor-Roper deixou claro, ainda na introdução, que seu intuito foi mostrar que Hitler estava fisicamente morto depois que cometeu suicídio – segundo o autor, existia uma tendência de pensar que o suicídio de Hitler foi forjado –, para assim “impedir (tanto quanto se possa fazê-lo com tais meios) **o renascimento do mito hitlerista**”.²¹³ (Grifo nosso)

Por meio do que definiu como “A Corte de Hitler”,²¹⁴ o historiador buscou compreender o fascínio que aquela figura exercia sobre seus círculos de aliados, pois, a partir disso, era possível depreender o próprio significado dos dias finais de Hitler. Como identificamos, o autor questionou o leitor se realmente era possível pensar em regime totalitário, onde um único indivíduo foi responsável por tudo que aconteceu na Alemanha no período de 1933 a 1945. Da mesma forma que fez afirmações contundentes como:

E quantos de nós também nos enganávamos sobre esse mesmo déspota, muitas vezes representado como um instrumento, mas cujo poder pessoal era, na verdade, tão incontestado que subsistiu até o fim, entre o caos que havia criado; dissimulou sua verdadeira natureza e continuou a dominar até do túmulo os miseráveis subordinados, sentados no banco de Nuremberg! Se nenhuma força exterior conseguiu pôr em xeque nem controlar esse absolutismo, seria inócuo supor que uma resistência interna tivesse conseguido refreá-lo.²¹⁵

Percebemos que o autor relativizou a concepção de Regime Totalitário mostrando que, talvez, o verdadeiro “culpado” não seja apenas Hitler, mas sim o nacional-socialismo, como uma “religião alemã” que esteve na base dos êxitos efêmeros e espetaculares realizados, e, na política alemã do século XX, “constituiu um elemento tão importante quanto o calvinismo no passado”.²¹⁶

Nos parágrafos posteriores, inferimos que a imprecisão continuou sendo o tom escolhido para compor a escrita, fazendo uma mescla de afirmações onde em alguns momentos conseguimos perceber Adolf Hitler como o ditador que comandou tudo e todos

²¹³ Ibidem, p. 48.

²¹⁴ “É preciso reconhecer que de forma alguma Hitler era um pião fácil de movimentar, que o Estado nazista não era absolutamente totalitário (no sentido corrente da expressão), e que seus dirigentes não constituíam um governo, mas uma corte, tão desprovida de poder de ação, mas também tão cheia de intrigas quanto a corte de um sultanado oriental”. (TREVOR-ROPER, H.R., op. cit., p. 61).

²¹⁵ Ibidem, p. 63.

²¹⁶ Idem.

e, em outros, como ele sendo parte de “uma anarquia feudal”.²¹⁷ No entanto, segundo o autor, para termos condições de fazer uma análise de Hitler e seu poder de dominação, devemos compreender quem foi a sua corte. Para tal fim, Trevor-Roper apresentou e definiu a “corte de Hitler” por meio da pergunta “Mas se ele, Hitler, viesse a morrer, qual de seus zelosos adutores poderia esperar suceder-lhe, em sua vertiginosa situação?”.²¹⁸ Pois, baseado em uma frase do arquiteto-chefe e ministro do Armamento do Terceiro Reich Albert Speer, só era possível entender as relações dos grandes dirigentes se considerá-las como manifestações de uma luta pela sucessão de Hitler.²¹⁹

Hermann Göring, Rudolf Hess, Martin Bormman, Joseph Goebbels, Heinrich Himmler, Walter Schellenberg, Albert Speer – a corte, o círculo íntimo de amigos e os possíveis sucessores de Hitler – são detalhadamente apresentados, buscando, assim, definir o quanto essas personagens tinham influência e poder sobre Hitler; e, também, as disputas entre eles para assumir o comando da Alemanha. Himmler foi descrito como o culpado pelos campos de concentração²²⁰ e aquele que detinha um poder fora do comum, na época.²²¹ Göring, apesar de ser um “poltrão em política”, foi um alto e poderoso funcionário, pai da Gestapo; o primeiro escalado na linha de sucessão. Hess foi uma personagem inofensiva, de espírito simples e decisões estáveis.²²² Bormman, conselheiro privado e administrador financeiro de Hitler, em pouco tempo tornou-se uma figura indispensável e um candidato forte para assumir a direção da Chancelaria depois da fuga de Hess.²²³ Goebbels era o intelectual do partido, talentoso como administrador e aquele que criou o maior instrumento de poder do Regime Nazista, sua propaganda.²²⁴ Schellenberg, foi descrito como o mais jovem general dos S.S., com pouco conhecimento em política e de espírito medíocre.²²⁵ Speer foi definido como o mais inteligente e o menos corrompido dos cortesãos de Hitler.²²⁶

O quadro do círculo de Hitler, montado pelo autor, a nosso ver, teve como objetivo mostrar a organicidade da estrutura de poder do regime. Cada um, da sua forma, para o

²¹⁷ Ibidem, p. 62.

²¹⁸ Ibidem, p. 70.

²¹⁹ Ibidem p. 71.

²²⁰ Ibidem, p. 75.

²²¹ Ibidem p. 89.

²²² Ibidem p. 71.

²²³ Ibidem, p. 72.

²²⁴ Ibidem, p. 74.

²²⁵ Ibidem, p. 81.

²²⁶ Ibidem, p. 71.

historiador, era uma peça fundamental e suporte para Hitler girar a engrenagem do movimento, mas apenas este era o senhor supremo.

Quaisquer que sejam as forças por ele utilizadas e os apoios de que tenha servido, Hitler foi, até o fim, o único senhor do movimento que ele mesmo havia inspirado e fundado e que ele mesmo conduziria à ruína. Nem Röhm ou Himmler, nem o exército ou os Junkers, a alta finança ou a grande indústria dominaram esse gênio demoníaco e funesto, a despeito da assistência que tenham podido conceder-lhe ou dele receber, em determinados momentos, apesar das esperanças ou das fábulas com que porventura conseguiram apaziguar seus ocasionais temores ou frequentes decepções. E é igualmente certo que Bormann, qualquer que tenha sido a ascendência adquirida sobre Göring, Hess e Himmler, jamais pôde controlar a incontestável vontade de Hitler, e só pelo exclusivo favor deste mantinha sua posição.²²⁷

Em nossa análise, percebermos que entender como Hitler pôde exercer esse poder e dominação passou a ser, para Trevor-Roper, a grande questão que deu prosseguimento à construção da obra. Em meio a tantas testemunhas, consideramos que uma ganhou mais destaque: Albert Speer.²²⁸ Detectamos que os relatos feitos por Speer à Trevor-Roper tornaram-se o grande pano de fundo para o desenvolvimento da argumentação. Em vários momentos do livro, o historiador disse que, apesar dos inúmeros testemunhos que conseguiu, o do arquiteto-chefe e ministro do Armamento foi indispensável, principalmente para entender os últimos meses da vida de Hitler.²²⁹ Não apenas isso, consideramos que Speer, de alguma maneira, foi o responsável por guiar o olhar do autor para compreender como Adolf Hitler conseguiu manter “enfeitiçados” mesmo aqueles que decidissem romper com a dominação exercida.

Trevor-Roper afirmou que Himmler, Hess, Goebbles, Speer, Rauschnig, Göring, todos que se encontravam no “círculo mágico” em volta de Hitler ficaram seduzidos por aquela extraordinária personalidade.²³⁰ A misteriosa intensidade dos “seus olhos de glaucos, ao egoísmo messiânico pregado por aquela voz rouca”²³¹ fazia qualquer um deles perder o juízo, a mesma coisa aconteceu com toda população alemã. Segundo Trevor-Roper, a explicação para isso vem do próprio Hitler, sua fé em sua função messiânica foi

²²⁷ Ibidem, p. 93.

²²⁸ “Speer, ao contrário, merece ser citado com pleno direito. Suas conclusões nunca são simplistas nem estreitas; parecem sempre honestas e quase sempre profundas. Se por vezes dá a impressão de ter caído completamente sob o encanto do tirano a quem servia, pelo menos é o único de seus servidores cujo julgamento não tem sido falseado por esse terrível mestre; conservou o poder de se analisar a si mesmo e a honestidade de declarar ao mesmo tempo seus erros e suas convicções”. (TREVOR-ROPER, 1949, p. 122).

²²⁹ Ibidem, p. 194.

²³⁰ Ibidem, p. 187.

²³¹ Ibidem, p. 123.

o elemento mais importante da “extraordinária força de sua personalidade”, que sobreviveu para além da sua existência. A aceitação desse mito, até para o racional e inteligente Albert Speer, constituiu a prova dessa força.²³² Percebemos que, por meio dos adjetivos acionados por Trevor-Roper ao definir Hitler,²³³ foi possível constatar um encantamento do próprio autor pela figura do líder nazista – essa constatação perdura pelo resto da narrativa.

Para o autor, o aspecto mitológico que se criou para pensar Hitler não poderia diminuir duas das principais características que o acompanharam até o fim: a genialidade política e militar. Trevor-Roper entendeu que a política de Hitler foi colocada em prática de forma desastrosa, tanto que levou a Alemanha e a ele mesmo à ruína. Mas não se deve fazer pouco caso do gênio político e militar que foi, pois era necessário considerar não apenas o resultado final, como também as diversas fases de sua trajetória política. Suas qualidades militares e a extensão do seu senso do pormenor eram reconhecidos por todos. Na política, apesar da brutalidade de suas intenções, dedicou-se “a realizá-la como um autêntico gênio político”.²³⁴ Isto nos permite deduzir que o Hitler de Trevor-Roper era uma figura com várias qualidades políticas e militares. O “gênio” que tantos outros tentaram diminuir sua importância.

Percebemos também, durante a análise, que outro traço da personalidade destacado na narrativa textual foi seu magnetismo pessoal. Mesmo no final, quando já não era mais aquele conquistador de outrora, quando o III Reich era um fracasso e restava-lhe apenas a morte, de acordo com o historiador, Hitler conservou o seu magnetismo. E essa, para Trevor-Roper, foi a única explicação para compreender a extraordinária autoridade que exerceu nos dias finais de sua vida. Quando não tinha mais meios de obrigar e persuadir, quando o fracasso e as consequências do seu governo catastrófico eram notórios, ainda sim, como o autor objetivou mostrar, lhe restou a força de sua personalidade, que manteve todos enfeitiçados e submissos às suas ordens.

Pois, **como Speer compreendia**, Hitler era o único homem ao qual, enquanto estivesse vivo, o povo alemão se dispunha a obedecer incondicionalmente. Esse povo estava como enfeitiçado e, com ele, Himmler e Speer. Ambos chegaram, por caminhos diferentes, à conclusão de que o governo de Hitler era catastrófico, ambos possuíam, ou julgavam possuir, uma política para substituir a dele, mas nenhum dos dois estava inteiramente disposto a executar essa política enquanto Hitler vivesse, a

²³² Ibidem, p. 94.

²³³ Como, por exemplo, a definição supracitada: “extraordinária força de sua personalidade”.

²³⁴ TREVOR-ROPER, H. R., op. cit., p. 247.

única fonte de inspiração, o único objeto de devoção, o único centro do poder e da autoridade. Nem Speer, nem Himmler podiam agir contra o Führer, ou independentemente dele. Para que pudessem pôr em ação sua política, só havia um meio: esperar Deus, o acaso ou o tempo tivesse feito desaparecer a terrível personagem em que não ousavam tocar. **O poder do Führer era de ordem sobrenatural** e nenhum profano podia estender a mão para tocá-lo, enquanto o grande sacerdote titular vivesse.²³⁵ (Grifo nosso).

Na parte final do livro, e a mais extensa, verificamos que o historiador dedicou-se a reconstruir, em minúcias, como ocorreu o suicídio de Adolf Hitler. A riqueza de detalhes foi tamanha que ficamos com a sensação de acompanhar a cena de todos os ângulos possíveis. Temos a visão de Hitler, da sua corte, do guarda que olhava de longe e até mesmo de quem não estava presente no momento. Mas, a nosso ver, o que caracterizou essa parte da narrativa foi o esforço em fixar como Hitler exerceu poder, como ele, mesmo fisicamente acabado, conseguiu dominar todos à sua volta, como ninguém ousava contrariar uma decisão tomada pelo Führer. E, principalmente, como, mesmo depois de derrotado e morto, o feitiço magnético de Hitler ainda era presente entre seu círculo íntimo (sua corte).

Consideramos que o testemunho de Albert Speer – para o autor, como já supracitado: o mais inteligente e o menos corrompido de seus cortesãos –²³⁶ foi colocado como um instrumento de confirmação e base para a compreensão desse processo quase mágico. Devido ao fato de que, mesmo com o fim do III Reich e seu líder, Speer ainda via Adolf Hitler como um caso excepcional na história da humanidade e foi sua personalidade que “[...] determinou a sorte da nação. Somente ele a colocou e manteve nos caminhos que a levaram ao seu terrível fim. A nação foi enfeitiçada por ele como um povo raramente pode sê-lo no curso da História”.²³⁷

O epílogo da obra, segundo nossa concepção, tem uma função bastante clara: compreender como foi possível à Alemanha ter aceitado uma liderança política como Adolf Hitler. A ideia dos grandes homens de Thomas Carlyle,²³⁸ para Trevor-Roper, foi a doutrina que ressoou harmoniosamente aos ouvidos germânicos. Em um período que a Alemanha carregava amargura e derrota, quando o povo alemão tinha perdido a esperança em suas instituições políticas e na capacidade de as utilizarem. Essa doutrina conveio a

²³⁵ Ibidem, p. 197-198.

²³⁶ Ibidem, p. 70.

²³⁷ Ibidem, p. 93.

²³⁸ Que o poder deveria ser entregue aos grandes homens, aos que constituem para si mesmo sua própria lei, sem precisar responder por ela perante as instituições, onde uma nação deve se considerar feliz por ser instrumento de seus desígnios. (TREVOR-ROPER, H. R., op. cit., p. 246).

Hitler que, como Carlyle, acreditava na “grandeza histórica”, considerando-a tão importante quanto à felicidade e/ou a sobrevivência de um povo. Não apenas isso:

E ele próprio se considerava um grande homem – no que certamente se não (sic!) enganava, **pois seria absurdo dizer que um homem que deixou um tão fundo vestígio na história era apenas um medíocre**. Os alemães aceitaram-no como ao Messias esperado, e na hora em que ele pareceu triunfar sacrificaram-lhe suas instituições políticas, não acreditando nelas, e sim no homem.²³⁹ (Grifo nosso).

Neste trecho supramencionado, entendemos que Trevor-Roper fez uma crítica as construções anteriores que pensavam Adolf Hitler como uma figura medíocre e diminuíram a importância dessa figura para a história Alemã. Ou seja, como ficou perceptível na construção da narrativa, uma concepção oposta à do autor.

Hugh Redwald Trevor-Roper, por meio de *Os últimos dias de Hitler*, tinha como intenção impedir o renascimento do mito de Hitler. Mas, de forma inconsciente ou não, teve um efeito contrário: acabou constatando a sobrevivência mítica de Hitler ao expor o fascínio que o Führer ainda exercia, mesmo depois da sua morte; portanto, perpetuando o mito de Hitler. Como também concebeu Hitler como uma figura mágica, quase demoníaca de poder sobrenatural, longe do alcance humano. E mesmo que tenha levado a cabo uma política de destruição e ruína, foi um grande gênio político e militar, não podendo ser considerado como um simples homem medíocre. Trevor-Roper pretendeu mostrar como todos à volta de Hitler aceitaram a ideia do mito do Führer; ao que pareceu, ele também acabou sendo convencido do mito pela “Corte de Hitler”, em específico por Albert Speer.

Os “Hitlers” construídos, semelhanças ou divergências?

Há diferentes interpretações da pessoa de Adolf Hitler. Buscando compreender o tratamento dado a Hitler entre o período do seu surgimento, como personalidade política, até os primeiros anos do pós-guerra, percebermos que a personagem foi pensada a partir de algumas questões, dentre elas: o lugar de Hitler na história alemã. Ele foi o grande ideólogo de tudo ou apenas um nome dentro do Regime Nazista? Essa questão, usualmente, se dividiu em duas vertentes interpretativas. No panorama feito dos primeiros explicadores, concluímos que uma parte dos escritos sobre Adolf Hitler minimizou o peso

²³⁹ Ibidem, p. 247.

atribuído ao seu papel pessoal ou, até mesmo, omitiu a existência do líder nazista. Em uma explicação oposta, Hitler foi concebido como a personificação do poder na Alemanha Nazista, um líder de poder pessoal incalculável. Tudo que aconteceu na história do país durante o Terceiro Reich era fruto de sua vontade.

Três obras, devido à importância, notoriedade e repercussão que ganharam, e, o fato principal, por terem sido as três obras que tiveram Adolf Hitler como objeto central da análise mais incorporadas por Alan Bullock em sua biografia sobre Hitler, tornaram-se instrumentos para mapear, de forma específica, as imagens de Adolf Hitler criadas. Mesmo tendo recortes cronológicos diferentes, – *Hitler me dijo* pensou a personagem no período de 1934 a 1936; *Hitler: a vida de um ditador* abarcou a cronologia de 1933 a 1936; e *Os últimos dias de Hitler* teve como finalidade reconstruir os dez dias anteriores à morte do líder nazista, entre 20 e 30 de abril de 1945 –, os autores tentaram compreender quem foi Adolf Hitler, como essa figura ascendeu ao poder e pôde exercê-lo. Cada um à sua forma, a partir das concepções, intencionalidades e experiências, objetivou produzir a personagem Hitler de maneira distinta. As narrativas construídas utilizaram de elementos particulares para compor a argumentação.

Hermann Rauschning quando ainda fazia parte do Partido Nazista era um grande defensor de Adolf Hitler, mas após alguns desentendimentos com o líder foi dispensado do partido, tornando-se antinazista.²⁴⁰ O seu antinazismo foi uma característica muito presente em seu livro. Rauschning teve como intenção de escrita relatar as reuniões que manteve com Hitler e mostrar uma visão mais íntima do líder nazista. O tom da narrativa foi de denúncia: primeiro para mostrar que existiam dois Hitlers, o privado e o público. E apenas aqueles que conheciam o Hitler em seu íntimo tinham compreensão de suas verdadeiras ideias. Ideias estas que ele sempre fez questão de ocultar das massas. Com isso, entendemos que queria evitar que os planos futuros de Adolf Hitler – já que o livro foi lançado em 1939, quando o Regime Nazista ainda era vigente – fossem colocados em prática. Sua intenção, explícita ainda nas primeiras páginas da obra, era fazer com que os alemães e todos os outros saíssem da “cegueira” e percebessem a ideia enganosa do poder de Hitler. Este, segundo nossa compreensão da obra, não era um revolucionário, não era um político, mas sim um homem escravo dos seus impulsos, que beirava à loucura. Mas que com o magnetismo de um charlatão, conseguiu dominar a Alemanha sob sua vontade.

²⁴⁰SIMKIN, John. *Spartacus Educational*. Disponível em < http://spartacus-educational.com/Herman_Rauschning.htm >. Acesso em 13 de agosto de 2018.

A biografia escrita pelo jornalista Konrad Heiden, *Hitler: a vida de um ditador* teve como uma das características principais o fato de ser o relato de uma testemunha ocular da vida política de Adolf Hitler em Munique. Narrou suas tentativas de chegar ao poder até se tornar Chanceler, fato este que dá à obra a sensação de intimidade maior do que qualquer outra biografia subsequente. A fonte básica para recompor os relatos políticos da Alemanha foi a participação de Heiden como jornalista cobrindo os acontecimentos, além de depoimentos de pessoas em posições destacadas ao lado de Hitler – o autor não revelou as identidades.

Segundo o jornalista, a biografia foi uma tentativa de descrever a *sua* “história do nacional-socialismo”, a origem do movimento hitlerista e expor a gênese do Estado hitlerista durante o “nascimento do Terceiro Reich”. Consideramos que a descrição do protagonista, Adolf Hitler, foi curta, um pano de fundo, deixando de lado “sua parte humana e privada”. E isso devido à justificativa que Konrad Heiden considerava que “Hitler é a Alemanha”. Nesse sentido, consideramos que sua biografia buscava explicar a Alemanha da época através de Adolf Hitler. Em linhas gerais, percebemos que para Heiden, Hitler foi um oportunista, um fracassado que conseguiu dominar a Alemanha por meio da sua áurea demoníaca. E isso só foi possível devido o espírito fracassado e a desilusão com política do povo alemão.

Hugh Redwald Trevor-Roper, como já dito, durante a Segunda Guerra Mundial participou do Serviço de Informações Militares Britânica. O livro *Os últimos dias de Hitler* surgiu de sua missão como oficial da inteligência britânica, em 1945, para descobrir o que aconteceu nos últimos e derradeiros dias do Bunker de Hitler.²⁴¹ De suas entrevistas com uma série de testemunhas, como o criado de quarto Heinz Linge, o Ministro das Finanças Schwerin-Krosigk, o general de aviação Koller e estudos de documentos que sobreviveram, como telegramas interceptados, os dois testamentos de Hitler e peças descobertas e recolhidas depois que bombardearam o Bunker, sua intenção, tanta declarada na introdução do livro quanto em entrevistas posteriores,²⁴² era demonstrar que Hitler estava morto e não escapara de Berlim.

Para comprovar a morte física de Adolf Hitler, o historiador buscou compreender o que era a “corte de Adolf Hitler”. Como foi possível constatar durante a análise da obra, ao narrar suas entrevistas com os membros do ciclo íntimo de Hitler, identificamos um interesse particular pelo relato de Albert Speer. Este foi o responsável em definir quem

²⁴¹ ROSENBAUM, Ron, 2003, p.144.

²⁴² Ibidem, p.147.

realmente era Hitler: um caso excepcional na história da humanidade, uma personalidade extraordinária que, com seu magnetismo sobre-humano, enfeitiçou toda a nação Alemã. A nosso ver, o autor não só reproduziu a visão de Speer sobre Hitler, como também saiu convencido por ele da excepcionalidade dessa figura. Com isso, o historiador acabou constatando que Hitler sobreviveu, ou melhor, constatou a sobrevivência do fascínio de Hitler. A narrativa construída detalhou a partir da obediência e respeito de todos em volta de Hitler, como o seu poder ainda se mantinha, mesmo após a derrota e morte do líder nazista. Entendemos que, de alguma forma, Trevor-Roper acabou reproduzindo aquilo que queria combater e evitar: o renascimento do mito de Hitler.

Isto sugere, em um primeiro momento, que teremos três personagens completamente diferentes de um mesmo indivíduo, mas ao final podemos detectar também semelhanças entre os autores na forma de pensar Hitler, e, até mesmo, uma base explicativa comum entre Rauschnig, Heiden e Trevo-Roper. A justificativa de escrita para os três era a mesma: “mostrar o verdadeiro Hitler”. Partiam da mesma percepção de que Adolf Hitler construiu uma imagem para si e esta era a representação que o povo alemão e o mundo conheciam. Comumente, os autores descreveram Hitler a partir da constatação da existência de uma dupla personalidade, como se houvesse um homem comum e um fenômeno, o Hitler e o Führer, o humano e o sobre-humano. Procuraram, nas condições da própria Alemanha, os argumentos para entender a ascensão de Hitler ao poder, e colocaram como fator primordial o desejo do povo em encontrar o profeta que resolveria os problemas que assolavam o país. E, principalmente, a interpretação de Hitler em se compreender e acreditar que era esse salvador.

A associação de Hitler à figura de um médium²⁴³ ficou mais explícita nas obras *Hitler me dijo* e *Hitler: a vida de um ditador*, mas Trevor-Roper também descreveu o ato ritualístico da transformação de Hitler em Führer. Como foi possível perceber, nos três casos, a possessão mágica que tomava conta de Hitler era momentânea e logo ele voltava a ser a personagem medíocre de sempre. Mesmo constatado a mediocridade, os fracassos, os erros nas ações políticas, ao pensarem a importância de Hitler para a Alemanha Nazista, Rauschnig, Heiden e Trevor-Roper definiram-no como aquele que dominou e

²⁴³ Rauschnig e Heiden fizeram uma associação direta à figura de Hitler ao um médium, nas páginas 177 e 301, respectivamente, os autores descrevem o ato de transformação de Hitler em um fenômeno por algum tempo, como algo semelhante ao ritual que um médium faz quando entra em contato com outro mundo. Trevor-Roper não utiliza do termo “médium” para descrever Adolf Hitler, mas, também, transcreve rituais sobrenaturais que transformam Hitler em um fenômeno.

controlou, durante um período de tempo, o destino do povo alemão; aquele que de alguma forma foi e personificou a ideia de lenda, o mito Hitler.

Não se pode dizer que estes sejam os únicos retratos Hitler existentes no mundo e na biografia escrita por Alan Bullock, sem uma pesquisa mais extensa. Mas, ao que tudo indica, esses foram os retratos que produziram efeitos no texto de Bullock. Portanto, a identificação deles nos auxiliará compreender, durante a análise da biografia *Hitler: A Study in Tyranny*, o quanto desses retratos existem em sua narrativa ou se o Adolf Hitler proposto pelo biógrafo foi uma criação única e particular. O Hitler do historiador Bullock foi uma formulação distinta ou convergente as ideias já existentes? Nos próximos capítulos, analisaremos a biografia escrita Bullock buscando responder esta pergunta, como também compreender e identificar as estratégias de escrita utilizadas pelo biógrafo para elaborar a personagem de Adolf Hitler.

CAPÍTULO III

OS MATERIAIS PARA A CONSTRUÇÃO DO RETRATO DE HITLER

Essa pesquisa tem como um dos objetivos principais verificar a construção do retrato de Adolf Hitler na biografia escrita por Alan Bullock para, assim, compreender a importância que o historiador deu à personagem dentro da história alemã. Para essa identificação, elegemos, inicialmente, dois critérios: o mapeamento do uso corrente feito por Bullock da menção de pessoas e a citação de livros publicados durante sua obra. Esta identificação, portanto, será mais uma parte do nosso percurso que iniciamos no primeiro capítulo para a compreensão do retrato de Hitler na biografia *Hitler: A Study in Tyranny*, pois acreditamos que esses dois critérios definidos para análise exerceram algum tipo de efeito na narrativa. Uma vez que diversos autores e algumas obras estiveram presentes na biografia por meio das notas de rodapé e referências no corpo do texto, consideramos que cada um teve um impacto significativo e foi incorporado de maneira distinta pelo historiador.

No presente capítulo, temos por objetivo detectar e apreender os significados desses critérios na biografia escrita por Alan Bullock. Dessa forma, a partir das análises quantitativa e qualitativa das menções de pessoas, autores e pensadores e obra publicadas, buscaremos reconhecer parte dos componentes narrativos que o biógrafo utilizou para compor o retrato daquilo que projetava de seu biografado, em de *Hitler: A Study in Tyranny*.

As menções de Alan Bullock

Alan Bullock, quando escreveu a biografia *Hitler: A Study in Tyranny*, em 1952, não foi o primeiro a dedicar páginas de seus escritos para falar e analisar Adolf Hitler. Como visto no capítulo dois – *As imagens consolidadas de Hitler* –, desde 1920, quando surgiu como uma figura pública, Hitler e suas ações foram descritos, interpretados, criticados por jornalistas, historiadores, psicólogos, membros do partido nazista e tantos outros que se destinaram a essa tarefa. Isto significa que, antes mesmo de Bullock construir a imagem de Hitler por meio da biografia, ele já havia sido retratado e interpretado de muitas maneiras diferentes.

Bullock, provavelmente, teve acesso, contato e/ou tomou conhecimento dessas imagens existentes, o que não significa dizer, de forma concreta, que o retrato de Hitler

em sua obra foi influenciado por essas outras imagens já projetadas por autores diversos, mas é uma possibilidade que não podemos descartar, mesmo que não tenhamos, por hora, como demonstrá-la. Aqui buscamos identificar pessoas que são mencionadas ao longo dos capítulos como fonte de informação, mas para quais não foram possíveis identificar, na biografia, por meio de quais materiais, publicados ou não, Bullock teve acesso.

Ao longo dos quatorze capítulos, Bullock citou e fez referência a centenas de nomes, desde ao próprio biografado até a outros ditadores, como Benito Mussolini. Com a intenção de reconhecer quem foi mais citado, quem foi a referência que Bullock utilizou para falar de Hitler enquanto criança; durante o período de suas tentativas de chegar ao poder; ou até mesmo em seus últimos dias de vida, mapearemos cada capítulo, fazendo um levantamento quantitativo desses nomes, para, assim, criar uma base de dados na qual possamos trabalhar, e a partir dela compreender uma parte dos elementos narrativos utilizados por Bullock na sua tarefa de narrar a vida de Adolf Hitler.

No capítulo um, *Anos de formação*, dentre as 61 alusões realizadas por Bullock, 46 foram de Adolf Hitler; 4 tanto de Konrad Heiden quanto de Reinhold Hanisch;²⁴⁴ citou 3 vezes Konrad Olden e duas vezes José Greiner. Isso significa que 75,4% das menções feitas foram derivadas do próprio biografado.

No capítulo dois, *Os anos de luta*, Bullock fez 86 alusões em notas e ao decorrer da narrativa, nas quais Hitler foi mencionado 64 vezes e Konrad Heiden 8. No terceiro capítulo, *Os anos de espera* (de 1924 a 1931), do total de 80 referências, 30% correspondem a Adolf Hitler, 6% a Konrad Heiden e 5%, respectivamente, a Kurt Ludecke, Otto Stasser e Friedrich Meinicke.

Interrompendo a sequência dos capítulos anteriores, em *Os meses de oportunidade*, Bullock recorreu a outro líder nazista para compor a narrativa do capítulo. Com exatas 91 referências, Josef Goebbels foi mencionado 30 vezes, Adolf Hitler 17 vezes, Kurt Ludecke 3 vezes e Hermann Rauschning e Dr. Bruening duas vezes, cada um. O que significa que, dessa vez, Goebbels representou 33% das alusões, enquanto Hitler correspondeu a 19%.

Em *A revolução desde o poder*, título do quinto capítulo que relatou a vida de Hitler de 1933 a 1934, foram realizadas 88 referências textuais, sendo 31 decorrentes de Hitler, 4 de Von Papen e Rauschning e 3 de Goebbels. Transformando esses dados em

²⁴⁴ Amigo de Adolf Hitler que viveu com ele em Viena em 1910 e ajudou-o a vender os seus quadros.

porcentagens, tem-se 35% das referências feitas por Alan Bullock com base em Adolf Hitler e 5%, respectivamente, em Von Papen e Hermann Rauschning.

No capítulo 6, *A paz falsificada* (1933–1937), 30% das referências são de Adolf Hitler, 3% de Winston Churchill e 2% de Rauschning, Paul Schmidt, A. François-Poncet²⁴⁵ e Mussolini, respectivamente. Em *O ditador*, título do sétimo capítulo – não conseguimos identificar uma demarcação temporal nesse capítulo –, foram realizadas 61 alusões em nota e durante o texto. Hitler foi referenciado 34 vezes (56%), Rauschning 3 vezes (5%) e Otto Strasser 2 vezes (2%). Em *Desde Viena até Praga*, em que a biografia tratou do período de 1938 e 1939, Adolf Hitler foi a única referência que aparece mais de uma vez. Das 106 menções, 36 são referentes a Hitler; o que equivale a 34% do total mencionado.

No nono capítulo *A guerra de Hitler* (1939), Alan Bullock utilizou três referências principais: Hitler, que teve 32 alusões (30%), Galeazzo Ciano, com 6 alusões (6%) e Ribbentrop mencionado duas vezes (2%). Das 47 referências realizadas durante o capítulo 10, *Uma vitória não decisiva*, que relatou a vida de Hitler em 1939, 34% pertencem a Hitler, 13% a Ciano e 4% a Mussolini. No décimo primeiro capítulo, *O mundo ficará com a respiração em suspenso* (1940–1941), a Hitler pertence 33%, Ciano 12% e Ribbentrop 3% das menções, entrando na lista dos mais citados.

Em *O império que não chegou a se realizar*, de 1941 a 1943, o biógrafo citou Hitler 23 vezes, 13 vezes Ciano, 6 Josef Goebbels e 5 Halder. Esses números indicam que, das 68 referências utilizadas por Bullock, 34% são originárias de Hitler. No capítulo 13, *Dois Julios*, que teve a narrativa dentro do recorte temporal de 1943 e 1944, foram feitas 46 referências, no total, sendo 12 pertencentes a Hitler, 7 a Goebbels e 3 referências tanto a Trevor-Roper quanto a Hans Speidel. Por fim, foi no décimo quarto - e último - capítulo que Alan Bullock mais referenciou repetidamente determinados nomes, tais como: Hitler com 31 menções; Heinz Guderian com 5; Gilbert e Rudolf Semmler, com 4 menções cada; Albert Zoller e Trevor-Roper, com 3 menções cada um; e Rauschning, com 2 alusões.²⁴⁶

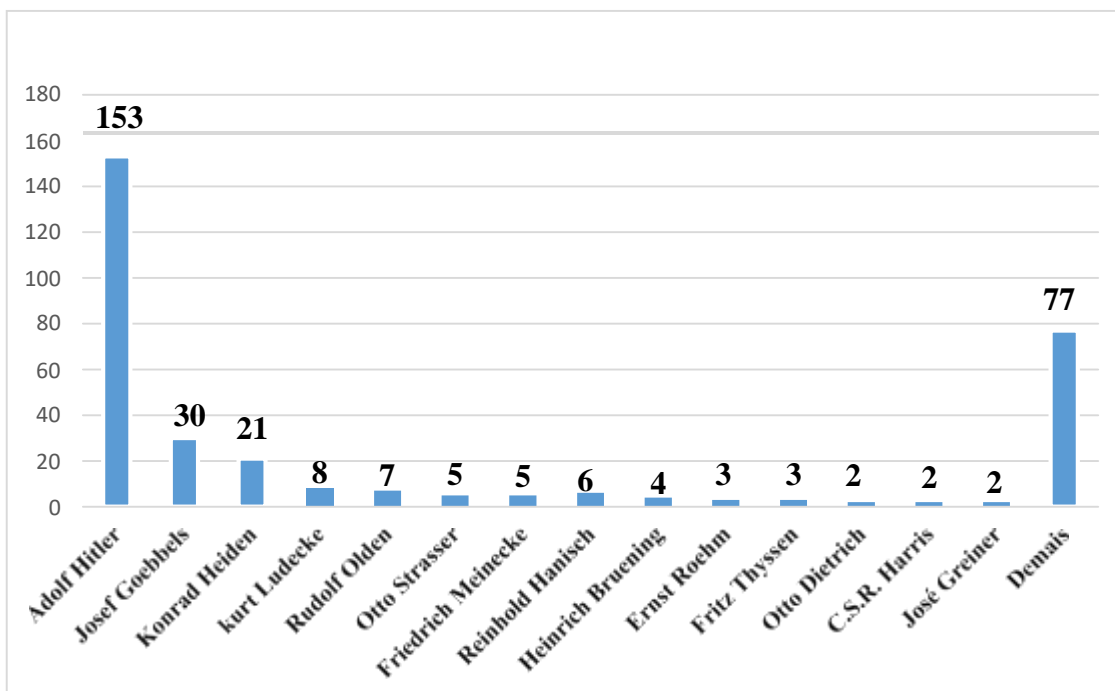
Esse mapeamento pormenorizado em capítulos nos auxilia a fazer uma amostragem mais ampla dos autores e das pessoas que fizeram parte da escrita de Alan Bullock por meio de suas referências. Como uma forma de condensar as informações

²⁴⁵ Embaixador francês.

²⁴⁶ Em anexo encontram-se os gráficos referentes a cada capítulo.

acima, dividimos a biografia em três grandes partes: *Líder do partido* (1889–1933), *Chanceler* (1933 a 1939) e *Senhor da guerra* (1939–1945).²⁴⁷

Gráfico 1 – Líder do Partido (1889-1933)

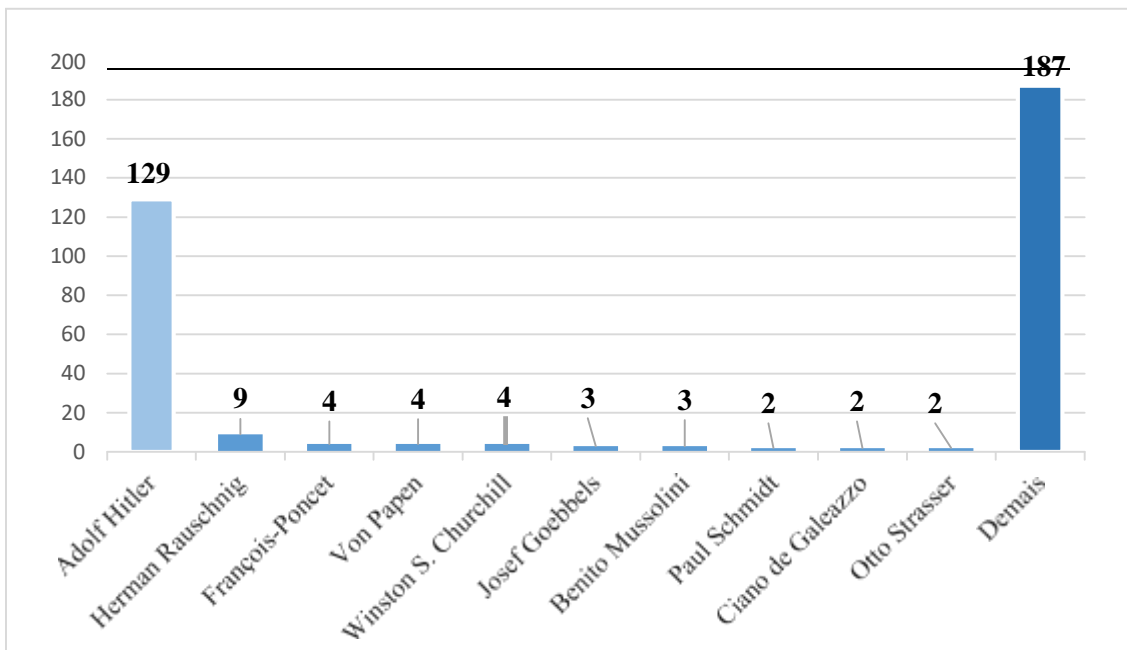


*Demais = atores que aparecerem apenas uma vez.

Membro do partido nazista: Adolf Hitler, Josef Goebbels, Kurt Ludecke, Otto Strasser, Reinhold Hanisch, Ernst Roehm, Otto Dietrich; jornalista: Konrad Heiden, C.R.S. Harris; historiador: Friedrich Meinecke; empresário alemão: Fritz Thyssen. Escritor: J. Greiner.

Gráfico 2 – Chanceler (1933-1939)

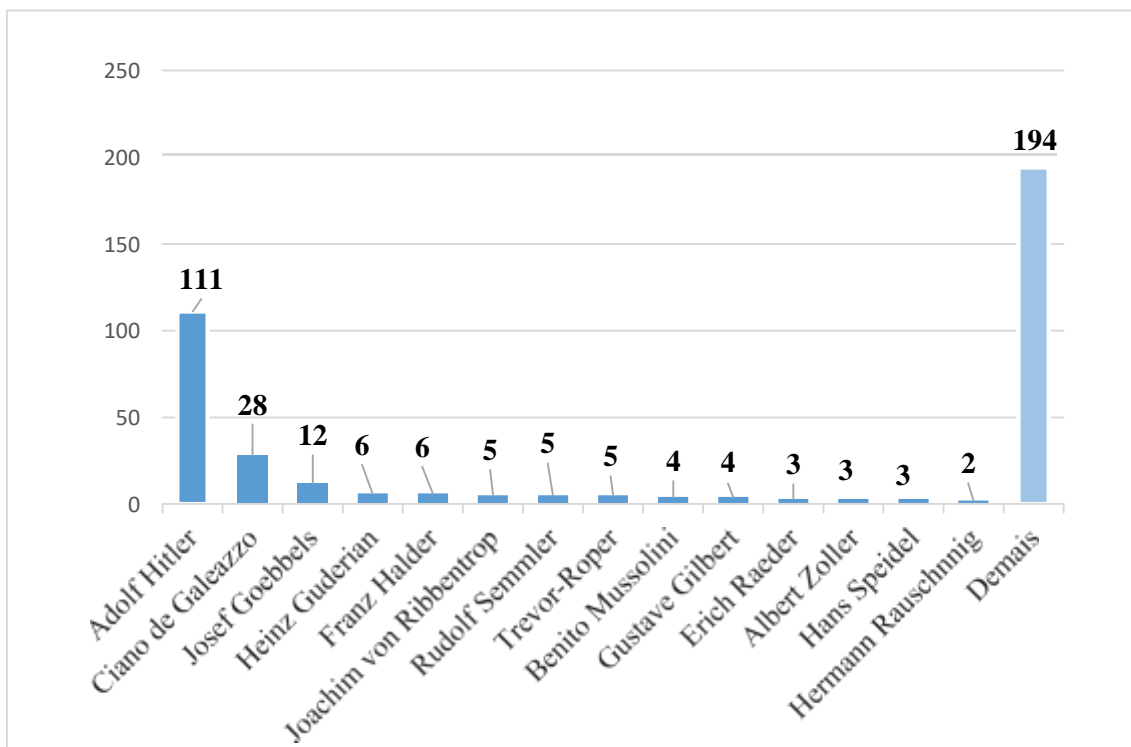
²⁴⁷ A decisão dessa divisão foi derivada da segunda edição. Esta teve sua estrutura física dividida em três livros: *Líder do partido* (1889-1933), *Chanceler* (1933-1939) e *Senhor da guerra* (1939-1945).



*Demais = autores que apareceram apenas uma vez.

Membro do partido: Adolf Hitler, Hermann Rauschning, Josef Goebbels, Otto Strasser, Paul Schmidt; Diplomata francês: François-Poncet; político alemão: Von Papan; primeiro ministro britânico: Winston S. Churchill; membro do partido fascista e ministro das relações exteriores: Ciano de Galeazzo; ditador italiano: Benito Mussolini.

Gráfico 3 – Senhor da Guerra (1939-1945)



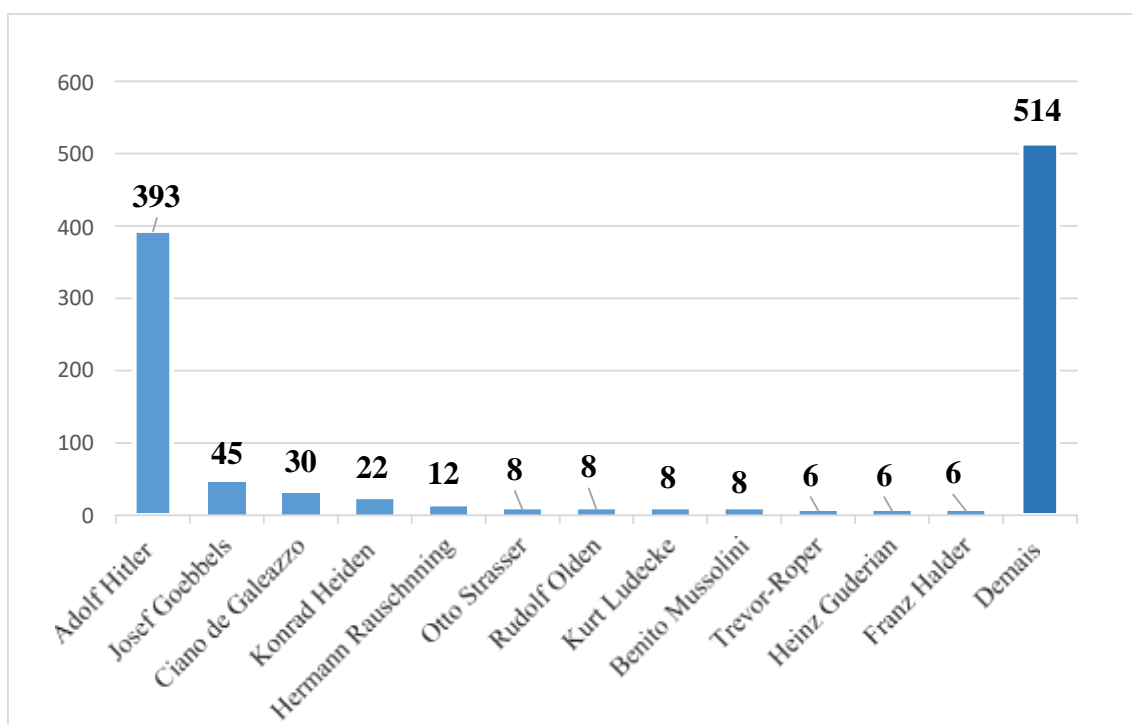
*Demais = autores que apareceram apenas uma vez.

Membro do partido nazista: Adolf Hitler, Josef Goebbels, Joachim von Ribbentrop, Hermann Rauschning; general do exército nazista: Heinz Guderian; comandante do exército nazista: Franz Halder; líder naval da

Alemanha nazista: Erich Raeder; ministro das relações exteriores na Alemanha nazista: Heinz Guderian; general na Alemanha nazista: Hans Speider; oficial francês: Albert Zoller; ditador italiano: Benito Mussolini; historiador: Trevor-Roper; jornalista e assistente de Josef Goebbels: Rudolf Semmeler; psicólogo: Gustave Gilbert; membro do partido fascista e ministro das relações exteriores: Ciano de Galeazzo.

Como é possível observar, existe, em cada uma das três partes, uma alternância na presença dos nomes, como também ocorre uma periodicidade em determinadas figuras. Quando transformamos esses dados em um único e grande panorama, conseguimos constatar quais foram os mais referenciados durante a biografia.

Gráfico 4 – Quadro total de referências (1889-1945)



*Demais = atores que apareceram uma ou até três vezes.

Membro do partido nazista: Adolf Hitler, Josef Goebbels, Hermann Rauschning, Otto Strasser, Kurt Ludecke; jornalista: Konrad Heiden, Rudolf Olden; ditador italiano: Benito Mussolini; historiador: Trevor-Roper; membro do partido fascista e ministro das relações exteriores: Ciano de Galeazzo; ministro das relações exteriores na Alemanha nazista: Heinz Guderian; comandante do exército nazista: Franz Halder.

Ao comparar os dados de cada capítulo com o panorama geral, chegamos, inicialmente, a três constatações: não necessariamente os nomes mais mencionados durante os capítulos são os mais citados na biografia como um todo; Adolf Hitler foi a figura mais referenciada na obra de Alan Bullock, ao longo de 770 páginas, com a única exceção do capítulo 4; e entre as doze pessoas mais citadas, cinco são membros do partido nazista. A preponderância de referências do líder do partido nazista também ocorre quando observamos o quadro geral, uma vez que, das 1.066 alusões realizadas no decorrer

da narrativa de *Hitler: A Study in Tyranny*, 37% pertencem ao próprio biografado. Além de Adolf Hitler e os membros do seu partido, apenas um historiador apareceu entre as pessoas mais referenciadas: Trevor-Roper. Os outros, como podemos perceber, são jornalistas, embaixadores, políticos, chefes de Estado, escritores e psicólogos. Esse primeiro levantamento tornar-se mais concludente para possíveis afirmações quando cruzamos os dados das referências com os dados das obras/fontes mais citadas (ao contrário do grupo de pessoas, esses dados conseguimos identificar suas origens, pois Bullock os referenciou por meio das notas de rodapé ou, até mesmo, no corpo do texto).

As obras/fontes mais citadas

Alan Bullock dedicou boa parte do seu prefácio para falar sobre suas fontes. Para ele, apesar de ser necessário um lapso de tempo considerável para o historiador ter acesso ao gênero de evidências, o material disponível referente a Alemanha nazista foi o “[...] mais rico que existe para a história de nenhuma outra grande potência durante o mesmo período, e ainda quiçá de uma época anterior”.²⁴⁸ Ainda no prefácio, Bullock fez questão de elencar o que, segundo o mesmo, foram “valiosas fontes de informações”.²⁴⁹

Os arquivos do Tribunal Internacional de Nuremberg, os diários de Ciano e Goebbels, as cartas entre Hitler e Mussolini foram os materiais inesperados que favoreceram sua tarefa de escrever sobre Adolf Hitler.²⁵⁰ Segundo o autor, depois de leituras repetidas e cuidadosas, à sua disposição contou com *Mein Kampf*, os discursos do líder nazista, múltiplos materiais de propaganda nazi e declarações publicadas. No entanto, dentre todos materiais, o historiador britânico destacou como de grande ajuda e classificou como trabalhos notáveis as obras de Konrad Heiden, Elizabeth Eiskeman²⁵¹ e H. R. Trevor-Roper.

Além das fontes mencionadas no prefácio, no decorrer de toda a biografia existiu um vasto número de citações derivadas de outras obras, algumas para ilustrar uma determinada afirmação do autor, outras para complementar o texto; tantas outras com o objetivo de refutar determinadas ideias. Além disso, tanto as obras quanto as fontes

²⁴⁸ BULLOCK, Alan, 1955, p. X.

²⁴⁹ Idem.

²⁵⁰ Entretanto, apenas o diário de Goebbels e Ciano apareceram de forma identificável na obra.

²⁵¹ A autora também não teve uma inserção concreta, ou melhor, identificável durante a narrativa da biografia.

serviram como base narrativa para o biógrafo. Semelhante ao procedimento realizado no mapeamento das referências, identificamos, em cada um dos capítulos que compõem a biografia, todos os livros publicados citados em nota de rodapé e no corpo do texto.

No capítulo 1, 54 obras foram citadas. Dessas, 67% foram *Mein Kampf*, 11% discursos de Hitler, 7% *Der Fuhrer* de Konrad Heiden e 6% *Hitler the Pawn*, de Rudolf Olden. No capítulo dois, *Mein Kampf* foi citada 21 vezes, tal como os discursos de Hitler. *History of National Socialism*, *Der Fuhrer* e *Hitler: A Biography*, de Konrad Heiden foram citadas, respectivamente, 2 vezes cada. Isto é, no segundo capítulo, das 70 obras citadas, 60% são oriundas de Adolf Hitler (*Mein Kampf* e seus discursos) e 9% são de Konrad Heiden (*History of National Socialism*, *Der Fuhrer* e *Hitler, A Biography*).

No terceiro capítulo, além de Hitler e Heiden, outros nomes passam a figurar entre as obras mais citadas. No total, Bullock referenciou 62 livros: os discursos de Hitler apareceram 10 vezes (16%); *I Knew Hitler*, de Kurt Ludecke, 4 vezes (6%), *Die Deutsche Katastrophe*, de Friedrich Meincke, também 4 vezes (6%); *Mein Kampf*, de Hitler, 3 vezes (5%); *Der Fuhrer* e *Hitler: A Biography*, de Konrad Heiden, 3 vezes cada.

O quarto capítulo, na análise das referências, foi o único em que Hitler não ocupou a primeira colocação dos mais citados, ficando na segunda posição, perdendo para Josef Goebbels. Por coincidência, esse também foi o capítulo em que, pela primeira vez, *Mein Kampf* não entrou na lista das obras mais citadas, ou melhor, ela sequer foi citada pelo autor. Das 91 obras, *Vom Kaiserhof zur Reichskanzlei*, de Josef Goebbels, foi citada 21 vezes; os discursos de Hitler 8; *Der Fuhrer* e *History of National Socialism*, de Heiden, foram citadas 2 vezes cada uma; e *Hitler speaks*, de Hermann Ruaschning, também foi citada 2 vezes.

Das 78 obras mais referenciadas no capítulo 5, temos: os discursos de Hitler, correspondendo a 32% das obras; *Hitler speaks*, de Rauschning, 5%; e *Vom Kaiserhof zur Reichskanzlei*, de Goebbels, 4%. No sexto capítulo, cinco livros aparecem na lista de mais citados, são eles: discursos de Hitler, com 17 menções; *Mein Kampf*, também de Adolf Hitler, com 6 menções; *The Second World War*, de Winston Churchill, 3 menções; *Statist auf Diplomatischer Bühne*, de Paul Schmidt, e *Hitler speaks*, de Rauschning, 2 menções cada uma das obras. No capítulo 7 apenas três obras foram referenciadas mais de uma vez: os discursos de Hitler, 31 vezes (51%), *Mein Kampf*, de Hitler, 3 vezes (5%) e *Hitler speaks*, de Rauschning, também 3 vezes (5%).

No oitavo capítulo, das 91 obras referenciadas, 25% correspondem aos discursos de Hitler. No capítulo posterior, ocorreram 21 menções aos discursos de Hitler, 6 ao

Ciano's Diary, de Galeazzo Ciano, e 3 menções a *Ciano's Diplomatic*, de Muggeridge Malcomdc. No capítulo 10, duas obras são mencionadas mais de uma vez: o *Ciano's Diary*, de Galeazzo Ciano e *Ciano's Diplomatic*, de Malcomdc, foram citadas, respectivamente, 3 vezes. Ao todo, foram 45 menções a obras.

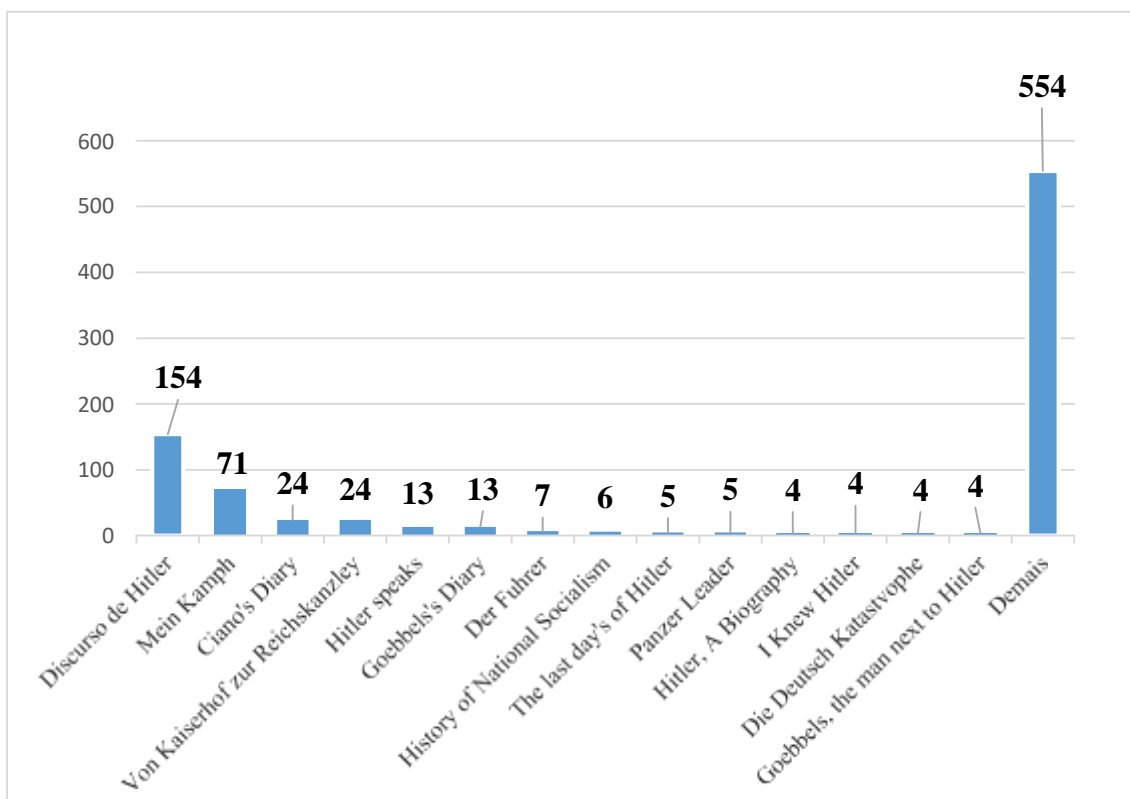
No capítulo 11, 6 delas foram ao *Ciano's Diary*, de Galeazzo e 2 menções aos discursos de Hitler, à *Nazi-Soviet Relations*, de Ribbetro-Matsuoka e ao *Ciano's Diplomatic*, respectivamente. No capítulo seguinte, 6% das obras correspondem ao *Ciano's Diary*, de Galeazzo Ciano; 9% ao *Ciano's Goebbels*, de Josef Goebbels; e 5% ao *Ciano's Diplomatic*, de Muggeridge Malcomdc.

Das 40 alusões às obras, no capítulo 13, 7 são ao *Diário de Goebbels*, 3 ao *We Defend Normandy*, de Hans Speidel e 2 aos *The Last Days of Hitler*, de Trevor-Roper. No último capítulo, *Panzer Leader*, de Heinz Guderian, foi mencionada 5 vezes; *Goebbels, the man next to Hitler*, de Rudolf Semmler, 4 vezes; *Hitler Private*, de Albert Zoller, 3 vezes; *Hitler speaks*, de Rauschning, 2 vezes; e *The Last Days of Hitler*, de Trevor-Roper, 3 vezes.²⁵²

Ao transformar esses dados em um quadro geral das obras mais mencionadas na biografia *Hitler: A Study in Tyranny*, chegamos às seguintes informações: das 905 menções a obras feitas por Alan Bullock, 25% foram produzidas por Adolf Hitler, através de dois materiais: *Mein Kampf* e seus discursos. As duas obras de Josef Goebbels correspondem a 4%, fazendo com que o membro do partido nazista fosse o segundo autor entre os livros mais mencionados. Konrad Heiden foi o único com três obras na lista das mais citadas, correspondendo a 3% das menções feitas. Como mostra o gráfico abaixo:

Gráfico 5 – Obras citadas

²⁵² Em anexo encontram-se os gráficos referentes a cada capítulo.



*Demais = obras que apareceram apenas uma vez.

Comparando os dados das referências e obras mais citadas, percebemos uma correlação entre esses dois eixos do mapeamento. Hitler, Josef Goebbels, Galeazzo de Ciano, Konrad Heiden, Hermann Rauschning, Trevo-Roper e Heinz Guderian fazem parte tanto da lista dos mais referenciados como também dos autores com as obras mais citadas. Entretanto, quais impactos esses autores e obras tiveram na narrativa proposta por Alan Bullock?

3.2 Os efeitos na narrativa de *Hitler: A Study in Tyranny*

Concebemos que a figura de Hitler, especialmente por meio do *Mein Kampf*, foi o grande fio condutor da narrativa de Bullock. Este incorporou os discursos e os escritos de Hitler em sua escrita como um mecanismo para retratar o biografado por meio do próprio biografado. Os primeiros anos de vida de Hitler são, majoritariamente, contados através dos relatos existentes em *Mein Kampfe* de informações extraídas do próprio Adolf Hitler. Como mostramos nas porcentagens correspondentes ao capítulo 1, no qual Bullock relatou a vida de Hitler de 1889 a 1918, a sua base para escrita foi derivada da obra do seu biografado.

Ao longo do texto, percebemos que o livro *Mein Kampf* foi compreendido pelo autor como indicador das intenções de Hitler. Dessa forma, para Bullock, em *Mein Kampf*, Adolf Hitler escreveu seu projeto político e, de alguma forma, tentou colocá-lo em prática. De acordo com a biografia, quando escreveu *Mein Kampf* durante o ano de 1925 ele foi capaz de estabelecer claramente suas intenções e os requisitos indispensáveis para o seu sucesso.²⁵³

Essa percepção de *Mein Kampf* como um projeto político definido ficou mais notória quando o biógrafo buscou associar os acontecimentos aos escritos do líder nazista. A primeira vez que Bullock fez essa associação foi para descrever a aliança que Hitler tinha formado com Mussolini: “No final de 1936, Hitler conseguiu estabelecer uma das duas alianças com as quais ele havia dito em *Mein Kampf* [...]”.²⁵⁴

Em vários outros momentos, o livro escrito pelo líder nazista foi descrito como o local onde Hitler idealizou suas atitudes e concepções, como, por exemplo, a permanência do seu desejo de conquistar espaço vital por meio da força.

[...] para a evidência de que apesar dos discursos de paz e dos protestos de inocência atormentados pelos anos intermediários, o ponto de vista original de Hitler, **assim como havia expresso em *Mein Kampf*, dez anos antes**, não havia mudado nem um único momento, isto é, o futuro da Alemanha exigia a obtenção de espaço vital no continente e que a solução desse problema só poderia ser alcançada pela força.²⁵⁵ (Grifo nosso).

As estratégias políticas e de guerra também tinham sido relatadas em *Mein Kampf* antes de serem aplicadas, como afirmado por Bullock quando narrou a tentativa de tratado com a Rússia, os objetivos de Hitler na sua campanha de expansão para o oriente e dos seus sonhos imperiais, respectivamente. Assim,

Nem o tratado com a Rússia nem a decisão de atacar no Ocidente representaram qualquer mudança no propósito final de Hitler de forçar um *Lebensraum* para a Alemanha no Oriente. A eliminação da oposição francesa e britânica era um pré-requisito, mas não substituía suas ambições orientais. Enquanto Ribbentrop falava entusiasticamente do futuro da cooperação germano-russa, Hitler guardava para si o que pensava, e não há razão para supor que ele tenha abandonado as ideias que **havia expressado quinze anos antes em *Mein Kampf***.

Para avaliar a força desse argumento, é necessário lembrar que a luta de Hitler contra as potências ocidentais tinha surgido como consequência de sua afirmação de que deveriam dar-lhe liberdade na Europa. O objetivo final de sua política sempre foi seu antigo sonho de romper

²⁵³ BULLOCK, Alan, 1955, p. 45.

²⁵⁴ *Ibidem*, p. 309.

²⁵⁵ *Ibidem*, p. 325.

com o futuro da Alemanha no Oriente, que o deslumbrou **desde que ele escreveu *Mein Kampf***.

A invasão da Rússia, longe de ser um recurso desesperado para o qual o fracasso de seus planos com a derrota da Grã-Bretanha o empurrou, é a **realização dos sonhos imperiais que ele desenhou na última parte do *Mein Kampf*** e que elaborou as reuniões em torno da lareira no Berghof.²⁵⁶ (Grifo nosso).

Em vista disso, podemos identificar que foi exatamente essa tentativa de comparar os acontecimentos que estavam escritos em *Mein Kampf* que Bullock objetivou fazer em grande parte da sua biografia, como quando relatou a expansão da Alemanha a Oeste: “O objetivo final de sua política sempre foi seu antigo sonho de expandir com o futuro da Alemanha ao Oriente, que o deslumbrou desde que ele escreveu *Mein Kampf*”.²⁵⁷

Na parte final do capítulo 11, Alan Bullock trouxe uma citação extensa de *Mein Kampf*, pontuando que Hitler acreditava que o destino já havia sinalizado que o futuro da política de guerra alemã era a invasão da Rússia.²⁵⁸ Em seguida, o autor fez uma conexão com a crença e com os escritos de Hitler: “Na madrugada de 22 de junho de 1941, no exato ano em que os franceses assinaram o armistício em Compiègne, **Hitler achou que estava prestes a cumprir sua própria profecia**”.²⁵⁹ (Grifo nosso).

Outro ponto importante foi a comparação do testamento político que Hitler escreveu nos dias finais de sua vida com *Mein Kampf*. Depreendemos que essa foi a tentativa do autor em mostrar que o Adolf Hitler que escreveu em 1925 o livro que foi definido como sua autobiografia, era o mesmo Hitler que estava preste a se suicidar em 1945.

A proclamação final de Hitler à noção alemã poderia ser tomada, palavra por palavra, de qualquer um dos seus primeiros discursos de 1920 e seguintes, ou das páginas do *Mein Kampf*. Aqueles de vinte e tantos anos não o mudaram em nada, nem lhe ensinaram nada.²⁶⁰

²⁵⁶ Ibidem, p. 507, 541 e 601.

²⁵⁷ Ibidem, p. 541.

²⁵⁸ “E é por isso que nós, nacional-socialistas, lançamos com plena consciência uma linha abaixo da tendência da política externa de nosso período pré-guerra. Nós o tomamos novamente no ponto em que o abandonamos há seiscentos anos. Interrompemos o incessante movimento alemão no sul e no oeste da Europa e voltamos nossos olhos para os territórios orientais. Depois de muito tempo, paramos na política colonial e comercial anterior à guerra e seguimos para a política territorial do futuro. Mas quando falamos hoje de novos territórios na Europa, devemos pensar principalmente na Rússia e seus Estados fronteiriços vassalos. Parece que o próprio Destino estava apontando o caminho nessa direção... Este império oriental colossal está pronto para a dissolução, e o fim do governo dos judeus na Rússia também marcará o fim da Rússia como Estado”. (*Mein Kampf*, part. II, cap. XIV in: BULLOCK, Alan., 1955, pg. 597)

²⁵⁹ BULLOCK, Alan, 1955, p. 598.

²⁶⁰ Ibidem, p. 737.

Como percebemos durante a análise do texto, *Mein Kampf* e seu autor permearam toda a narrativa biográfica. Desde a descrição dos primeiros anos de vida de Hitler até os momentos finais, para salientar que o líder nazista ainda era a mesma figura que começava a ganhar destaque no início da década de 1920.

A presença de Josef Goebbels, ministro da propaganda na Alemanha nazista entre 1933 e 1945, e suas obras concentraram-se em três momentos, ou melhor, em três capítulos da biografia. O capítulo 4 foi quase que exclusivamente escrito com base no diário de Goebbels e em seus relatos. Neste capítulo, a presença maciça de Goebbels deveu-se ao fato de que, em grande parte, Bullock se dedicou a narrar os preparativos das quatro eleições que o partido nazista enfrentou e, em específico, da campanha eleitoral criada por Goebbels com o slogan “Hitler sobre a Alemanha”. Citações extensas do diário foram feitas durante todas as 59 páginas que correspondem ao capítulo intitulado *Os meses de oportunidade*, com o intuito de demonstrar o passo a passo de Hitler em suas tentativas de chegar ao poder por vias legais, as eleições. Como:

O período de espera não foi inútil. Antes de Hitler finalmente romper as negociações com Bruening, Goebbels já estava trabalhando na preparação da campanha eleitoral. Em 24 de janeiro, ele escreveu em seu diário: "As eleições estão preparadas até o último detalhe, será uma luta como o mundo nunca conheceu". Em 4 de fevereiro, ele escreve: "As linhas da campanha eleitoral foram completamente desenhadas. Agora só precisamos pressionar o botão para que a máquina inicialize." Uma das principais preocupações de Goebbels foi o financiamento da campanha eleitoral. Em 5 de janeiro, ele escreveu desesperadamente: "O dinheiro é necessário em todos os lugares, é muito difícil obtê-lo, ninguém nos dá crédito, uma vez que o poder é alcançado, o dinheiro pode ser coletado em abundância, mas não é mais necessário. Você precisa de dinheiro em abundância, mas você não pode obtê-lo." Um mês depois (em 8 de fevereiro), ele estava muito mais animado: "A questão do dinheiro melhora a cada dia, o financiamento da campanha eleitoral está praticamente assegurado".²⁶¹

Nos capítulos 12 e 13 os relatos e o diário de Goebbels apareceram de forma pontuais: para descrever as suas reuniões com o *Führer* sobre os planos de campanha para a primavera e o verão de 1942, relatar a aparência física do líder nazista durante esse período, um trecho pequeno da reunião em que Hitler expôs seu desejo de unificar a Europa e relatos de como Mussolini ficava submisso perante Hitler.

Goebbels, após uma visita três meses depois ao quartel-general de Hitler, escreveu em seu diário: O *Führer* só falava de Brauchitsch de maneira desdenhosa. Ele era um pobre diabo vaidoso e covarde, incapaz

²⁶¹ *Ibidem*, p. 161.

de avaliar a situação, quanto mais controlá-la. Com sua constante intromissão e contínua desobediência, ele perdera completamente todo o plano da campanha oriental, que o *Führer* havia desenhado com clareza cristalina. O plano do *Führer* teve que levar necessariamente à vitória. Se Brauchitsch deveria ter feito, nossa situação no Oriente seria completamente diferente.

Quando Goebbels encontrou Hitler em março, ele ficou profundamente impressionado ao ver a ruptura que os meses produziram na aparência e saúde de Hitler: "Eu notei que o cabelo dele estava totalmente grisalho e que a simples conversa sobre as preocupações daquele inverno pareciam envelhecer muito ...".

Goebbels registrou que em uma reunião de todos os chefes do partido, realizada em maio de 1943 em Berlim, Hitler declarou "o antissemitismo que até então animava o partido deve converter-se novamente no ponto de concentração da nossa luta espiritual".

Ele acrescentou: "É necessário liquidar o mais rapidamente possível todo o lixo dos pequenos Estados que ainda existem na Europa. O objetivo de nossa luta deve ser a criação de uma Europa unificada: os alemães são os únicos realmente capazes de organizar a Europa."²⁶²

Entendemos que, nesses capítulos, as citações do diário e relatos de Goebbels aparecem mais como um complemento textual, como um elemento informativo de determinados momentos da vida de Hitler durante a Segunda Guerra.

Deste modo, inferimos que, na biografia de Bullock, Goebbels e sua obra tiveram um impacto maior no momento em que a narrativa serviu para detalhar as estratégias de propaganda. E isto, talvez, não seja por acaso, uma vez que o tema da propaganda, para o biógrafo, constituiu um eixo central da base demagógica de Adolf Hitler, pois este utilizou constantemente da propaganda tanto para chegar ao poder quanto nos anos seguintes até a guerra. E, apesar de afirmar que os elementos primários da propaganda de Hitler corresponderam às experiências formativas de sua vida (os anos que viveu em Munique e os anos que passou na frente de batalha),²⁶³ Goebbels foi peça fundamental para que Hitler colocasse em prática o sistema propagandista do regime nazista. Como o autor definiu, Goebbels foi um gênio como propagandista, já que ninguém havia entendido tão bem como era a inteligência das massas ao ponto de captá-las por meio da propaganda.²⁶⁴

O ministro das Relações Exteriores da Itália fascista, Galeazzo de Ciano, teve uma presença precisa e ao mesmo tempo extensiva na obra de Bullock. Como previsível, as declarações de Ciano foram incorporadas para relatar as reuniões que ocorreram entre o

²⁶² *Ibidem*, p. 616 - 653.

²⁶³ *Ibidem*, p. 33.

²⁶⁴ *Ibidem*, p. 675.

ministro e Adolf Hitler. Tanto que, como visto no levantamento, sua participação na narrativa biográfica ocorreu nos capítulos 9, 10, 11 e 12. Estes, como veremos de forma mais detalha no decorrer da análise, tiveram como tema central a política externa e de guerra idealizada e praticada por Hitler. Uma das estratégias de escrita adotada por Alan Bullock, para desenvolver a temática, foi relatar e descrever as reuniões, os encontros e as trocas de informações que existiram entre Hitler e os demais líderes e representantes dos países europeus. E, conforme detectamos, Galeazzo de Ciano foi um dos que mais auxiliaram Bullock nessa incumbência.

As trintas menções e referências feitas a Ciano e ao seu diário em *Hitler: A Study in Tyranny* concentraram-se em quatro momentos: as tentativas de aliança entre Itália e Alemanha e o Pacto de Acero, as articulações feitas por Ciano para evitar o conflito com a Polônia, as investidas de paz feitas por Mussolini, a tentativa de manter a Itália fora da guerra e os acordos de guerra realizados - dentre eles, o pacto Tripartite. Galeazzo de Ciano apareceu de duas maneiras nesses momentos: como uma figura importante para as articulações realizadas e como um interlocutor de Mussolini.

Compreendemos que essas distinções foram demarcadas por meio da inserção do ministro no decorrer do texto. Para retratar Ciano como um articulador, Bullock mostrou a agência do italiano durante as reuniões realizadas com os demais chefes de Estados. Quando Ciano passava a ser o porta-voz de Mussolini, o biógrafo utilizava dos relatos feitos pelo ministro em seu diário pessoal. Como podemos observar:

Enquanto isso, Ciano chegou a Roma decidido de que era hora de descobrir o que os alemães planejavam. Durante várias semanas, ele rejeitara a importância dos relatos de Attolico, o embaixador italiano em Berlim, chamando-o de alarmista. Mas as sugestões italianas de que se celebrasse outra conferência internacional, na qual Mussolini se via a si mesmo repetindo seu sucesso de Munique, foram rejeitadas por Ribbentrop e também foi adiada uma reunião dos dois ditadores no Brenner. Ciano começou a se sentir um pouco impaciente, e esse desconforto foi acentuado pelo silêncio e evasivas dos líderes alemães: tudo isso era os sintomas habituais quando se propunham fazer uma surpresa aos aliados. Desta vez, a surpresa foi equivalente a guerra. A pedido urgente de Ciano, Ribbentrop concordou em encontrá-lo em Salzburgo no dia 11 de agosto. Ciano registrou em seu diário: "Antes de você me deixar ir, Mussolini aconselhou-me a relatar francamente aos alemães que devemos evitar o conflito com a Polônia, uma vez que seria impossível localiza-lo, e uma guerra geral resultaria desastrosa para todos, sem exceção. Nunca o Duce falou da necessidade da paz tão abertamente e com tanto calor".

Os dois ministros das Relações Exteriores permaneceram juntos em Salzburgo, conferidos por um total de dez horas. Ciano usou de toda

eloquência que pôde para advogar uma solução pacífica para a disputa com a Polônia; mas ele encontrou diante dele uma parede de tijolos.²⁶⁵

Esse estilo narrativo de colocar Ciano como um negociador e representante de Mussolini foi presente em todas as demais citações e menções que o ministro teve. O que permitiu que Bullock expusesse as reuniões para debater política externa e de guerra, assim como também ressaltou a relação de cumplicidade que com o tempo passou a existir entre Hitler e Mussolini. E tudo isso, por meio dos relatos e trechos do diário de Galeazzo Ciano.

Heinz Guderian, o novo chefe do Estado Maior do Exército, em 1944, assim como Ciano, foi uma personagem histórica que ganhou destaque na obra de Bullock. Em 1944, o exército alemão estava sofrendo com as ofensivas do exército russo, devido, segundo Bullock, erros de estratégias de Hitler. Guderian, ao que parece, ganhou relevância exatamente por questionar as atitudes do líder nazista. O chefe do Estado Maior do Exército foi agregado ao texto nas cinco primeiras páginas do capítulo quatorze, nas quais Alan Bullock expôs o embate entre Hitler e Guderian por causa do exército. Das seis referências, a maior parte foi para relatar as divergências de opiniões em relação ao comando das forças armadas. Além disso, essas divergências eram descritas a partir dos escritos do próprio Guderian. Como podemos perceber no seguinte trecho em que o historiador explicitou a decisão de Hitler em continuar avançando para o Oeste, mesmo com o exército querendo suspender a batalha e retirar-se:

Hitler rejeitou furiosamente tal sugestão. Por duas vezes, Guderian, que era responsável pela Frente Oriental, foi para o quartel-general do Führer e tentou convencê-lo a transportar as tropas para o leste, já que havia presságios sinistros dos preparativos russos para uma nova ofensiva. Hitler rejeitou avidamente os relatórios de Guderian. Os russos, ele disse, estavam blefando. "Não tem havido uma impostura maior desde a época de Gengis Khan. Quem é responsável por tais "boatos"?"²⁶⁶

Os relatos de Guderian igualmente foram apropriados para descrever a mudança de comportamento de Hitler perante a eminência da derrota alemã. Bullock citou um trecho da obra de Guderian no qual o autor descreveu a aparência física de Hitler depois da ofensiva russa, assim como a mudança em seu comportamento.

²⁶⁵ Ibidem, p. 471.

²⁶⁶ Ibidem, p. 710.

Não era mais apenas sua mão esquerda, mas todo o lado esquerdo de seu corpo que tremia ... Ele andou desajeitadamente e ficou cada vez mais carregado de costas. Seus gestos eram lentos e bruscos. Quando ele queria se sentar, ele tinha que pegar uma cadeira atrás dele e empurrar.

Sua raiva tornou-se mais violenta e mais frequente. [...] Em outra ocasião, Guderian teve uma discussão com Hitler que durou duas horas. Com os punhos erguidos, as bochechas vermelhas de fúria e todo o seu corpo tremendo, aquele homem ficou na minha frente, fora de si por fúria, e perdeu todo o controle de si mesmo. Depois de cada explosão de raiva, Hitler entrava e saía, andando de um lado a outro do tapete, e de repente me deteve e lançou outra nova acusação na minha cara. Ele falou quase dando "gritos", os olhos pareciam querer saltar de suas órbitas e as veias de suas pernas estavam inchadas.²⁶⁷

Portanto, entendemos que Guderian, para a obra de Bullock, teve duas funções: mostrar a divergência das táticas de guerra entre Hitler e o chefe do Estado Maior do Exército (divergência que ocasionou a derrota alemã) e a debilidade física e mental que ditador nazista foi adquirindo no período final da guerra. Mas, além disso, Guderian, a nosso ver, teve uma importância maior na narrativa de Alan Bullock. A partir dos relatos extraídos do chefe de Estado, Bullock reforçou a sua ideia da persistência de Adolf Hitler como comandante da Segunda Guerra Mundial, mesmo perante todas as dificuldades que encontrou em seu caminho. Conforme as reflexões que Bullock fez após a exposição dos relatos de Guderian: “No entanto, em nenhum momento Hitler perdeu o controle sobre as operações e conseguiu, por iniciativa própria, levantar-se e retomar seu trabalho”.²⁶⁸

Depois de Hitler e *Mein Kampf*, o ex-membro do partido nazista Hemann Rauschning e *Hitler me disse*, são o autor e obra que mais permeiam a escrita de Alan Bullock. Como constatamos durante o mapeamento, eles não correspondem, em termo quantitativo, à referência e às obras mais citada, tanto Rauschning quanto o seu livro ocupam, respectivamente, o quinto lugar. No entanto, quando por meio desses dados passamos a fazer uma análise qualitativa, verificamos que existiu uma constância dos mesmos durante toda a biografia, principalmente na parte que correspondeu entre os períodos de 1931 a 1937, sem contar o destaque que Bullock deu à figura de Rauschning.

A primeira aparição de Rauschning ocorreu na página 188, na qual o biógrafo relatou o primeiro encontro do então líder do Senado de Danzig com Hitler para falar sobre a situação da sua cidade tempos depois do incidente de Potempa. Além de fazer

²⁶⁷ GUDERIAN, Heinz, Panzer Leader. Michael Joseph, Londres, 1952 in: BULLOCK, Alan, 1955, p. 714 e 717.

²⁶⁸ Ibidem, p. 714.

uma breve apresentação, o encontro foi descrito por meio das palavras de Hermann Rauschning. Na reunião, conforme os trechos citados por Bullock de *Hitler me disse*, Hitler fez diversos comentários sobre os preparativos psicológicos e subversivos da próxima guerra. O líder do senado não apenas detalhou os planos políticos de Hitler, como também descreveu sua aparência física e psicológica. Ao final dessa parte, Bullock concluiu que “muitas destas raras ideias resultaram proféticas”.²⁶⁹

Ao falar da capacidade de Adolf Hitler de eliminar obstáculos que entrassem em seu caminho, Bullock trouxe como confirmação um trecho considerável dos escritos de Rauschning ao relatar o pronunciamento vitorioso de Hitler quando este eliminou uma parte de seus inimigos após o incidente do *Reichstag* e pontuou: “escreveu Rauschning invocando palavras pronunciadas por Hitler depois do incêndio do *Reichstag*”.²⁷⁰

Hermann Rauschning esteve presente na narrativa mais vezes, abordando a indiferença de Hitler aos ideais do socialismo, descrevendo como Hitler estava depois da *Purga de julho*, além de discorrer sobre as declarações íntimas refutando suas palavras de paz entre os países da Europa e as extravagâncias do líder nazista durante as reuniões. O que chamou nossa atenção para cada uma dessas passagens foi o fato de que Bullock fez uso de *Hitler me disse* e dos relatos do ex-membro do partido nazista na forma de citações. O biógrafo fazia uma exposição do tema e trazia Rauschning como um legitimador do que realmente ocorreu.

Isto ficou ainda mais perceptível devido à estratégia de escrita do autor, uma vez que, antes ou depois de cada citação, Bullock escreveu frases que davam um caráter de legitimidade para o que Rauschning disse, em decorrência, possivelmente, do fato dele ser uma testemunha ocular, alguém que realmente esteve e conheceu Hitler. Podemos perceber isso nos fragmentos dos seguintes trechos: “Hitler disse a Rauschning”; “como Hitler disse concretamente a Rauschning”, “Quando Rauschning visitou Hitler poucos dias depois da Purga, o Führer o fez anotar”, “como Hitler havia dito a Rauschning”, “as extravagantes conversações registradas por Hermann Rauschning durante o período de 1932-1933”, “Rauschning que acompanhava frequentemente a Hitler em 1933, falou”, “como observou Rauschning”.²⁷¹

Em algumas passagens, Bullock até tirou conclusões do “estado de espírito” de Hitler a partir dos relatos de Rauschning: “falando com Rauschning, Hitler muitas vezes

²⁶⁹ BULLOCK, Alan, 1955, p. 188.

²⁷⁰ *Ibidem*, p. 234.

²⁷¹ *Ibidem*, p. 239 - 353.

se embriagou com a perspectiva de um grande movimento revolucionário que destruiria toda a ordem social europeia”.²⁷²

E assim como fez com *Mein Kampf*, para Bullock, o Hitler descrito por Rauschning durante as reuniões que tiveram – como dito no capítulo 2, essas reuniões foram uma farsa criada por Hermann Rauschning –, era o mesmo Hitler de 1941-1942: “A primeira impressão derivada de ler essas conversas de mesa é que as ideias de Hitler em 1941-1942 seguia sendo em grandessíssima parte as mesmas de 1920, quando escreveu *Mein Kampf*, ou quando ele falou com Rauschning em 1930”.²⁷³ (Grifo nosso).

Essa análise nos permite concluir que Hermann Rauschning além de auxiliar na tarefa de escrever os períodos da vida de Hitler, em específico no período anterior à Segunda Guerra relatando suas estratégias, foi também usado como um legitimador das mesmas informações.

Como vimos no capítulo anterior, em *Hitler me disse*, Hermann Rauschning teve como intenção de escrita principal relatar parte da vida particular de Adolf Hitler, as reuniões que realizava com seus companheiros mais íntimos do Regime Nazista, dentre eles o próprio Rauschning, para compreender quem ele foi. Essa intenção sugeriu que existiam dois Hitlers, o público e o privado. Para o autor havia uma diferença do Hitler que se apresentava e era conhecido pelo público em geral e o Hitler em sua vida particular. Entretanto, como vimos, não foi a partir desse principal elemento narrativo que Bullock incorporou a obra *Hitler me disse*. Esta foi apropriada para relatar os planos políticos de Hitler, mostrando o dirigente do partido como o líder que articulou suas estratégias políticas e de guerra. Fato contraditório com o retrato de Hitler construído por Rauschning pois, para o ex-membro do partido nazista, Hitler nunca compreendeu seus verdadeiros objetivos e sequer poderia ser visto como um político. Para Hermann Rauschning, Hitler não foi um político, e sim um homem comum da capital da Baviera que com seu charlatanismo soube envolver e persuadir o povo alemão.

Outros dois autores e duas obras produziram impactos na biografia *Hitler: A Study in Tyranny*. Como dito, Trevor-Roper e Konrad Heiden foram exaltados por Bullock no prefácio da biografia. Junto da obra de Eiskemann,²⁷⁴ foram os únicos que o biógrafo fez

²⁷² Ibidem, p. 718.

²⁷³ Ibidem, p. 618.

²⁷⁴ Como já dito, Eiskemann e sua obra não tiveram uma inserção concreta durante a narrativa da biografia.

reverência respeitosa no prefácio. Suas obras foram definidas pelo autor como notáveis e de grande ajuda. O jornalista Heiden foi o quarto autor mais citado e os seus livros *Der Führer, A história do Nacional Socialismo* e *Hitler, uma biografia* ocupam, respectivamente, os sétimo, oitavo e décimo primeiros lugares. O historiador Trevor-Roper, segundo nosso levantamento, apareceu na décima primeira posição de autores mais mencionados. E seu livro, *Os últimos dias de Hitler*, ficou na nona posição das obras mais referenciadas. Ademais, como mencionado no capítulo 1, Bullock, posteriormente a publicação da sua obra, pontou que tinha como propósito de escrita rechaçar o “mito de Hitler” idealizado por Trevor-Roper.

A primeira vez que Konrad Heiden foi mencionado para relatar a decisão de Hitler abandonar o quarto que vivia em Viena, em 1909, Bullock colocou em aposto os seguintes dizeres: “Segundo Konrad Heiden, que foi a primeira pessoa que tratou de reunir os testemunhos dispersos da vida de Hitler em Viena [...]”.²⁷⁵ E foi desta maneira que Heiden foi inserido na narrativa, como aquele que testemunhou e que, pela primeira vez, relatou a vida de Hitler quando este viveu em Viena. Por Heiden também ter sido a primeira pessoa que escreveu uma biografia de Hitler, ao falar dos anos iniciais da vida do líder nazista, Bullock utilizou de muitas citações do seu livro. Essas constatações tornam-se mais objetivas quando identificamos os capítulos em que o jornalista foi mencionado, nos quatro primeiros da obra, que corresponderam ao período da vida de Hitler de 1889 a 1933, isto é, do nascimento até Hitler se tornar chanceler.

Das vinte e uma vezes que Heiden foi citado no texto, quase todas foram para relatar os discursos realizados por Hitler no período em que tentava chegar ao poder ou, também, para falar de outros assuntos, como por exemplo, sua reprovação na Academia de Arte. As duas únicas exceções foram na primeira vez que Heiden foi referido, como já pontuado por nós mais acima, e na página 56 da biografia, quando Bullock, além de fazer uma citação falando sobre uma festa²⁷⁶ que tanto Hitler quanto o jornalista foram convidados em 1923, mencionou após citá-lo: “Como advertiu Heiden, nenhum dos convidados da festa esqueceu jamais de Hitler”.²⁷⁷

A presença de Heiden na biografia teve um papel, suas obras (*Der Führer, A história do Nacional Socialismo* e *Hitler, uma biografia*) e seus relatos foram elementos informativos dos anos iniciais e dos discursos de Adolf Hitler acompanhados pelo

²⁷⁵ BULLOCK, Alan, 1955, p. 11.

²⁷⁶ O autor não deu nenhuma informação sobre que festa era essa.

²⁷⁷ BULLOCK, Alan, 1955, p. 56.

jornalista – ainda quando Hitler era apenas líder do partido nazista –, pois como Bullock informou, Heiden foi o primeiro a sistematizar essas informações.

Na biografia *Hitler: a vida de um ditador*, a chave explicativa utilizada por Heiden para construir o retrato de Hitler foi descrever que o Hitler e o *Führer* foram duas personalidades distintas. De acordo com o jornalista, Adolf Hitler deveria ser entendido de maneira polarizada – o privado e o público; homem e fenômeno; Hitler e *Führer* –, como se existisse uma dupla personalidade de naturezas diferentes em um único corpo. Na obra de Alan Bullock, Heiden e a biografia escrita por ele foram introduzidos como fontes informativas para narrar os anos iniciais de Hitler vivendo em Viena. O argumento norteador da biografia escrita por Heiden, a polarização de Hitler, não esteve presente *Hitler: A Study in Tyranny*. Nesta obra, o chanceler da Alemanha foi pensado e descrito como apenas um, o único Hitler, uma oposição à ideia de dois Hitlers (o humano e o fenômeno sobrenatural) compartilhada por Rauschning, Heiden e Trevor-Roper. Para Bullock, Adolf Hitler foi simplesmente humano. Além disso, o historiador britânico compreendeu que o Hitler da década de 1920 era o mesmo da década de 1940. O que denotou que existiu uma linha continuativa na vida de Hitler, reforçando a ideia de um único Hitler.²⁷⁸

Trevor-Roper, em decorrência da proposta de seu livro, tornou-se uma fonte de informação para Alan Bullock quando o biógrafo falou dos dias finais de Adolf Hitler. O historiador foi mencionado nos dois últimos capítulos. O que foi extraído da obra de Trevor-Roper foram os relatos das características pessoais de Hitler: “O Sr. Trevor-Roper descreve-o depois da guerra como ‘um homem velho, grosso e flácido, de um tratamento afável, conversa descontraída e hábitos higiênicos de porco’”,²⁷⁹ e os efeitos que a medicação do médico Morell²⁸⁰ teve em seus últimos dias de sua vida. Identificamos que, nas duas menções em corpo do texto que Bullock fez, Trevor-Roper, foi definido como: Mister Trevor-Roper,²⁸¹ termo exclusivamente utilizado pelo biógrafo para mencionar o historiador.

Bullock, raramente no decorrer da narrativa falou de Hitler em seu íntimo, em momentos privados, a única vez que isso ocorreu de forma mais detalhada foi por meio de Trevor-Roper, ao falar da fragilidade vivenciada pelo líder em seus momentos finais.

²⁷⁸ Iremos analisar de forma mais detalhada essa concepção do autor no decorrer do quarto capítulo.

²⁷⁹ BULLOCK, Alan, 1955, p. 666.

²⁸⁰ Médico responsável em cuidar da saúde de Adolf Hitler.

²⁸¹ As duas menções ocorreram na página 666.

A nota de rodapé 53, da página 745, a última nota explicativa feita na biografia, foi utilizada por Bullock para falar dos enigmas que ainda envolviam a morte do chanceler do Reich alemão: Hitler realmente havia morrido queimado em seu jardim e o que teria sido feito das cinzas? Para Bullock, nunca saberemos o que aconteceu com os cadáveres queimados no jardim da chancelaria, mesmo achando que seja possível que os restos mortais de Adolf Hitler e Eva Braun tenham se misturado com outros corpos encontrados lá. O biógrafo deu a entender que o historiador, por intermédio do seu livro, fez com que o questionamento da morte ou não de Hitler ganhasse força ao mostrar os obstáculos em descobrir os restos mortais de Hitler, sendo que, nas próprias provas apresentadas no livro, ficou evidente que Adolf Hitler estaria morto.

É uma questão que mal teria despertado interesse, exceto que, uma vez que os restos mortais não foram descobertos, essa falha foi usada para questionar a morte de Hitler. É verdade, é claro, que não foi possível apresentar provas definitivas e incontestáveis como exibir o corpo do *Führer*. No entanto, todo o peso da evidência circunstancial que o Sr. Trevor-Roper relatou em seu livro, adicionado ao estado de saúde de Hitler naquele momento e a probabilidade psicológica de que o ditador final da Alemanha teria escolhido, são argumentos insuficiente para convencer todas aquelas pessoas que não são incrédulas por natureza, ou aqueles que não se preocuparam em estudar as evidências apresentadas.²⁸²

Esse foi o único momento da biografia que Bullock fez crítica direta a algum autor. O biógrafo chegou a questionar determinadas afirmações feitas como, por exemplo, a versão de Hitler sobre a *Purga de julho*,²⁸³ entretanto, em nenhum momento, teceu críticas. A única exceção, foi a crítica dedicada a Trevor-Roper.

Em *Os últimos dias de Hitler*, como visto em nossa análise, Trevor-Roper fez um panorama de como Hitler exerceu o seu poder durante o Regime Nazista. Seu intuito de escrita foi mostrar que Hitler estava efetivamente morto depois que cometeu suicídio. Por meio da “corte de Hitler”, o historiador buscou compreender o fascínio que aquela figura exercia sobre seus círculos de aliados mesmo depois da sua morte. O que acabou propondo a sobrevivência mítica de Hitler ao expor o fascínio que o *Führer* ainda exercia. O livro *Os últimos dias de Hitler*, além de base informativa para escrever sobre os derradeiros dias do líder nazista, foi criticado por Bullock exatamente por ter legitimado

²⁸² “[...] há razões suficientes para receber com reservas a versão que Hitler deu desses eventos e o que mais parece ser a desculpa grosseira de um assassino que tenta justificar seu crime difamando suas vítimas” (BULLOCK, Alan, 1955, p. 745).

²⁸³ *Ibidem*, p. 253, n. 53.

o questionamento da “não morte” de Hitler ao perpetuar o mito da sua sobrevivência através do poder que ainda exercia mesmo depois de morto.

Esses dois levantamentos que fizemos sobre a menção à pessoa e à citação de livros publicados nos permitiram transformar esses dados em informações qualitativas, para, assim, entendermos os efeitos que os autores e obras tiveram na escrita de Alan Bullock. Como ficou evidente, doze pessoas figuraram como os mais referenciados, alguns desses nomes tiveram uma participação específica, foram utilizados como notas e citações complementando a narrativa, foram eles: Otto Strasser, Rudolf Olden, Kurt Ludecke. Outras ganharam mais destaques, como os casos de: Hitler, Goebbels, Ciano, Guderian, Rauschning, Heiden e Trevor-Roper.

Quatorze obras/fontes foram as mais citadas. Dentre elas, *Mein Kampf* e os discursos de Hitler, obtiveram mais notoriedade na narrativa biográfica. O escrito e os discursos produzidos pelo próprio biografado nortearam a escrita de Bullock, e de uma maneira peculiar, *Mein Kampf* foi concebido pelo biógrafo como o livro no qual Adolf Hitler sistematizou o seu programa político (que, segundo o autor, foi colocado em prática). Além disso, consideramos que eles foram incorporados no texto como elementos que permitiram Bullock desenvolver um dos seus principais objetivos de escrita: inferir sua compreensão de um Hitler único

Os relatos de Goebbels e seu diário serviram para narrar as quatro eleições que Hitler e seu partido concorreram antes de chegarem ao poder. Em específico, para mostrar como Goebbels orquestrou, segundo Bullock, o maior instrumento de poder do partido nazista e Hitler: a propaganda. Ciano e seu diário foram instrumentos para que Bullock relatasse as reuniões entre os representantes dos países europeus, que, dentre todos os representantes, foi o que aferiu notoriedade na biografia. Assim como também mostrar parte da relação de compadrio que foi sendo construída entre Hitler e Mussolini. Heinz Guderian e sua obra serviram para expor as fragilidades de Hitler no final da guerra e, ao mesmo tempo, sua determinação em continuar orquestrando as táticas do campo de batalha. Rauschning e a obra *Hitler me disse* foram utilizados para relatar as reuniões íntimas que Hitler manteve com o ex-membro do partido, mostrando, assim, parte das estratégias políticas e de guerra idealizadas por Hitler. Ao contrário de Rauschning, que relatou reuniões íntimas, Bullock foi buscar em Heiden e seus livros os discursos públicos pronunciados por Hitler no período em que viveu em Viena. Período este que Bullock definiu como sendo formativo, pois as ideias e o programa político de Hitler foram derivados de sua experiência em Viena. Trevor-Roper, assim como os demais, teve o

papel de recompor determinada parte de vida de Hitler, ou seja, coube ao historiador ser a fonte de informação para comunicar ao leitor sobre o estado físico e mental de Hitler em seus últimos dias de vida, assim como evidenciar a crítica ao argumento da “não morte de Hitler”.

Isto nos mostrou que, apesar desses atores e obras terem permeado a biografia, comparado com os retratos analisados no capítulo anterior, Bullock não incorporou por completo os Hitlers criados por Hermann Rauschning, Konrad Heiden e Hugh Redwald Trevor-Roper, mas se apropriou de determinados elementos narrativos desses autores para compor o seu retrato do biografado.

Posto isso, não podemos afirmar que o retrato de Hitler na biografia *Hitler: A Study in Tyranny* foi uma influência direta de algum autor, mas podemos depreender que muitos desses autores e obras citados auxiliaram Bullock a narrar a vida de Adolf Hitler. Conseqüentemente, todos esses autores, pessoas, fontes e obras, de alguma maneira, foram elementos-chave para o desenvolvimento e a concretização da escrita biográfica de Alan Bullock. Visto isso, qual retrato particular de Hitler foi elaborado por Bullock?

CAPÍTULO IV

ADOLF HITLER – O RETRATO PINTADO POR ALAN BULLOCK

No presente capítulo, assim como nos capítulos anteriores, o texto constitui-se em um objeto de estudo e interpretação para a compreensão do significado transmitido do que foi escrito e o valor que o autor atribuiu às suas afirmações.²⁸⁴ Devemos, para isso,

identificar os significados, os desenvolvimentos dos argumentos e suas utilizações, encarar o objeto de estudo numa perspectiva linguística, na qual a metodologia de análise

se preocupe com as intenções de escrita do autor, que se constituíram no texto. Consideramos que é nossa tarefa questionar por que o autor se utiliza de determinados termos e não de outros, por que certos argumentos são escolhidos, por que possui tal configuração e qual o papel que a imagem existente sobre o tema desempenhou na obra.²⁸⁵

A biografia *Hitler: A Study in Tyranny* possui uma estrutura: nome da obra, sumário, prefácio, introdução, capítulos e bibliografia. Essa estrutura foi organizada a partir de elementos que compõem cada uma dessas partes.²⁸⁶ Não apenas isso, mas cada uma dessas partes contém significados que proporcionaram a Alan Bullock construir o retrato de Hitler. Qual estrutura narrativa o autor escolheu para compor o seu retrato de Hitler? Quais os temas escolhidos e desenvolvidos pelo biógrafo para recompor a vida do biografado?

Para conseguir identificar o retrato de Hitler e dar conta das perguntas supracitadas, decidimos fazer um levantamento temático do prefácio/introdução e dos capítulos. No prefácio e ao longo dos quatorze capítulos que compõem a biografia temas diversos foram tratados pelo autor. A nosso ver, esses temas foram parte considerável dos elementos que proporcionaram ao historiador estruturar seu retrato particular de Adolf Hitler - assim como as definições e característica que o biografado adquiriu na narrativa.

A análise das estratégias de escrita de Alan Bullock, nos possibilita identificar o retrato criado pelo biógrafo e compará-lo com as imagens existentes. Dessa maneira, a análise da biografia escrita por Bullock será o nosso portal de acesso para verificar as

²⁸⁴ SKINNER, Quentin. *Visões da política: sobre os métodos históricos*. Tradução de João Pedro George. Algés: Difel, 2002.

²⁸⁵ SKINNER, Quentin, 2002, p. 117.

²⁸⁶ Sua estrutura é organizada e constituída, geralmente, da seguinte maneira: uma apresentação inicial do protagonista (introdução), a descrição dos principais fatos que compõem a história (desenvolvimento) e uma parte final de caráter subjetivo (conclusão). Entretanto, na análise vamos identificar a estrutura específica de biografia escrita por Bullock, buscando identificar os temas/assuntos presentes em cada parte que compuseram a biografia. (DICIONÁRIO MICHAELIS. *Biografia*. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/biografia/>>. Acesso em: 23 dez. 2018.)

intenções de escrita concretamente realizadas pelo biógrafo ao construir o retrato de Hitler, buscando compreender o que foi dito sobre Hitler e como isso foi feito. E, assim, depreender a importância que este deu à personagem na história alemã.

Temas da biografia *Hitler: A Study in Tyranny*

O prefácio escrito pelo biógrafo, em 26 de abril de 1952, em Oxford, também exerceu a função de introdução, pois logo após ele iniciou a escrita dos capítulos. Na nossa compressão, podemos dividir esse prefácio em cinco momentos. No primeiro, Bullock nos apresentou os questionamentos que o levaram a escrever sobre a vida de Hitler. Segundo o autor, ele tinha duas grandes interrogações em mente ao iniciar a tarefa de escrever a biografia derivadas de tudo o que foi relatado no julgamento de Nuremberg: “Qual havia sido o papel importante que Hitler representou na história do III Reich” e “que dons esse homem tinha que o capacitaram a entender e reter tal poder”.²⁸⁷ Para Bullock, reconstruir a vida de Adolf Hitler lhe permitiria “oferecer um relato de umas das carreiras políticas mais desconcertantes e notáveis da história moderna”.²⁸⁸

No segundo momento, o biógrafo definiu o tipo de narrativa que a biografia teria, as intenções ao escrever e o tema central de sua obra. Bullock caracterizou a obra como uma narrativa histórica, que não tinha a intenção de escrever sobre a história da Alemanha nem fazer o estudo de um governo ou de uma sociedade sob a tutela do regime nazista. Seu tema não era a ditadura, mas sim o ditador e o poder pessoal desse homem. Isso nos remete ao título da obra *Hitler: A Study in Tyranny*, pois de acordo com as intenções que o autor afirmou ter, seu propósito era fazer um estudo de Hitler e entender como este alcançou e exerceu seu poder.

Em seguida, percebemos uma preocupação em caracterizar realmente sua escrita como uma narrativa histórica, visto que Bullock advertiu os cuidados que o historiador deve ter ao lidar com as evidências de um período tão próximo (o Terceiro Reich terminou no início de 1945 e a biografia começou a ser gestada no final de 1945 e início de 1946, no julgamento de Nuremberg); além de elencar as fontes e obras que teve acesso para conseguir fazer o exame do período que abarca a vida de Adolf Hitler.²⁸⁹

²⁸⁷ BULLOCK, Alan, 1955, p. IX.

²⁸⁸ Ibid., p. IX.

²⁸⁹ Faremos uma análise mais detalhada sobre o tema das referências e fonte no subtópico posterior.

Já no quarto momento, o prefácio de Bullock ganhou um tom de justificativa, ou melhor, justificativa dos limites da escrita. Este tom, provavelmente, foi uma tentativa de minimizar possíveis críticas. Bullock primeiro diz que é impossível escrever a história de qualquer outra época sem colocar, na mesma, “ideias preconcebidas que brotam do caráter e da experiência”;²⁹⁰ e sua biografia não diferiu dessa conjunção: “Esta condição não escapa ao trabalho do historiador, e o presente estudo não está mais livre de semelhantes limitações do que qualquer outro relato histórico”.²⁹¹ Também afirmou que quando escreveu a biografia não tinha nem o desejo de provocar polêmica nem, tampouco, o propósito de absolver ou acusar Adolf Hitler.

Se não posso julgar com a imparcialidade de um juiz, tentei não tomar o lugar de um promotor, e muito menos de um advogado de acusação. Por mais que minhas interpretações possam ser impugnáveis, há um sólido substrato de fatos em meu trabalho, e esses fatos são eloquentes.²⁹²

No que concebemos como a quinta e a última parte do prefácio, se dedicou à tarefa de fazer agradecimentos pessoais, em especial a sua esposa, sem mencionar o seu nome. Em linhas gerais, Bullock utilizou do seu prefácio para dizer o que motivou a escrita da biografia (o acesso aos documentos do julgamento de Nuremberg), para definir a sua narrativa como história e para nos alertar que não devemos ler o seu livro em busca da história da Alemanha. Pois o que pretendeu narrar em *Hitler: A Study in Tyranny* foi o estudo do ditador Adolf Hitler e do poder pessoal que este exerceu.

No prefácio, o autor delimitou para o leitor alguns dos temas que fizeram (fariam) parte da sua obra. Assim, pretendemos ter um panorama de quais temas/assuntos estiveram presentes na biografia, o quanto o autor se dedicou a cada tema e como, por meio deles, Alan Bullock escreveu a biografia. Iniciamos nosso mapeamento fazendo um quadro geral dos capítulos, dos períodos que cada um deles representam e a quantidade de páginas destinadas para cada um. Vejamos:

²⁹⁰ BULLOCK, Alan, 1955, p. XI.

²⁹¹ Ibid., p. XI.

²⁹² Ibid., p. XI.

Tabela 1 – *Hitler: A Study in Tyranny*

Capítulos	Período	Quantidade de páginas	
1 - Anos de formação	1889-1918	33	4%
2 - Os anos de luta	1919-1924	55	7%
3 - Os anos de espera	1924-1931	60	8%
4 - Os meses de oportunidade	1931-1933	59	8%
5 - A revolução desde o poder	1933-1934	53	7%
6 - A paz falsificada	1934-1937	45	6%
7 - O ditador	Indefinido	34	4%
8 - Desde Viena até Praga	1938-1939	78	10%
9 - A guerra de Hitler	1939	63	8%
10 - Uma vitória não decisiva	1939-1940	46	6%
11 - “O mundo ficará com a respiração em suspenso”	1940-1941	41	5%
12 - O império que não chegou a se realizar	1941-1943	51	7%
13 - Dois julios	1943-1944	48	6%
14 - O imperador sem suas vestiduras	Indefinido	44	6%
15 - Bibliografia, epílogo, índice e notas de cada capítulo	*****	60	8%
Total	1889-1945	770	100%

Como podemos perceber, os capítulos variam entre 40 e 60 páginas, sendo exceções apenas o capítulo 1, com apenas 33 páginas e o capítulo 8, com 78 páginas. Podemos, também, apreender que 1939 (ano do início da Segunda Guerra Mundial) foi o que mais apareceu, em exatos 3 capítulos. A seguir, pormenorizaremos os temas e assuntos tratados por Alan Bullock, nas divisões de seu livro.

No capítulo 1, intitulado *Anos de formação*, ao longo de 33 páginas, a narrativa de Bullock dedicou-se a seis grandes temas/assuntos: infância e adolescência de Hitler (procedente familiar, nascimento, período escolar, tentativa de ingressar na Escola de Artes) – 10 páginas; chegada em Viena e a formação do caráter e espírito de Hitler – 4 páginas; as origens dos princípios de Hitler – 7 páginas; o surgimento das ideias e do programa político de Hitler – 3 páginas; ida de Hitler para Munique e a Primeira Guerra – 5 páginas; o impacto que a Primeira Guerra teve em Hitler – 4 páginas.

Em *Os anos de luta*, em que o autor relatou acontecimentos que ocorreram entre 1919 e 1924, 6 páginas (11%) foram destinadas para descrever a Alemanha do pós-guerra; 9 páginas (16%) para falar da situação econômica e da entrada de Hitler no partido nazista, onde, segundo o autor, aprendeu a se tornar um orador das massas; 9 páginas (16%) para relatar como foi o início do partido e os homens que ajudaram Hitler colocar em prática suas ideias; 20 páginas (36%) destinadas apenas ao ano de 1923, descrevendo

o clima político e econômico, os conflitos de Hitler com o governo e as suas tentativas de se tornar um dirigente com poder político; 5 páginas (9%) para mostrar a intensificação da crise política e econômica ainda em decorrência do pós-guerra e Hitler ressurgindo como agitador; e, por último, 7 páginas (13%) narrando o julgamento da tentativa de golpe e o triunfo de Hitler.

Sete anos da vida de Adolf Hitler foram descritos no capítulo denominado *Os anos de espera*. Em 10% do capítulo, Bullock tratou sobre a situação do partido nazista sem Hitler; utilizou 8% das 60 páginas para falar do regresso de Hitler ao partido, da recuperação econômica da Alemanha e o triunfo eleitoral de Hindenburg.²⁹³ O relato da luta entre Otto Strasser²⁹⁴ e Hitler para dominar o partido correspondeu a 8% do capítulo; também em 8% das páginas, Bullock afirmou que mesmo depois desses acontecimentos, Hitler continuava sendo uma figura desconhecida. O Plano Young²⁹⁵ e a oportunidade que ele gerou para que Hitler pudesse triunfar foi narrado em 8% do capítulo; a depressão econômica de 1929 foi relatada em 13% das páginas; em 17%, as tentativas de Hitler formar uma aliança com o exército ganharam espaço na biografia. Os apoios políticos e financeiros que Hitler conseguiu, nesse período, fizeram parte de 5% da narrativa condizente ao capítulo 3. O jogo político de legalidade, praticado por Hitler, entre 1931 e 1932, foi o tema, pensando em termos quantitativos, que ganhou mais destaque no capítulo, sendo 18% dele utilizado para tratar sobre esse assunto.

Oito temáticas e assuntos permearam as 59 páginas do quarto capítulo: as tentativas de aliança entre o governo e Hitler (7 páginas – 12%); a decisão de Hitler em se tornar candidato e o apoio oferecido pelas indústrias (5 páginas – 8%); os fracassos dos nazis nas eleições (5 páginas – 8%); as dificuldades de Brüning²⁹⁶ na chancelaria e sua renúncia (5 páginas – 8%); as disputas pela chancelaria e a não aceitação de Hitler, por parte do governo, como chanceler (12 páginas – 20%); a quinta eleição do partido nazista, a campanha contra o governo e a união dos nazistas, centristas e comunistas (7

²⁹³ Paul Ludwig Hans Anton von Beneckendorff und von Hindenburg, presidente da Alemanha de 1925 a 1934 (ano do seu falecimento).

²⁹⁴ Otto Johann Maximilian Strasser (1897-1974) foi um político alemão e membro do partido nazista.

²⁹⁵ Foi um programa para a resolução das reparações da Primeira Guerra Mundial da Alemanha, escrito em agosto de 1929 e formalmente adotado em 1930.

²⁹⁶ Heinrich *Brüning* (1885 – 1970) foi *chanceler* alemão durante a República de Weimar.

páginas – 12%); a oposição ao governo de von Papen²⁹⁷ e a nomeação de Schleicher²⁹⁸ para o cargo de chanceler (6 páginas – 10%); os conflitos e disputas para que Hitler chegasse à chancelaria (12 páginas – 20%).

No capítulo intitulado *A revolução desde o poder*, Alan Bullock desenvolveu diversos assuntos. Das cinquenta e três páginas, 11 foram utilizadas pelo autor para fazer reflexões das razões pelas quais Hitler chegou ao poder e os motivos que o levaram a ter êxito; em 5 páginas, os temas da legalidade da ditadura de Hitler, a lei de plenos poderes e a cerimônia de abertura do *Reichstag*.²⁹⁹ Para falar das decisões da política interna de Hitler, entre 1933 e 1934, o biógrafo dedicou a maior parte do capítulo, com exatas 12 páginas; em 5, o leitor foi convidado a conhecer as negociações que Hitler manteve com o exército. Para explicar porque o poder de Hitler ainda não era absoluto, Bullock precisou de 7 páginas. As execuções dos membros da S.A., no episódio da Purga, de junho, foram descritas também em 7 páginas; e em 6 páginas, o biógrafo mostrou quando, finalmente, Hitler tinha se transformado em um ditador.

Em *A paz falsificada*, nome dado ao sexto capítulo, das 45 páginas da biografia, 7% delas destinaram-se para que o autor concatenasse suas teorias das características e objetivos de Hitler, entre 1934 e 1937. Os temas da presença dos representantes ingleses em Berlim e as investidas de Hitler em Mussolini para tê-lo como aliado foram disseminados em 22% das páginas do capítulo. Os êxitos diplomáticos e o convênio austro-alemão, respectivamente, corresponderam a 6% capítulo. Em 13%, o biógrafo se dedicou a compreender o que estava acontecendo nos quatro anos do governo de Adolf Hitler, tratando de temas como: a tentativa de aliança com a Inglaterra e Japão; jogos olímpicos; a recuperação econômica; economia voltada para guerra. No total de 18% do capítulo, Bullock assumiu a tarefa de falar da relação que existia entre Hitler e Mussolini. Por fim, 13% do capítulo foi dedicado para relatar a mudança da postura pacifista de Adolf Hitler.

No sétimo capítulo, como já visto no quadro panorâmico dos capítulos, sem recorte temporal definido na narrativa, poderíamos dizer que foi neste capítulo que as cores do retrato de Hitler, segundo Alan Bullock, na véspera dos seus grandes triunfos,

²⁹⁷ Franz Joseph Hermann Michael Maria von Papen zu Köningen (1879 – 1969) foi um político alemão e ocupou o cargo de *Reichskanzler* (Chanceler da República de Weimar), de 1 de junho de 1932 a 17 de novembro de 1932.

²⁹⁸ Kurt von Schleicher (1882 – 1934) foi político alemão e substituiu von Papen no cargo de *Reichskanzler* (chanceler da República de Weimar), de 3 de dezembro de 1932 até 28 de janeiro de 1933. Foi vítima da Noite das Facas Longas, expurgo liderado por Hitler contra adversários políticos.

²⁹⁹ *Reichstag* é o nome do prédio onde o parlamento federal da Alemanha exerce suas funções.

foram pintadas pelo biógrafo. A verdadeira personalidade de Hitler (3 páginas – 9%); Hitler ator (6 páginas – 18%); a representação do papel histórico-universal (4 páginas – 12%); os dotes para conseguir o poder (10 páginas – 29%); o oportunismo de Hitler (4 páginas – 12%); o poder ilimitado de Hitler, sua força política e a grandeza da sua figura (3 páginas – 9%), esses foram os temas que auxiliaram Bullock a pintar o retrato de Hitler que, desde a primeira frase, vinha sendo desenhado.³⁰⁰

No maior capítulo da biografia nomeado *Desde Viena a Praga*, 33 páginas, isto é, 42% de todo o capítulo foram para falar de um caso específico: da Checoslováquia – sua anexação e intervenção; a visita do 1º ministro britânico; e a reunião de Hitler e Mussolini com os primeiros-ministros britânico e francês. A anexação da Áustria foi o segundo tema que ganhou mais espaço na narrativa desse capítulo, com 11 páginas. A ocupação de Praga – como definiu o autor: uma etapa importante da carreira de Hitler – correspondeu a 7 páginas do capítulo. Rearmamento da Alemanha e o começo da política externa; o aumento de prestígio por causa dos triunfos dos métodos da política de guerra; os objetivos futuros da política externa; as estratégias da política de ocupação (de Viena a Praga), ganharam 6 páginas de narrativa. A consolidação do poder institucional de Hitler e os acordos e concessões feitos por ele, respectivamente, corresponderam a 4 e 5 páginas do capítulo.

Em *A guerra de Hitler*, capítulo que narrou a vida do líder nazista apenas no ano de 1939, oito grandes temáticas foram tratadas: o novo objetivo de Hitler: a destruição do estado polaco (11% da quantidade de páginas); as negociações entre Polônia e Alemanha (13%); aliança com a Itália, o Pacto de Acero (11%); a tentativa de pacto com a União Soviética (14%); a guerra localizada de Hitler (32%); o ataque à Polônia e a tentativa de manter boa relação com os países – Inglaterra, Itália e França – (10%); a mudança de postura da guerra localizada para a guerra ao oeste e mais quatro países (10%).

O capítulo 10, *Uma vitória não decisiva* (1939–1940), foi estruturado em 46 páginas; em 7 delas Bullock desenvolveu os temas das primeiras vitórias de guerra e o falso atentado (o incêndio no *Reichstag*) para ganhar notoriedade. Em 4 páginas, as perspectivas de Hitler para atacar o oeste; 6 foram necessárias para narrar a ordem de ataque ao Oeste e as negociações para que a Itália entrasse na guerra. Os temas do primeiro erro militar de Hitler e a declaração de guerra da Itália foram disseminados no

³⁰⁰ Trataremos esse capítulo de forma mais detalhada na seção dedicada ao papel de Hitler na história alemã, para Alan Bullock.

decorrer de 7 páginas; em 5 páginas, Bullock falou dos triunfos de Hitler nesse período. O caminho escolhido para invadir a Rússia foi abordado em 7; os planos das operações para o mediterrâneo corresponderam a 5 páginas; e o encontro de Hitler e Franco, na tentativa de fazer o ditador espanhol entrar em guerra foi relatado em 6 páginas.

No capítulo 11, nomeado *O mundo vai ficar com a respiração em suspenso*, dos 6 temas/assuntos que permearam a narrativa, 5 giram em torno da Rússia. O que significa dizer que 75% do capítulo, em exatas 35 páginas, Alan Bullock discorreu sobre o caso da Alemanha e Rússia: os planos de ataque, as negociações de pacto, as estratégias diplomáticas e pessoais de Hitler para realizar o ataque e a decisão final de atacar. Os outros 25% foram para tratar, de forma sintetizada, o processo da câmara de gás. Foi a primeira vez que o tema do campo de concentração ganhou espaço considerável na narrativa, pois anteriormente ele só tinha sido citado na página 236 para falar dos instrumentos de violência criados pelo regime nazista.

Em *O império que não chegou a se realizar*, décimo segundo capítulo que corresponde, cronologicamente, ao período de 1941 a 1943, os temas dos fracassos de Hitler começam a fazer parte da narrativa. Em 9 páginas Bullock relatou o primeiro erro de guerra de Adolf Hitler: a ofensiva contra a Rússia, que resultou em fracasso; também 9 páginas para abordar a crise do inverno de 1941 e 1942 que produziu divergências entre os dirigentes do exército e Hitler, resultando na nomeação do *Führer* para o comando supremo do exército alemão. Em 8 páginas, Bullock dedicou-se a fazer comparações entre o Hitler de 1941/1942 e o Hitler de 1920 e chegou à conclusão de que nesses mais de 20 anos que separaram “os dois Hitlers”, nada mudou, ele continuava sendo a mesma pessoa. O verdadeiro fracasso de Hitler, para ele as debilidades dos fundamentos das estratégias militares, foi descrito em 4 páginas. Para o prestígio comprometido e a batalha do Stalingrado foram dedicadas 8 páginas a cada um dos temas. E no último tema/assunto narrado no capítulo, o extermínio dos judeus, que foi relatado em 5 páginas.

Dois Julios, título do penúltimo capítulo, narrou a vida do ditador alemão de 1943 a 1944. Das 48 páginas, 13% delas foram para relatar as extraordinárias habilidades de Adolf Hitler; 17% para falar porque Alan Bullock considerava 1943 o ano da derrota alemã; 17% para descrever a debilidade física e mental de Hitler e sua crença em sua Providência; 15% para falar dos outros dirigentes e o domínio de Hitler sobre o partido, até o final; 19% para mostrar as instituições de oposição; e 21% para narrar o atentado contra Hitler e sua ruptura com o exército.

Oito temáticas foram escolhidas para fazer parte do capítulo final, “O imperador sem suas vestiduras”. Bullock, para falar que Hitler ainda conservava força para convencer o povo alemão, pela última vez, utilizou 6 páginas da narrativa; em 5 páginas pontuou os êxitos dos adversários no verão de 1944. Na maior parte do capítulo, em determinadas 10 páginas, a narrativa biográfica dedicou-se a mostrar o desmoronamento do poderio do *Führer*. Foram necessárias 5 páginas para abordar o tema da perda total do domínio, o que denunciava que Hitler chegava ao seu fim. A realidade da derrota foi relatada em apenas 3 páginas; em 6, o autor descreveu o cenário em que Hitler representou a última cena de sua vida. O tema, já abordado no capítulo 12, voltou, mais uma vez, a ganhar destaque na biografia, realizado em 7 páginas: a comparação e constatação que Hitler seguia sendo o "Hitler antigo". Por último, o fim de Hitler e do III Reich foram descritos em 3 páginas.³⁰¹ Assim, a biografia *Hitler: A Study in Tyranny* iniciou-se com o nascimento de Adolf Hitler, em 1889, e terminou com sua morte, em 1945.

A compreensão que ficamos foi que, durante as 770 páginas uma gama consistente de elementos foi descrita, analisada, questionada e auxiliou Bullock a compor o retrato final de Hitler. Com o objetivo de conseguir fazer uma análise mais qualitativa desses dados, decidimos transformar os temas e assuntos que constituíram os capítulos em eixos temáticos e, assim, constatar em quais temas/assuntos centrais Bullock estruturou sua biografia. Conforme a tabela abaixo, conseguimos identificar nove eixos temáticos que constituíram a biografia de Alan Bullock:

Tabela 2 – Eixos temáticos

Eixo temático	Quantidade de páginas	
Infância e adolescência de Hitler	33	4%
Pós guerra e a tentativa de golpe de 1923	55	7%
O caminho para chancelaria	119	15%
De chanceler a ditador	53	7%
Política externa e de guerra	293	38%
Hitler ator/o verdadeiro Hitler	38	5%
Extermínio de judeus	11	1%
Os dias finais de Hitler	92	12%
O Hitler de 1920 e o Hitler de 1945	15	2%
Demais	61	8%
Total	770	100%

³⁰¹ Em anexo encontram-se os gráficos referentes a cada capítulo.

Alguns eixos temáticos ganharam mais destaques, como foi o caso do tema da política externa e de guerra, enquanto outros tiveram menos espaço na narrativa, como o caso do tema “Um único Hitler (o Hitler de 1920 e o Hitler 1945)”.

Esse levantamento dos temas/assuntos que estruturaram a narrativa de Alan Bullock guiou o nosso olhar durante a análise da biografia para percebermos quais os efeitos que esse elemento exerceu na narrativa da biografia.

Como supramencionado, podemos perceber que a narrativa da política externa e de guerra se sobressaiu consideravelmente em relação aos demais temas. O autor ocupou 293 páginas da biografia apenas para tratar dessa temática. Os capítulos 8, 9, 10 e 11, quase que exclusivamente, narraram a política externa e de guerra. Nesses capítulos, os temas e assuntos giraram em torno das estratégias políticas e diplomáticas, das negociações, dos pactos, alianças, as decisões de guerra que Adolf Hitler teve e manteve com os outros países da Europa, principalmente Itália, Grã-Bretanha e União Soviética.

Bullock iniciou o capítulo 8 mostrando que a segunda fase das estratégias políticas de Hitler para expandir seu poder havia começado:

O inverno de 1937-1938 marca o ponto decisivo em que Hitler passa de seu objetivo limitado: libertar a Alemanha dos passos curtos que o foi imposta pelo Tratado de Versalhes, a ousada carreira que levou aos êxitos espetaculares dos anos 1938-1941. Não é que sua política externa tenha mudado de direção ou de caráter – que variou pouco desde o tempo em que ele escreveu seu *Mein Kampf* –, mas sim que era para entrar numa nova fase de seu desenvolvimento. Hitler julgou que a situação estava madura para cumprir os propósitos que ele alimentava há muito tempo.³⁰²

Detectamos que a narrativa das estratégias políticas e de guerra, assim como as fases de Hitler, foi dividida em dois momentos. No primeiro, Bullock tentou mostrar como o aumento de poder foi um instrumento para que Hitler controlasse a política e o mecanismo do Estado. E isso, para o autor, foi possível através, primeiro, do rearmamento da Alemanha e, posteriormente, quando Hitler tornou-se chefe supremo das forças armadas. O rearmamento e o controle das forças armadas, segundo o biógrafo, corresponderam à última fase da revolução em busca do poder de Hitler, pois isso significava o prelúdio de uma nova era na política exterior a partir da consolidação do poder institucional de Adolf Hitler.

³⁰² BULLOCK, Alan, 1955, p. 365.

O segundo momento da narrativa para desenvolver o tema foi a tentativa de relatar cada passo dado por Hitler na política exterior desde 1933, que, como observou “[...] implicou riscos cada vez maiores, mas sempre havia saído bem das apostas”.³⁰³

O historiador relatou as práticas da política exterior de Hitler até a eclosão da guerra a partir do que identificamos como enfoque narrativo: as atividades diplomáticas de Hitler com os outros países da Europa. Nas quase 100 páginas que Alan Bullock descreveu a anexação da Áustria e Checoslováquia, a situação da Eslováquia sob tutela alemã, foram também entrelaçadas pelos acordos, concessões, negociações e pactos que Hitler manteve com Grã-Bretanha, União Soviética, Itália, Espanha e França. Como a narrativa denotou, o maior êxito diplomático da carreira de Hitler foi a recuperação do Ruhr: “Nenhum acontecimento marca uma situação mais clara dos êxitos obtidos para o jogo diplomático de Hitler do que a reocupação da região do Ruhr”.³⁰⁴

A compreensão que ficamos foi a investida sistemática de Alan Bullock de associar Adolf Hitler a uma situação de alianças e acordos com os outros países, ou, simplesmente, a uma relação de consentimento que existiu dos principais países da Europa com Hitler, como podemos observar neste trecho:

A Áustria e os Sudetos, num período de seis meses, representaram o triunfo dos métodos de guerra política que Hitler aplicava. [...] O diagnóstico que ele fizera sobre a fraqueza das democracias ocidentais e sobre as divisões internacionais que impediam a formação de uma frente eficaz contra o Fueher fora brilhantemente justificado. Em cinco anos de permanência no poder, Hitler elevou a Alemanha de um dos níveis mais baixos de sua história para **a posição de líder na Europa** - e tudo isso não apenas sem guerra, mas com o consentimento da Grã-Bretanha e da França.³⁰⁵ (Grifo nosso).

A política exterior abriu caminho, na biografia, para as estratégias de guerra. Hitler apareceu, nesta temática, como um maestro da estratégia, aquele que orquestrou e comandou a Segunda Guerra Mundial. Não por acaso, o capítulo nono foi intitulado de *A guerra de Hitler*. Para Bullock, a guerra foi possibilitada e realizada por Adolf Hitler quando atacou a Polônia, sem contar com o apoio inicial do povo alemão.

Longe, a leste de Berlim, estavam se movendo ao longo das estradas, em direção à fronteira polonesa, tanques, canhões, caminhões, uma divisão de tropas atrás de outra, sem interrupção durante toda a noite. O céu e a noite estavam claros. No alvorecer de 1º de setembro, na data exata indicada desde o início de abril, nas instruções dadas pelo

³⁰³ Ibidem, p. 392.

³⁰⁴ Ibidem, p. 303.

³⁰⁵ Ibidem, p. 424.

Fuehrer, os conhões trovejaram. Hitler havia alcançado sua guerra. Por cinco anos e meio, até a sua morte, as bocas de fogo não se silenciaram. Em 1 de setembro de 1939, não havia cenas de entusiasmo ou multidões iluminadas em Berlim como as de Munique, onde Hitler escutou a notícia da declaração de guerra vinte anos antes. Quando se dirigiu para falar diante do Reichstag, reunido no *Krolloper*, às dez da manhã, as ruas estavam menos concorridas do que de costume. Muitas das pessoas que se viraram para assistir ao cortejo de carros que acompanhavam o Fuehrer, observavam de forma silenciosa. O discurso de Hitler no *Reichstag* tinha uma nota característica de autodefesa truculenta. Não apenas culpou os poloneses pelo fato de que não teria sido possível chegar a um acordo pacífico, mas os acusaram de terem desencadeado uma ofensiva contra a Alemanha, que forçou os alemães a contra-atacar.³⁰⁶

A guerra, então, passou a fazer parte da escrita de Bullock. A nosso ver, se fosse possível transformar as últimas 250 páginas da biografia em um único tema, este seria, provavelmente, a Segunda Guerra. Por definir o conflito como “a guerra de Hitler”, o autor fez uma extensa análise desse momento, apesar de ter dito no prefácio que não pretendia abordar a história da guerra. No entanto, concebemos que ela foi um plano de fundo para que o autor analisasse Hitler como o ideólogo de guerra da Alemanha nazista, como dito: aquele que colocou em prática e orquestrou a Segunda Guerra Mundial, mostrando as situações que enfrentou e as decisões que tomou. Segundo Bullock, foi nesse momento que “o homem desaparece, o ser humano, absorvido pela figura histórica do *Fiiuhrer*. Somente nos últimos anos de sua vida, quando o poder mágico começa a faltar, é possível descobrir novamente a criatura mortal e falível que morava dentro dele”.³⁰⁷

O tema da guerra foi intercalado entre acertos e êxitos, erros e fracassos das estratégias do líder nazista. Este apareceu como aquele que sempre estava fazendo cálculos políticos e estratégicos para ganhar a guerra – o que deu a entender que seu tempo foi absorvido por conferências diplomáticas e militares, que sua vida privada foi sacrificada em nome das exigências de uma posição que ele carregava: a responsabilidade exclusiva de todas e de cada uma das decisões que tinham que ser tomadas.³⁰⁸ De acordo com a narrativa proposta, Hitler foi um gênio dos campos de batalha que, até sua decisão de atacar à Rússia,³⁰⁹ havia colecionado mais êxitos do que fracassos.

³⁰⁶ *Ibidem*, p. 496.

³⁰⁷ *Ibidem*, p. 510.

³⁰⁸ *Idem*.

³⁰⁹ Como Bullock afirmou que o exército alemão estava com forças numericamente inferiores às dos russos. Hitler esteve durante toda a campanha perdido entre diferentes objetivos, perdendo tempo nas operações, estendendo seus recursos ao limite que era possível e abrindo seus exércitos “em um leque ao longo de uma milha de quilômetros”, mas sempre acabava perdendo a chance de dar o golpe decisivo que teria colocado

Depreendemos que o destaque dado por Bullock a essa temática deveu-se a um dos objetivos de escrita que ele delimitou ainda no prefácio: entender como Hitler expandiu seu poder para fora da Alemanha. Entendemos que, para Alan Bullock, a política externa e a política de guerra constituíram-se nos meios dos quais Hitler se valeu para estender seu poder. E por que o autor deu mais relevância às questões externas do que a política interna praticada por Hitler? Possivelmente, Bullock seguiu a lógica que o próprio Adolf Hitler deu para essa questão. Segundo o biógrafo, certos temas no campo da política interna interessavam Hitler – planos de construção e legislação antisemita, por exemplo –, mas logo foram absorvidos pela política externa e a preparação para a guerra.³¹⁰

Outro eixo temático que sobressaiu na narrativa foi o que denominamos de “caminho para chancelaria”. Este tema correspondeu, narrativamente, à tentativa de golpe, em 1923, e a nomeação Hitler ao cargo de chanceler. Nessa parte da biografia, também existiu a estratégia de escrita de destacar os êxitos e fracassos que ocorreram no caminho do líder nazista para chegar à primeira fase do seu objetivo: alcançar o poder (se tornar chanceler).

Dois acontecimentos foram destacados como oportunidades que auxiliaram Hitler em sua tarefa de alcançar o poder absoluto: a tentativa de golpe de 1923 e a grande crise de 1930-1933. Em todos os aspectos, Bullock nos sugeriu que a tentativa de golpe de 1923 foi um feito extraordinário para um homem que, como Hitler, havia começado do nada alguns anos antes. No curso de duas horas, ele transformou a situação política na Baviera e provocou uma rebelião. E mesmo tendo o fiasco como resultado (a sua prisão), a tentativa de 8 e 9 de novembro se reverteu em um triunfo retrospectivo. Segundo o biógrafo, “[...] a insurreição fracassada de 1923 também teve um lugar importante na história do movimento nazista por causa das lições que Hitler derivou dela e graças às quais foi possível modelar suas táticas políticas nos anos subseqüentes”.³¹¹ A crise de

a Rússia fora de combate. Para o autor, a derrota da campanha de Adolf Hitler era evidente, pois ainda em 1941 tinha perdido a oportunidade de findar e sair vitorioso da guerra. Nas palavras do biógrafo: “O verdadeiro fracasso de Hitler como estrategista foi antes, nos anos em que os Estados Unidos e a Rússia não haviam começado a desenvolver todo o seu potencial e a Grã-Bretanha não se recuperara totalmente de suas derrotas em 1940. Porque ainda tinha em suas mãos as iniciativas e contava com forças superiores. Em vez de usá-las para que obtivesse o melhor jogo, desperdiçou tais vantagens momentâneas, em primeiro lugar, pela sua resolução para atacar a Rússia, e em segundo lugar, como resultado deste primeiro erro, deixando de prestar atenção a esses outros teatros a guerra em que, ao longo do tempo, os britânicos e os americanos contribuíram fortemente para a derrota de Hitler”. (Ibidem, p. 626).

³¹⁰ Ibidem, p. 270.

³¹¹ Ibidem, p. 88.

1930-1933, advinda de 1929, “seguiu o caminho que Hitler previra: o da política externa”.³¹²

Ao contrário do que ocorreu com a temática da política exterior e de guerra, nesta parte, Hitler conseguiu transformar o fracasso da tentativa de golpe em um acerto político, mas isso não significou, de forma prática, em êxito para alcançar o poder, pois a Alemanha logo começou a registrar uma melhoria em sua situação política e econômica.³¹³ O partido nazista, entre os anos de 1927 e 1928, obteve um crescimento do seu contingente e nas suas atividades políticas, no entanto, o seu líder continuava sendo uma figura desconhecida em grande parte da Alemanha.

[...] embora Hitler tenha indubitavelmente alcançado algum progresso na reconstrução do partido, em relação ao nível em que ele próprio havia caído em 1924-1925, se medido por referência ao padrão de política nacional, os êxitos nazistas eram inferiores. No final de 1928, Hitler ainda era um político pequeno, pouco conhecido fora do Sul, e até mesmo considerado parte da banda lunática dos políticos da Baviera. Foram esses anos de espera, anos durante os quais Hitler teve que enfrentar a pior de todas as situações, caracterizado por indiferença e desprezo em um meio pitoresco, anos em que teria sido extremamente fácil para que o movimento se desintegrasse e naufragasse.³¹⁴

Quando passou a ter oportunidades e êxitos notáveis nas primeiras eleições, “tornou-se um líder de importância”,³¹⁵ virando assim uma possibilidade para o governo atrair as massas. Apesar disso, o autor mostrou que mesmo assim Hitler não havia atingido o seu objetivo.

A pretensão de Hitler em obter poder em sua capacidade de líder do partido mais importante do *Reichstag* foi educadamente rejeitada. O presidente - disse Papen - insistiu em manter no poder o gabinete presidencial que não poderia ser liderado por um líder partidário como Hitler.³¹⁶

Às véspera de ser nomeado chanceler, Bullock relatou as resistências que Adolf Hitler enfrentou: “até a mesma noite antes do anúncio da nomeação de Hitler para a posição de chanceler, Papen continuou examinando a alternativa de dois planos possíveis”.³¹⁷ Em todo caso, Hitler tornou-se chanceler da Alemanha.

³¹² Ibidem, p. 112.

³¹³ Ibidem, p. 101.

³¹⁴ Ibidem, p. 111.

³¹⁵ Ibidem, p. 128.

³¹⁶ Ibidem, p. 184.

³¹⁷ Ibidem, p. 208.

Consideramos que, para relatar o caminho até a chancelaria, Bullock pretendeu sugerir que, ao contrário do maestro e arquiteto que Hitler foi ao colocar em prática sua política externa e de guerra, para alcançar o poder, o líder do partido nazista não foi o grande responsável. O biógrafo indicou que, apesar do apoio das massas, Hitler não chegou ao poder em 1933 como resultado das urnas, mas em “virtude de cambalachos políticos”.³¹⁸ Para Alan Bullock, o fato de Hitler ter se tornado chanceler se deu em decorrência de uma junção de fatores e não por uma ação direta e única do futuro líder da Alemanha nazista. Dois fatores tiveram mais proeminência para o autor: a divisão e ineficiência de seus adversários e a decisão da direita alemã de aceitar Hitler no governo.

Bullock destacou que existiu uma incapacidade dos partidos alemães de juntar forças em apoio à República, e até mesmo os comunistas anunciaram preferir os nazistas no poder do que ajudar a salvar a República de Weimar. Julgamos que, de acordo com a biografia, a direita alemã foi a maior responsável por Hitler ter chegado ao poder. Como detalhado pelo autor, as direitas alemãs, além da incapacidade de combinarem forças com os demais partidos em defesa da República, se associaram a Hitler dando a este o comando de um governo de coalizão, pois acreditavam que ele poderia ser controlado³¹⁹ – compreendemos, assim, que, para Alan Bullock, Hitler não alcançou o poder por méritos próprios. Conforme pontuou em sua análise: “Hitler não assumiu o poder, mas chegou graças a intrigas subalternas”.³²⁰

Deduzimos que esses dois grandes temas tiveram duas funções na biografia de Alan Bullock: entender como Hitler alcançou o poder e como ele conseguiu expandir esse poder para além da Alemanha. Isso nos remete ao prefácio da obra, em que Bullock disse que o interesse de sua narrativa era “relatar os meios de que Hitler se valeu para assumir o poder” e “os meios que Hitler se valeu para estender seu poder fora da Alemanha”.³²¹

Na nossa análise, identificamos que, para o biógrafo, esses meios se apresentaram pela incapacidade dos adversários de Hitler e pelas estratégias de política externa e de guerra e, em específico, pelo apoio da direita alemã. Hitler foi relatado de duas maneiras nesses momentos, para alcançar o poder, precisou de ajuda externa. A sua nomeação para chanceler, por exemplo, foi mais uma decorrência das pessoas em sua volta do que dele mesmo. Já para expandir o poder, após ter se tornado chanceler, Hitler foi o grande

³¹⁸ Ibidem, p. 214.

³¹⁹ Ibidem, p. 215.

³²⁰ Ibidem, p. 214.

³²¹ Ibidem, p. IX.

ideólogo, aquele que colocou em prática um programa e, até determinado momento, colheu êxitos notáveis dele.

Os principais temas que estruturaram a narrativa da biografia *Hitler: A Study in Tyranny* foram uma parte do nosso estudo para a compreensão de qual seria o retrato de Hitler construído por Alan Bullock. Para tornar nossa análise mais contundente e, assim, tentar montar o perfil da escrita biográfica de Alan Bullock, daremos prosseguimento ao levantamento a partir de outros critérios. Agora, iremos verificar definições e características que Adolf Hitler passou a ter na biografia escrita por Bullock.

Definições e características de Hitler

Ao definir e classificar Hitler de determinada maneira, Bullock foi moldando, por meio das palavras, os traços que o *seu* Adolf Hitler teria. Nosso objeto, nesta parte, é identificar as definições que foram empregadas pelo biógrafo ao mencionar o biografado, no decorrer de todo o texto.³²²

Bullock definiu Hitler por vinte e duas maneiras diferentes e algumas delas foram utilizadas mais de uma vez. Isso quer dizer que em 770 páginas o biógrafo definiu o líder do partido nazista 53 vezes. Essas definições dizem muito do perfil que Bullock construiu de Hitler, dez delas apareceram apenas uma vez na narrativa, sendo elas: ex-pintor, propagandista, dono absoluto do governo, vidente, novo homem do destino europeu, “segundo Bismarck”, figura histórica, pequeno burguês alemão, dirigente militar, dono indiscutível da maior parte da Europa. Outras definições estiveram presentes, mais de uma vez, durante o texto. Vejamos:

Tabela 3 – Definições

Definição	Incidência	
Político	7	13%
Grande ator/artista	5	9%
Agitador	5	9%
Demagogo/Maior demagogo da história/Demagogo austríaco	4	8%
Ditador	3	6%
Orador das massas	3	6%
Arbitro supremo da guerra	3	6%

³²² Mapeamos apenas os adjetivos que foram derivados do próprio autor.

Maestro/Maestro da estratégia/Maestro da propaganda política	3	6%
Gênio/Gênio dos campos de batalha	2	4%
Novo profeta/profeta	2	4%
Oportunista	2	4%
Demais (as definições supracitadas que apareceram apenas 1 vez)	14	26%
Total	53	100%

Podemos perceber, observando as definições que tiveram mais de uma incidência, que elas não são antagônicas, visto que há uma linha de coesão que as interliga. Político, agitador, ditador, orador das massas, maestro da propaganda política, gênio do campo de batalha e oportunista são definições que montam o perfil do político e estrategista da propaganda e de guerra que Adolf Hitler foi para Bullock. Como vimos no capítulo anterior, Hitler, para o historiador, foi indiscutivelmente um grande político. Assim como o idealizador da Segunda Guerra Mundial. Quando Hitler não foi o grande político que o autor considerou, foi o oportunista que soube aproveitar das situações. Para ter uma certeza maior desse perfil vamos detectar as características que o historiador imputou a Hitler. Assim, com a associação das definições com as características, pretendemos ter uma compreensão melhor e mais delimitada da imagem de Hitler.

Bullock utilizou mais do artifício de caracterizar (dar “qualidades” a Hitler) do que definir seu biografado. Em 73 momentos conseguimos identificar a ocorrência dessa caracterização. Hitler foi caracterizado como: adulator, afetivo, ambicioso, brutal, calculista, capaz de adquirir e manter-se superior, portador de uma capacidade de manobra, capacidade para vencer, carente de princípios, convincente, cortês, desequilibrado, tendo ainda o dom da arte demagógica, o dom de grande político, o dom misterioso de magnetismo pessoal, dotes como orador, dotes de militar, emocional, encantador, enganador, excêntrico, carente de dotes administrativos, carente de originalidade, fascinante, ganancioso, grosseiro, hábil em aproveitar as oportunidades, hábil em manejar atenção, hábil em mentir, possuidor de hábitos de despotismo, da ignorância de um analfabeto, de instinto político, intolerante, leal, lívido, maestria como agitador, materialista, não era louco, reservado, sarcástico, seguro de si, sereno, taciturno, temperamento enérgico e implacável, torpe.

Todas essas caracterizações apareceram apenas uma vez na biografia. Outras, no entanto, apareceram mais de uma vez. Cita-se:

Tabela 4 - Características

Características	Quantidade	
Astúcia	2	3%
Cinismo	4	6%
Coerente	2	3%
Dotes políticos	3	4%
Fenômeno europeu	2	3%
Habilidade e dotes de grande ator	4	6%
Hábitos de despotismo	2	3%
Inescrupuloso	3	4%
Inteligente	2	3%
Simpático	2	3%
Demais (as características que apareceram apenas uma vez)	45	63%
Total	71	100%

Podemos, assim, verificar que algumas características se conectam com as definições: político e dom de grande político; ator e habilidade e dotes de grande ator; orador e agitador das massas, dotes como orador. Além disso, houve uma repetição de palavras empregadas para caracterizar Hitler, como: dotes, capacidade, habilidade. De antemão, inteligente e simpático são partes do perfil de artista em que Bullock compreendeu Hitler. Fenômeno europeu, inescrupuloso e hábitos de despotismo são características importantes que mostraram as reflexões que Bullock fez sobre o lugar que Hitler realmente mereceu na história.

Esse levantamento que propusemos a fazer das definições e características, nos auxiliaram a identificar, possivelmente, um fragmento do perfil da escrita biográfica de Alan Bullock. No entanto, qual retrato de Hitler foi construído por Bullock tendo esses elementos como componentes?

O retrato de Adolf Hitler

As definições e características utilizadas por Alan Bullock para descrever Hitler traçam uma parcela do retrato final que a biografia produziu. Como visto no mapeamento, algumas definições e características sobressaíram devido às incidências com que elas apareceram na obra. Mas buscando um perfil mais preciso para a análise, cruzamos as definições com as características, resultando em dois elementos: para Bullock, Hitler

tinha dotes de político e habilidades de artista e foi definido majoritariamente como político e ator.

Como visto na análise da política externa e da guerra, não foi muito difícil compreender que Bullock concebeu Hitler como um político. O autor relatou, por meio das atividades de negociações, pactos e acordos, quase de forma excessiva, o líder do Terceiro Reich exercendo a função de diplomata. Quando narrou o tema do caminho até a chancelaria, mesmo não tendo o papel de protagonista em sua chegada ao poder, Hitler apareceu como uma figura política. E foi exatamente sua habilidade como líder político que lhe permitiu alcançar êxitos e acertos descritos por Bullock até 1943.

Para o biógrafo, Hitler era um político e nasceu com esse dom. Esse, desde sempre, tinha os elementos necessário para desenvolver “uma carreira política sem paralelo na história”,³²³ só precisava cristalizar a ideia de se tornar um líder político.

Hitler tinha o dom de grande político: capturar as possibilidades de uma situação mais rapidamente que seus adversários. Ele viu, como nenhum outro estadista, como explorar as vontades e ressentimentos do povo alemão, como ele mais tarde explorou o medo que os franceses e ingleses experimentavam pela guerra e pelo comunismo. Sua insistência em manter formas jurídicas durante a luta pelo poder revelou uma brilhante compreensão do método pelo qual ele poderia desarmar a oposição, e a maneira como ele solapou a autonomia privilegiada do exército alemão revelou sua capacidade de compreender as fraquezas do Corpo de oficiais.³²⁴

No período da Primeira Guerra, em 1918, Bullock destacou o primeiro indicador da habilidade política de Hitler: “[...] depois de assistir um curso que se dava a tropa, Hitler foi nomeado oficial de instruções e dedicou-se a inocular seus homens com ideias contra o contágio dos socialistas, dos pacifistas e dos democratas.”³²⁵ Porém, foi na tentativa de golpe de 1923 quando, de acordo com o historiador, aconteceu a primeira aparição política de Adolf Hitler. A partir daí, passou a se entender como um político e foi assim, como o “líder político mais importante de Alemanha”,³²⁶ que agiu até os últimos dias de sua vida.

O autor criticou as tentativas de entender Hitler apenas como uma liderança carismática, pois, segundo ele, com isso era fácil esquecer o político, cínico e esperto que estava presente em sua figura. Essa mistura de elementos e o fanatismo eram a

³²³ Ibidem, p. 33.

³²⁴ Ibidem, p. 334.

³²⁵ Ibidem, p. 41.

³²⁶ Ibidem, p. 182.

característica peculiar da personalidade de Hitler, “ignorar ou subestimar qualquer um desses elementos é apresentar uma imagem falsa da situação”.³²⁷

Outra característica de político que Hitler tinha era o seu poder de persuadir. Como ficou evidente na obra, os argumentos de Hitler revelavam sua capacidade aterrorizante de penetrar nas mentes daqueles que ele pretendia influenciar.³²⁸ Para Bullock, a maior prova da capacidade política de Hitler foi demonstrada na maneira como ele se recuperou do revés da tentativa de golpe de 1923. Porque se Hitler, em 9 de novembro de 1923, se tornara, para todos e para si mesmo politicamente acabado, meses depois conseguiu se tornar a figura mais importante da Alemanha, transformando seu julgamento em um triunfo completo.³²⁹

Quando chegou ao poder no ano de 1933, “[...] Hitler era o político mais poderoso da Alemanha e golpeava as portas da Chancelaria à frente do partido mais potente que a Alemanha jamais tinha visto”.³³⁰ Como poucos líderes, conheceu a Alemanha e seu povo através de contato íntimo, e, de acordo com o biógrafo, a vantagem que Hitler tinha em relação a outros políticos foi sua imensa experiência adquirida não na Chancelaria ou no *Reichstag*, “[...] mas na rua, que é o nível em que as eleições são ganhas, o nível em que todos os políticos, para obter a maioria dos votos, deve mostrar a sua eficácia”.³³¹

E foi por meio das suas práticas como político que Adolf Hitler se transfigurou em ditador da Alemanha.

[...] entre março de 1933 e agosto de 1934, o equilíbrio de poder na Alemanha havia mudado decisivamente em favor de Hitler. Hitler havia adquirido o controle total da maquinaria do Estado, esmagado a oposição, dispensado seus aliados, afirmado sua autoridade sobre o partido e sobre a S.A. e assegurava para si as prerrogativas do chefe de Estado e do comandante e chefe das forças armadas. A revolução nazista foi completa: Hitler tornou-se o ditador da Alemanha.³³²

Entretanto, se para Bullock Hitler era um político, o que o fez defini-lo também como um ator? Conforme dito durante o mapeamento dos temas, entendemos que *O ditador* foi o capítulo em que Alan Bullock traçou uma parte considerável do retrato de Adolf Hitler. O autor propôs, nesse capítulo, entender a verdadeira personalidade do líder nazista. O primeiro elemento para compor sua narrativa foi desconstruir a imagem

³²⁷ Ibidem, p. 332.

³²⁸ Ibidem, p. 131.

³²⁹ Ibidem, p. 45.

³³⁰ Ibidem, p. 182.

³³¹ Ibidem, p. 85.

³³² Ibidem, p. 265-266.

imponente de Hitler, imagem esta que até aquele capítulo também foi descrita por Bullock.

Na primavera de 1938, na véspera de seus maiores triunfos, Adolf Hitler completou cinquenta anos. Sua aparência física era insignificante; seu porte, ainda pitoresco. A mecha de cabelo caía sobre a testa e seu bigode não acrescentava nada a um rosto grosseiro e curiosamente vulgar, no qual apenas os olhos atraíam a atenção. Pelo menos na aparência, Hitler podia se gabar de ser um homem do povo, um plebeu da cabeça aos pés, sem nenhuma das características de superioridade racial que ele sempre invocava. Seu rosto tinha o dom da mobilidade, uma certa capacidade de expressar os mais diversos estados de espírito em rápida sucessão, sorrindo e encantando em um dado momento, imediatamente refletia frieza e império; cínico ou sarcástico, ou inchado e lívido de raiva.³³³

Até a marca que muitos consideravam a mais importante do seu poderio, a oratória, foi questionada por Bullock:

Como orador, Hitler tinha deficiências notáveis. O timbre de sua voz era estridente, muito diferente do belo tom da voz de Goebbels. Ele falava em períodos muito longos; muitas vezes se repetia e degenerava em palavreado; Ele não tinha lucidez e geralmente se perdia em sentenças sombrias. Esses fracassos, no entanto, pouco importavam frente a extraordinária impressão de força, paixão inédita, intensidade do ódio, junto com a fúria e a ameaça que emanava do som de sua voz, sem levar em conta o que ele dizia.

Um dos segredos de seu domínio sobre um grande auditório era sua sensibilidade instintiva para capturar o humor da multidão; um certo olfato para adivinhar as paixões ocultas, os ressentimentos e os anseios que se agitavam nas mentes.³³⁴

Porém, com base nos trechos acima, após “desconstruir” determinados elementos das características de Hitler, Bullock relatou outros elementos que vão dando o tom do que considerou a verdadeira personalidade do líder nazista. Fisicamente era um homem qualquer, mas tinha a habilidade de expressar diversos estados de espírito. Tinha graves defeitos como orador, mas sabia como ninguém controlar e fascinar o grande auditório. Esses elementos são apoios para entender como Bullock compreendia quem era Hitler.

Segundo Bullock, sua personalidade era de ator, que soube interpretar diversos papéis. Hitler era tão bom ator que conseguiu enganar a ele mesmo, pois passou a acreditar no mito que criou para si.

Porque é saudável lembrar, antes de aceitar o mito de Hitler por seu valor aparente, que foi Hitler quem inventou esse mito, cultivando-o e administrando-o sabiamente para seus próprios propósitos. Enquanto

³³³ Ibidem, p. 332.

³³⁴ Ibidem, p. 330.

ele fez isso, ele alcançou um sucesso brilhante, mas quando ele começou a acreditar em sua própria magia e a aceitar como mito o próprio mito, sua intuição começou a vacilar.³³⁵

Um dos diversos aspectos do caráter de Hitler, como Bullock explicitou, era sua extraordinária capacidade para a autodramatização. O biógrafo sinalizou que um dos truques de Hitler era desempenhar o papel de vítima e acusar aqueles que se opunham ou obstruíam seus planos. Para Hitler, era sempre seu oponente o culpado de tudo. Por isso, denunciava os comunistas, os judeus, o governo republicano espanhol, os tchecos, os poloneses e os bolcheviques por seu comportamento "intolerável", que o obrigava a adotar medidas drásticas de autodefesa.³³⁶

Outro traço de sua personalidade destacado foi a impressão de inteligência e de concentrada força de vontade que Hitler passava. Ele era o líder que dominava todas as situações e que conhecia todos, e ao representar esse papel, fazia uso de uma memória notável. Era capaz de citar complicadas ordens de batalha, longas listas de nomes e dados. No entanto, como o autor deixou claro, essa também era uma habilidade que fazia parte da sua natureza de grande ator.

A verdadeira personalidade de Hitler era de artista. O líder maior da Alemanha nazista, foi nada mais nada menos que um grande ator, ou como o biógrafo definiu: um “ator consagrado”³³⁷ e talentoso que contou com o apoio do Estado.

Na verdade, Hitler era um ator consagrado, com o gênio histórico e oratório necessário para se identificar completamente com seu papel e se convencer da verdade do que ele estava dizendo no momento em que ele disse isso. Em seus primeiros anos, ele era muitas vezes confuso e incapaz de convencer, mas com a prática, o papel que ele propôs a representar tornou-se algo como sua segunda natureza. Posteriormente, com o imenso prestígio do sucesso e com os recursos de um poderoso Estado à sua disposição, poucos conseguiram resistir à força de seus olhos penetrantes, sua pose napoleônica e sua personalidade subjacente.³³⁸

O maior êxito da sua habilidade de artista foi ao interpretar o papel de “indivíduo histórico-universal”. Concebemos que o biógrafo trouxe as definições de Friedrich Hegel do papel dos “indivíduos histórico-universais”, feitas 100 anos antes que Hitler ocupasse

³³⁵ Ibidem, p. 332.

³³⁶ Ibidem, p. 333.

³³⁷ Mesmo não sendo muito típico em português, nas versões em espanhol, inglês e francês o termo consumado (*consumado*, *consummate* e *consommé*) foi utilizado para definir Hitler.

³³⁸ BULLOCK, Alan, 1955, p. 334.

o cargo de chanceler, para tentar entender o comportamento do líder nazista depois de ter alcançado o poder.

Para Hegel, a partir da apropriação feita por Bullock, os indivíduos históricos universais, são homens que compreenderam seu tempo, aproveitaram a oportunidade, opuseram-se e suplantaram as leis e os direitos estabelecidos vigentes em sua época, na qual a moralidade individual não deve se levantar contra os feitos universais das suas ações. Esses necessariamente têm que “atropelar muitas flores inocentes, afastar e fazer em pedaços muitos objetos em seu caminho”.³³⁹ O filósofo considerou que Alexandre Magno, Júlio César e Napoleão Bonaparte foram estes homens: políticos práticos, mas que ao mesmo tempo foram pensadores que penetraram nas exigências de uma época. Nesse caso, os homens histórico-universais são os heróis de uma época, e devem ser reconhecidos como dotados com a mais clara visão: suas palavras, seus feitos são os melhores de sua época.³⁴⁰

É perfeitamente lógico questionar se Hitler leu Hegel, mas, como tantas outras passagens da literatura alemã do século XIX - de Nietzsche, Schopenhauer e Wagner – os transcritos encontraram eco na fé carismática de Hitler. Apesar de seu cinismo, a fria doutrina hegeliana não se tornou a essência de sua personalidade: o que ocorreu é que chegou a crer ser predestinado para o cumprimento de uma missão apontada pela Providência, e, portanto, isento dos cânones ordinários da conduta humana.³⁴¹

De acordo com a biografia, Hitler acreditou possuir a providência em sua personalidade e essa foi a crença fundamental que nunca o abandonou até o fim de sua vida. Conforme mostrou, na concepção de Hitler, ele era o homem escolhido pela Providência como agente de um processo histórico mundial. Foi a partir dessa crença que Hitler colocou em prática o seu programa político – que para o historiador estava desenhado desde *Mein Kampf* – de dominar a Europa, para expandir seu poder de forma ilimitada. E todos os eventos de sua vida serviram para que o líder político apoiasse essa suposição: os êxitos obtidos, ter se salvado das tentativas de assassinatos e tantos outros. Qualquer detalhe, por mais trivial que tenha sido, era para Hitler a prova que ele era o escolhido da Providência.

Bullock entendeu que enquanto seu sentido missionário permaneceu equilibrado por cálculos cínicos do político, ele mesmo representou uma fonte de força, mas o sucesso

³³⁹ Ibidem, p. 340.

³⁴⁰ Idem.

³⁴¹ Idem

foi fatal para Hitler. Concluiu que, quando metade da Europa estava sob seus pés, sob seu comando e dominação, e quando a necessidade de alguma restrição perdeu o sentido, Hitler abandonou-se a uma megalomania ilimitada, pois acreditou na sua própria infalibilidade. Mas exatamente quando ele precisava dos milagres da imagem que ele havia forjado, seus dons se deterioraram e sua intuição falhou. Bullock sugeriu que, de forma irônica, o fracasso surgiu da mesma fonte de capacidade que o levou ao triunfo: seu poder de dramatização, sua capacidade de se convencer do papel que estava interpretando.

Hitler **representou seu papel "histórico-universal"** até o último momento, que foi terrivelmente amargo. Mas essa fé o deslumbrou e o cegou para o que realmente estava acontecendo, levando-o à superestimação arrogante de seu próprio gênio, que o levou à derrota. O pecado cometido por Hitler era aquele que os antigos gregos chamavam de *hybris*, o pecado do orgulho, de arrogância trágica, de acreditar que era um ser sobre-humano. Se algum homem foi destruído pela imagem que ele criou de si mesmo, este homem foi Hitler.³⁴² (Grifo nosso).

Por meio da análise, entendemos que, para Bullock, Hitler foi em sua natureza um grande ator, que representou vários papéis, conseguindo, até mesmo, representar de forma magistral o papel de líder político da Alemanha. Com os seus dotes de ator, conservou uma fé inabalável em seu papel histórico e em si mesmo como homem do destino. Por fim, qual o lugar do Hitler ator e político na história da Alemanha para Alan Bullock?

O senhor supremo do Terceiro Reich ou mais uma peça no Regime Nazista?

No segundo capítulo, mostramos que o lugar de Hitler na história alemã foi e é uma questão que permeia as análises que tratam de Adolf Hitler, pensando, especificamente, no campo historiográfico. E a biografia de Alan Bullock não diferiu do restante da historiografia. Ainda no seu prefácio, confessou que um dos seus questionamentos para escrever a obra foi exatamente: “Qual havia sido o papel importante que Hitler **representou** na história do III Reich”.³⁴³ (Grifo nosso).

Conforme observamos nas páginas e páginas que objetivaram narrar a vida de Adolf Hitler, o historiador relatou Hitler como: “o maior demagogo da história”, “líder do partido mais importante do Reichstag”, “novo homem do destino europeu”, que exerceu “a carreira política mais desconcertante e notável da história moderna”, “uma

³⁴² Ibidem, p. 340.

³⁴³ Ibidem, p. IX.

carreira política sem paralelo na história”.³⁴⁴ Com base na maior parte da narrativa de *Hitler: A Study in Tyranny*, Hitler não foi uma peça para o interesse de quem exercia o poder na Alemanha: o exército ou as indústrias pesadas. Como Bullock afirmou: “[...] Hitler não reconhecia senhores e desde 1938 exercia sobre a Alemanha um mando arbitrário em tal grau que raras vezes, quiçá nunca, se havia visto igual em um Estado Industrial moderno”.³⁴⁵

Desde que assumiu o cargo de chanceler até a “decisão errônea” (forma como Bullock entendeu) de invadir à Rússia, Hitler colecionou triunfos diplomáticos e de guerra, como foi visto na análise das temáticas “política externa e de guerra” e “o caminho até a chancelaria”. De acordo com o biógrafo, esses triunfos permitiram que Hitler exercesse uma hegemonia sobre o continente europeu, semelhante somente a Napoleão, no auge da sua fama. O autor relatou alguns elementos que ajudaram e explicam parte dos seus êxitos: o povo, o exército, a sorte e a desunião dos seus oponentes. Todavia, para levar os êxitos a cabo, Hitler “[...] necessitou – e os possuiu – dotes fora da corrente; em suma, gênio político, por maléfico que tenham sido seus frutos”.³⁴⁶ Como verificamos na biografia, foi Hitler quem direcionou seus dotes para os caminhos indispensáveis e soube aproveitar das oportunidades. Isto nos sugere que Adolf Hitler não foi um foguete de forças, mas aquele que de forma calculista e em nome do seu fascínio pelo poder, moveu uma nação em prol do seu objetivo.

Bullock foi demarcando as qualidades que seu biografado possuía e os êxitos que elas lhe proporcionaram, e por mais que sua carreira tenha acabado em fracasso, o autor insinuou que isso não deveria ser motivo para invalidar seu título de grande. Apesar disso, como podemos perceber, Bullock discordou do título de grande para definir Hitler. Nas suas reflexões no epílogo, os 12 anos que Hitler permaneceu no poder foram um período de tirania clássica com técnicas modernas (consideramos que essa concepção justificou o título escolhido para a obra). Suas *qualidades*, na percepção do autor, não eram bem *qualidades*, pelo contrário:

Essas faculdades extraordinárias estavam ligadas a uma egolatria perversa e estridente, a um cretinismo moral e intelectual. As paixões que governavam o espírito de Hitler eram ignóbeis: ódio, ressentimento, desejo de dominação e, onde não conseguia dominar, a destruição. Sua carreira não é uma sublimação, mas uma degradação da condição humana, e sua ditadura de doze anos é desprovida de todos os tipos de ideais, exceto um:

³⁴⁴ Ibidem, p. 47, 184, 312, IX e 33.

³⁴⁵ Ibidem, p. 746.

³⁴⁶ Idem.

estender cada vez mais seu próprio poder e o da nação com a qual ele tinha identificado-se. E mesmo o poder foi concebido por ele com características brutais, como um panorama sem limites de listas militares, guarnições de S.S. e campos de concentração que se espalham pela Europa e Ásia.³⁴⁷

Como disse o historiador, nada poderia justificar todo o sofrimento que Adolf Hitler causou, apenas sua vontade monstruosa e ingovernável, um oportunista desprovido de princípios. E concluiu que se há algum lugar na história destinado a Hitler, será junto “[...] a de Átila, o Huno, e o rei bárbaro que não se deu sobrenome de ‘Grande’, mas o de ‘azeite dos Deuses’”.³⁴⁸ Para Alan Bullock, Hitler não perdeu sua grandeza com as derrotas dos momentos finais, ele simplesmente nunca a teve. Depreendemos que, para Bullock, a única grandeza que Hitler possuía era o seu talento como ator.

Comparando os retratos de Hitler

Identificar o retrato construído e entender o lugar de Hitler na história da Alemanha, para Alan Bullock, foi um dos nossos objetivos neste capítulo. O que nos permite, a partir dessa análise, defrontar o que existiu em comum ou diferente entre o retrato criado por Bullock e os retratos de Hitler feitos por Hermann Rauschning, Trevor-Roper e Konrad Heiden analisados nos capítulos anteriores.

Rauschning retratou Hitler como um charlatão. Não era um revolucionário, muito menos um político, mas um homem qualquer que só tinha a busca por poder como objetivo. Todavia, mesmo assim, dominou e colocou toda a Alemanha sob sua vontade. Em Heiden, a imagem de Hitler foi a de um oportunista, desclassificado, que alcançou o poder máximo na Alemanha devido sua áurea diabólica. O Hitler de Trevor-Roper foi o grande gênio político e militar, cujo poder sobreviveu até a sua própria morte. Em cada um, temos retratos diferentes do líder nazista.

Nas três obras, também, a imagem de Hitler foi construída a partir de alguns elementos comuns. Pensaram Hitler como um fenômeno alemão e as características específicas da Alemanha eram suficientes para entender o seu surgimento. Além disso, imaginaram a existência de “dois Hitlers”, um humano e outro sobrenatural. E a importância de Hitler ao exercer poder absoluto durante Terceiro Reich.

A biografia escrita por Alan Bullock, a nosso ver, compartilhou alguns traços desses autores para retratar Hitler, tais como: o grande gênio político e militar que Hitler

³⁴⁷ Ibidem, p. 747.

³⁴⁸ Idem.

foi para Trevo-Roper; a busca pelo poder ilimitado que Hitler baseou sua carreira descrita por Rauschning. O objetivo de entender como Hitler exerceu tanto poder foi um propósito de escrita tanto para Trevo-Roper quanto para Alan Bullock, e a crença que Heiden relatou sobre Hitler a respeito do mito que ele mesmo criou. Além de compartilhar esses elementos, a narrativa da biografia *Hitler: A Study in Tyranny*, como foi possível verificar no capítulo *Os materiais de construção do retrato de Hitler*, se apropriou desses autores – Rauschning, Heiden e Trevor-Roper – como fontes de informação. Momentos específicos da vida de Adolf Hitler foram relatados tendo os autores supracitados como referências. Em todo caso, em dois pontos importantes, a narrativa de Bullock divergiu dos demais autores analisados. Para Alan Bullock, Hitler era apenas humano e as características da Alemanha não eram suficientes para entender e explicá-lo.

Em todos os momentos da biografia, na nossa percepção, Bullock relatou Hitler como um ser humano normal, que poderia ser explicado a partir de aspectos racionais. Sua ascensão ao poder e a permanência nele não foram derivadas de nenhum espírito, possessão e/ou forças sobrenaturais – em *Hitler me disse*, *Hitler: a vida de um ditador* e *Os últimos dias de Hitler* esses elementos são uma das justificativas principais para o poder e domínio que Hitler exerceu. O quadro das definições e características, e a análise da obra nos permitem concluir que Hitler foi um homem com *qualidades* e essas *qualidades* que o possibilitaram alcançar e expandir seu poder. Hitler foi um consumado e talentoso ator, foi um grande líder político – características de um homem normal –, e por meio das suas habilidades e dotes, tornou-se o Adolf Hitler que ocupou o cargo de político mais importante da Alemanha, realizou uma guerra e exerceu poder absoluto, por mais “maléficos que tenham sido seus frutos”.³⁴⁹ O Hitler de Alan Bullock foi pensado e descrito a partir de aspectos racionais.

Entendemos que outro fator diferencial da biografia de Alan Bullock das demais obras, foi exatamente o fato de ter compreendido Hitler não apenas como um fenômeno alemão, isto é, como se a própria Alemanha fosse suficiente para explicar o seu surgimento e sua consolidação – concepção esta desenvolvida por Rauschning, Heiden e Trevor-Roper. Para Bullock, Hitler foi um fenômeno tanto alemão quanto europeu.

A situação e a mentalidade que ele explorava, o desconforto de que ele foi sintoma, não se limitavam a um país, embora na Alemanha se manifestassem com maior força. Hitler se expressou em alemão, mas os

³⁴⁹ Ibidem, p. 746.

pensamentos e emoções que ele expressava naquela língua tinham reflexos mais universais.³⁵⁰

A compreensão que ficamos foi que a narrativa de *Hitler: A Study in Tyranny* também foi estruturada pensando nessa questão: de Hitler como um fenômeno alemão e europeu. Para entender como Hitler alcançou o poder, verificamos que Bullock buscou como explicação as condições da Alemanha e seu povo, e apenas estes eram suficientes para compreender sua ascensão. As crises políticas, econômica, a falta de oposição, o apoio do exército, das indústrias pesadas e da direita foram instrumentos – alemães – para que Hitler chegasse à chancelaria. Tanto que, antes que Hitler se tornar chanceler, o termo “Europa” foi citado apenas no prefácio da biografia para falar da “Europa onde Hitler veio ao mundo, a que o ritmo destruiria, deu uma impressão incomum de estabilidade e permanência na época do nascimento de Adolf”.³⁵¹

No segundo momento da biografia, depois que Hitler alcançou o poder, a “Europa” tornou-se um elemento muito presente. Bullock, de forma até massiva, relatou negociações, encontros, conversas, pactos, ajudas mútuas entre a Alemanha/Hitler com os outros países europeus. Os britânicos, franceses, italianos, checos, polacos, russos, para o biógrafo, foram também responsáveis por Hitler ser “o homem do destino europeu”,³⁵² pois, assim como o exército e a direita alemã, achavam que “[...] poderiam se livrar dele por meio de suborno ou que podiam se servir dele para suas próprias finalidades egoístas”.

³⁵³

Depreendemos que, para Alan Bullock, somente podemos entender quem foi Adolf Hitler se deixarmos de pensar que só na Alemanha havia sido possível que ele exercesse poder. Hitler precisou de todo um continente para levar a cabo sua política, ou melhor, sua busca por poder ilimitado, assim, também, como foi necessário o esforço combinado das três nações mais poderosas do mundo para quebrar seu domínio sobre o continente europeu.

Conforme o autor explicitou, Hitler foi um pedaço do continente europeu, e se viu em uma relação com esse continente. E da mesma forma que se tornou o seu líder, o levou a destruição. De acordo com as últimas palavras de Bullock na biografia: “Talvez a Europa vá se refazer, mas a velha Europa que começa de 1789, o ano da Revolução

³⁵⁰ Ibidem, p. 749.

³⁵¹ Ibidem, p. IX.

³⁵² Ibidem, p. 312.

³⁵³ Ibidem, p. 748.

Francesa, e vai até 1939, o ano da guerra de Hitler, se foi para sempre, e a última figura que emergiu em sua história foi a de Adolf Hitler, o arquiteto de sua ruína”.³⁵⁴

O historiador Alan Bullock construiu uma carreira acadêmica e política de grande destaque. Fato este que gerou o convite para ser um dos primeiros a ter acesso à documentação produzida no Julgamento de Nuremberg, que trazia à tona boa parte das barbaridades que foram realizadas nos campos de concentração como também na política do regime nazista cometidas por Hitler e seus aliados. Esse acesso proporcionou não só o pedido para produzir a primeira biografia substancial sobre Adolf Hitler pós sua morte, em 1945, como também acredito que os relatos, denúncias e informações oriundas do julgamento forneceram boa parte das demandas de escritas que tiveram presentes em *Hitler: A Study in Tyranny*.

Como vimos, no que concerne o período dos primeiros escritos tendo Hitler como personagem central até a produção da biografia elaborada por Bullock, mesmo com todas as distinções de escritas, existia um consenso em relação a questão mística que envolvia as explicações referentes ao líder nazista. O elemento sobrenatural era determinante para compreender quem foi Adolf Hitler. A demonização foi uma chave-explicativa amplamente utilizada, principalmente, nos anos posteriores ao fim do Terceiro Reich. Essa estratégia de demonizar Hitler servia com frequência a uma função de justificativa. Isto é, o fato de uma força sobrenatural ter conseguido enganar ou até mesmo hipnotizar uma sociedade inteira tirava o peso e responsabilidade daqueles que compactuaram e/ou fizeram parte do regime nazista.

Neste quesito, considero que o retrato erigido por Bullock como antagonico nesse contexto, visto que, os elementos narrativos que compuseram a personagem, denotaram um Hitler humano – como dito, político e ator, dotes de político e habilidades de grande ator foram as definições principais que o historiador britânico deu à Hitler. Portanto, na concepção do historiador, o sobrenatural não era e nem poderia ser um componente explicativo. Entendo que essa demanda para entender Hitler como um humano, para Bullock, possivelmente, foi derivada da sua presença no Julgamento de Nuremberg. Visto que os relatos dos líderes do partido evidenciavam toda crueldade do regime, colocava esses acontecimentos em uma ótica humana e real. E mesmo existindo a tentativa de direcionar toda a culpa para Hitler, a presença dos principais líderes da Alemanha nazista

³⁵⁴ Ibidem, p. 749.

dava a dimensão da organicidade do regime. Fato este que tirava a áurea demoníaca e sobrenatural tanto de Hitler quanto do movimento orquestrado por ele. Deste modo, trazendo novas demandas para aqueles que se propusessem a escrever sobre Hitler e seu regime.

Ademais, a análise do levantamento de dados me permitiu traçar o perfil que Alan Bullock deu a sua estrutura narrativa e, por meio desse perfil, identifiquei o retrato de Hitler proposto na biografia *Hitler: A Study in Tyranny*. O ranqueamento dos temas/assuntos, referências e obras mais mencionadas e as definições e características, me mostrou que a política externa e de guerra e o caminho de Hitler até a chancelaria foram as duas grandes temáticas que estruturaram a biografia. Compreendo que esse foi o mecanismo de escrita que permitiu e foi escolhido por Bullock para buscar entender os meios pelos quais Hitler alcançou e expandiu seu poder (segundo o próprio biógrafo, os dois grandes objetivos de sua escrita).

Hitler e *Mein Kampf*, Goebbels e seu diário, Heiden e seus livros e Rauschning e *Hitler me disse*, foram os autores e as obras que mais auxiliaram Bullock em sua tarefa de escrever. Hitler e *Mein Kampf* e Rauschning e *Hitler me disse* ganharam destaque, pois não foram usados para falar de algum momento específico da vida de Hitler, mas atravessaram toda a obra, aparecendo também como figuras importantes na narrativa. Assim como outros autores, contribuíram com Bullock em sua tarefa de recompor a vida de Adolf Hitler. Entretanto, não existiu a incorporação completa das perceptivas desses autores, Bullock se apropriou de determinados elementos narrativos para engendrar o seu retrato do biografado. Essa constatação sustenta a minha hipótese inicial que, mesmo utilizando de terminologias estáveis, Bullock formulou e respondeu a perguntas de maneira muito própria em decorrência de seu contexto de fala – que remete ao seu mundo social, ao seu universo intelectual e a sua conjuntura específica. Isto é, o retrato de Hitler na biografia escrita por Bullock é uma *ideia particular* do biografado.

Um dos fatores importantes que esses levantamentos de dados e a exame dos mesmos foi constatar o que identifiquei como o ponto central da tese de Alan Bullock, ao escrever a biografia *Hitler: A Study in Tyranny*: único Hitler. Como foi possível observar, para o biógrafo, o Hitler de 1945 era o mesmo Hitler de 1920. A narrativa para tratar do Hitler na década de 1920 e o Hitler na década de 1940 ocupou uma parte considerável da obra. Para desenvolver seu argumento, o biógrafo utilizou da estratégia de escrita da comparação: comparou os escritos de Hitler (o livro *Mein Kampf* e o seu testamento político); o livro de Rauschning e o testamento político de Hitler; e os acontecimentos

políticos que ocorreram na Alemanha nesse período e os escritos de *Mein Kampf* e os relatos de Hermann Rauschning.

Como dito, Bullock concebeu *Mein Kampf* como o local onde Adolf Hitler idealizou e relatou o seu programa político. E, talvez, por uma força de vontade, como o relato do autor objetivou mostrar, Hitler não apenas tentou, mas colocou em prática suas ideias e intenção políticas descritas em sua obra. Tanto que fiquei com a sensação que o autor fez um esforço para fazer associações entre os escritos e os acontecimentos que ocorreram na Alemanha, entre 1923 e 1943. Ou melhor, Bullock, efetivamente, buscou desenvolver na sua narrativa os acontecimentos políticos que, segundo ele, Hitler já tinha exposto nas páginas do seu livro.

A incorporação do livro de Hermann Rauschning, além de mostrar Hitler em sua função como político, também serviu para Bullock comparar Hitler ainda na década de 1930 e em seus dias finais de vida. Os trechos citados das reuniões que existiram entre Rauschning e Hitler – que, na verdade, não existiram³⁵⁵ – foram colocados, pelo biógrafo, como momentos que Hitler “profetizou” parte das suas estratégias de guerra. E estas, no decorrer do tempo, foram postas em práticas.

Da mesma forma que utilizou de *Mein Kampf*, os relatos das reuniões íntimas descritos por Rauschning também foram legitimadores para o argumento de Bullock que Hitler continuava o mesmo. Pois, como o historiador observou, grande parte das ideias de Hitler em 1941-1942 permaneciam as mesmas de “[...] quando escreveu *Mein Kampf*, ou quando ele falou com Rauschning em 1930”.³⁵⁶

O testamento político de Hitler foi, segundo a descrição da biografia, a constatação que os vinte anos que separavam as intenções, os posicionamentos, as ideias de Adolf Hitler, em 1920, não mudaram em quase nada das decisões finais transcritas em seu último “pronunciamento” para a nação alemã, em 1945. Conforme palavras do autor,

Esse homem que agora enfrentava a morte e a destruição do regime que criara, aquele homem que exigira o sacrifício de milhões de vidas antes de confessar a derrota, **ainda era o antigo Hitler**. Desde a primeira linha até o final de seu testamento, não há uma única frase de arrependimento, nem um único sintoma de remorso. A culpa recai sobre os outros e, especialmente, sobre os judeus, porque nem mesmo seu ódio do passado havia diminuíu. A proclamação final de Hitler para noção alemã poderia ser tomada, palavra por palavra, de qualquer um dos seus primeiros

³⁵⁵ Como vimos no capítulo 2, Rauschning inventou essas reuniões.

³⁵⁶ BULLOCK, Alan, 1955, p. 618.

discursos de 1920 e seguintes, ou da página *Mein Kampf*. Aqueles vinte e tantos anos não o transformaram em nada, nem lhe ensinaram nada.³⁵⁷

A compreensão que extraio da biografia escrita por Alan Bullock foi que existiu uma “continuidade” entre essas duas principais fases da vida de Adolf Hitler. Essa continuidade foi desenvolvida, pelo autor, através do projeto político que Hitler idealizou ainda na década de 1920, em seu livro *Mein Kampf*. Por conseguinte, uma das chaves-explicativa de *Hitler: A Study in Tyranny*, foi mostrar que não existiram “dois Hitlers”: o que começava a ganhar notoriedade nas ruas da capital da Baviera e aquele que colocou em prática um programa político. Para o biógrafo, Hitler foi e permaneceu o mesmo, e, desde 1925, idealizou seu projeto político e no decorrer dos anos colocou-o em desenvolvimento. Bullock imaginou a vida de Hitler, entre esses dois períodos, sem percalços, sem “ziguezagues”. O autor fez uma representação da vida do biografado como um conjunto coerente. Isto é, as duas fases da vida Hitler foram amarradas pelo projeto político desenvolvido pelo líder do partido nazista, o que nos ofereceu a impressão de coerência por meio da narrativa biográfica.

Isto me aludiu exatamente à crítica que Pierre Bourdieu direcionou a um tipo de escrita biográfica, do senso comum de considerar a vida como um conjunto de acontecimentos, uma trajetória com início, etapas e fim, com um deslocamento linear. Assim, contentando-se com uma ilusão retórica, uma representação simplória da existência.³⁵⁸

Entendo que Alan Bullock acabou reproduzindo essa ilusão retórica descrita por Bourdieu, quando apresentou a vida de Adolf Hitler como uma continuidade, tendo para tal fim, o projeto político do líder nazista. A sua intenção de mostrar que Hitler continuava igualmente, mesmo depois de 20 anos, denotou que o biógrafo não levou em conta toda a estrutura de rede que envolveu a vida do biografado. De acordo Adriana Barreto de Souza, um dos aspectos da narrativa biográfica pouco considerado pelos biógrafos é levar em conta as incertezas das relações sociais.³⁵⁹ E, o que tudo indica, o biógrafo Alan Bullock reiterou essa percepção da autora.

Considero que Bullock buscou narrar a vida do biografado, Adolf Hitler, por meio de campo de possibilidade limitado, com margens definidas cultural e socialmente. Não levando em conta, assim, todas as possibilidades de escolha, interpretação, manipulação

³⁵⁷ Ibidem, p. 737.

³⁵⁸ BOURDIEU, Pierre. Ilusão Biográfica. In: FERREIRA, Marieta de Moraes, AMADO, Janaina. *Usos e Abusos da História Oral*. RJ, FGV, 1998, p.183.

³⁵⁹ SOUZA, Adriana Barreto de, 2007, p. 34.

e negociação das determinações sociais. Ademais, seu esforço de comparar os acontecimentos da Alemanha como as formulações políticas que Hitler descreveu em *Mein Kampf*, foi parte do seu propósito elementar: Bullock selecionou determinados acontecimentos e estabeleceu conexões para dar coerência. Bourdieu classificou essa dinâmica de “criação artificial de sentido”.³⁶⁰ Portanto, produziu e tratou a vida de Adolf Hitler como uma história, uma sequência de acontecimentos com significados e direção.

³⁶⁰ BOURDIEU, Pierre, 1998, p. 185.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por meio das reflexões realizadas nas páginas anteriores, podemos perceber os objetivos e intenções de Alan Bullock na sua busca em explicar Adolf Hitler, ou melhor, na sua busca em responder as perguntas: “Qual havia sido o papel importante que Hitler representou na história do III Reich” e “que dons esse homem tinha que o capacitaram a entender e reter tal poder”. Segundo o autor, o que lhe levou a querer explicar e entender Adolf Hitler foi o acesso à documentação do julgamento de Nuremberg logo após o acontecimento. E esse acesso foi derivado, em muito, pelo seu reconhecimento como personalidade intelectual, acadêmica e influente na esfera política. Entretanto, mesmo sem sinalizar como um dos seus objetivos de escrita, consideramos que Bullock teve como um dos propósitos principais da sua narrativa, mostrar a sua compreensão do biografado como “um único Hitler”. Constatamos que, para o historiador, o Adolf Hitler de 1920 era o mesmo Hitler de 1945. Como Bullock pontou, Hitler continuava sendo “o antigo Hitler”.³⁶¹

Com uma escrita simples, direta e envolvente, a biografia *Hitler: A Study in Tyranny* narrou a vida de Adolf Hitler. Na qual sua vida privada quase não ganhou espaço na narrativa, entendemos que o historiador britânico objetivou reconstruir a imagem pública de Hitler. Este foi aquele que orquestrou uma guerra, como o autor classificou “a guerra de Hitler”, foi aquele que colocou em prática um programa político como uma única finalidade, tornar seu poder ilimitado. Como observado, a biografia escrita por Alan Bullock buscou fazer uma mescla, ora Hitler explicou o contexto da época, ora o contexto explicou Hitler, mas a partir de uma determinante: não considerou a estrutura de rede que envolveu a vida do biografado. Visto que, para ele, Hitler idealizou seu projeto político em 1925 e colocou em prática até os momentos finais de sua vida, em 1945.

O biógrafo, usando na maior parte das vezes o próprio biografado como fonte, construiu sua imagem particular de Adolf Hitler. Bullock nos ofereceu o retrato de um aventureiro seduzido pelo poder. Mais do que isso, o líder do partido nazista foi um ator que representou vários papéis, dentre ele, o de grande político. Não apenas representou, mas, segundo Bullock, Hitler acreditou no seu papel de “indivíduo histórico-universal” (conceito proposto por Hegel quase cem anos antes).

³⁶¹ BULLOCK, Alan, 1955, p. 737.

Além disso, para o biógrafo, Hitler também exerceu uma das carreiras políticas mais desconcertantes e notáveis da história alemã, por meio dele foi possível estabelecer poder na e fora da Alemanha. Portanto, subestimar Adolf Hitler como político seria um erro. Ele foi o maior demagogo da história, mas entendê-lo apenas assim é uma falha. Pois assim deixamos de entender a verdadeira natureza do poder político daquele que moveu as massas. Bullock não viu Hitler como um foguete de forças, mas como aquele que de forma calculista e em nome do seu fascínio pelo poder, moveu uma nação em prol do seu objetivo.

Como visto, a tendência dos explicadores no pré-guerra era condescendente com Hitler, considerava-o um fenômeno insignificante, indigno de palavras. A literatura do pós-guerra tendeu ou a simplesmente não pensar muito em Hitler ou a diminuí-lo, não como fizeram os primeiros explicadores que tentavam reduzi-lo ao esquecimento, mas a tendência era pensá-lo como um instrumento de forças abstratas. Isto é, o fenômeno Hitler foi explicado em decorrência da crise econômica e política da Alemanha, forças sobrenaturais.

No contexto da época de produção e publicação da obra de Bullock, as informações da realidade do Holocausto, dos crimes de guerra nazista ganhavam a consciência de todos – o julgamento de Nuremberg foi um dos instrumentos para trazer à tona parte dessas informações. Por consequência, a figura de Hitler foi se transformando de líder odiado para a personificação, a expressão do mal, algo que fugia a racionalidade humana. Bullock afirmou que, apesar de ser um aventureiro que só queria expandir seu poder de forma ilimitada, Hitler não era um maluco ou um demônio sobre-humano. E que as condições específicas da Alemanha até auxiliavam entender como Hitler chegou ao poder, mas para compreender como ele expandiu esse poder, era necessário pensar Hitler como um fenômeno europeu. Eram visões contrastantes às tendências explicativas até aquele momento. Como base nas análises das obras de Konrad Heiden, Hermann Rauschning e Trevor-Roper, existiu um consenso: as condições da própria Alemanha eram suficientes para entender a ascensão de Hitler ao poder e sua permanência era explicada por um fator sobrenatural: Hitler se transformava no *Führer* por meio de uma possessão mágica, e conseguiu dominar e controlar o destino do povo alemão.

Contudo, foi esse retrato de Adolf Hitler – o ator e grande político que tinha como objetivo apenas expandir seu poder por todo continente europeu (objetivo este, de acordo com o biógrafo, idealizado ainda na década de 1920) – construído por Alan Bullock que transformou a sua biografia na mais famosa e influente já escrita. A vitalidade do Hitler

de Bullock é perceptível na própria perpetuação feita pelos biógrafos posteriores, ao fazerem referência, definindo-a como “a descrição definitiva da vida de Adolf Hitler até então”. Bullock, talvez, realmente não seja o criador dessa imagem, como alegou Trevor-Roper, mas ao concretizá-la por meio da sua narrativa biográfica, tornou-se porta-voz dela nesse e em outros períodos.

FONTES

BULLOCK, Alan. *Hitler: Estudio de una tiranía*. Editorial Grijalbo, 1959.

BULLOCK, Alan. *Hitler: A Study in Tyranny*. Ed. Rev., 1962.

HEIDEN, Konrad. *Hitler: a vida de um ditador*. Tradução Álvaro Franco. Porto Alegre: Livraria do Globo, 1939.

RAUSCHNING, Hermann. *Hitler me dijo...confidencias del Führer sobre sus planes de dominio del mundo*. Madrid: Ediciones Atlas, 1940.

TREVOR-ROPER, H. R. *Os últimos dias de Hitler*. Tradução José B. Mari. São Paulo: Editora Flamboyant, 1949.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAYLEY, Charley Calvert. *International Journal*. Sage Publications, Vol. 9, 1954.
- BIVAR, Vinícius; DÖPCKE, Wolfgang. *O Papel de Adolf Hitler: Uma reflexão sobre o debate funcionalista/intencionalista na historiografia sobre o Nacional-Socialismo*. In: *I Seminário de História e Cultura: Historiografia e Teoria da História*, 2013, Uberlândia. Anais do VI Seminário de História e Cultura: Historiografia e Teoria da História, 2013.
- BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.
- _____. A ilusão biográfica [1996]. In: FERREIRA, Marieta de Moraes e AMADO, Janaína (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro; FGV Editora, 1996.
- CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. O Tribunal de Nuremberg: origens, desafios e significados (Artigo). In: *Café História – história feita com cliques*. Disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/o-tribunal-de-nuremberg/>. Publicado em: 16 setembro de 2017. Acesso: 22 de dezembro de 2018.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural. Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- DICIONÁRIO MICHAELIS. *Biografia*. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/biografia/>>. Acesso em: 23 dez. 2018.
- DICKSON, Peter. *Lord Bullock*. In: The Independent. Disponível em <https://www.independent.co.uk/news/obituaries/lord-bullock-37926.html> >. Publicado em: 3 de fevereiro de 2004. Acesso em: 15 de dezembro de 2018.
- DOMINGUES, Joelza Ester. *Perfil: Ian Kershaw, o historiador do nazismo*. 2015. Disponível em: <http://www.ensinarhistoriajoelza.com.br/perfil-ian-kershaw-o-historiador-do-nazismo/>>. Acesso em: 27 de julho de 2017.
- DOSSE, François. *O Desafio Biográfico: escrever uma vida*. Tradução Gilson César Cardoso de Souza. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2009.
- FEST, Joachim C. *Hitler*. Trad. Sob a direção de Francisco Manuel da Rocha Filho. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006. 935p.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1988.
- GUIMARÃES, Manuel Luiz Salgado. Prefácio: A biografia como escrita da História. In: SOUZA, Adriana Barreto de. *Duque de Caxias: o homem por trás do monumento – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira*, 2008.
- KERSHAW, Ian. *Hitler, um perfil de poder*. Tradução: Vera Ribeiro – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1993.

- IAN, Kershaw. *Hitler*. Tradução de Pedro Maia Soares. 1. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.
- FEST, Joachim C. *Hitler*. Trad. Sob a direção de Francisco Manuel da Rocha Filho. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- LORIGA, Sabina. A biografia como problema. In: REVEL, Jacques (org.). *Jogos de escalas: experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: FVG Editora, 1998, pp. 225-249.
- LUKACS, John. *O Hitler da História*. Trad. de Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.
- MALANOWSKI, von Wolfgang. *Der Spiegel*, 1985. Disponível em <<http://www.spiegel.de/spiegel/print/d-13514710.html>>. Acesso em 16 de agosto de 2018.
- MONTEAGLE, H. *Source: Revue d'histoire de la Deuxième Guerre mondiale*. Presses Universitaires de France, 1954.
- PEREIRA, Wagner Pinheiro. *O julgamento de Nuremberg e de Eichmann em Jerusalém: o cinema como fonte, prova documental e estratégia pedagógica*. Disponível em: http://www.dhnet.org.br/direitos/anthist/nuremberg/eichmann_nuremberg_israel.pdf. Acesso em: 22 dezembro de 2018.
- PRIORE, Mary Del. *Biografia: quando o indivíduo encontra a história. Topoi (Rio J.)* [online]. 2009, vol. 10, n. 19, pp. 7-16. ISSN 2237-101X.
- POCOCK, J. G. A.; MICELL, Sérgio (org). *Linguagens do ideário político*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- POLLAK, Michael. *Memória e identidade social*. Revista Estudos Históricos, Rio de Janeiro: Ed UFRJ, v. 5, n. 10, 1992.
- RAMOS, Tânia Regina Oliveira (Org). *Falas de gênero: teorias, análises, leituras*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.
- RÁNKI, Gy. *Historica Academiae Scientiarum Hungaricae*. Institute of History, Research Centre for the Humanities, Hungarian Academy of Sciences, 1960.
- REVEL, Jacques. A biografia como problema historiográfico. In: *História e historiografia: exercícios críticos*. Curitiba: Ed. UFPR, 2010, pp. 235-248.
- ROSENBAUM, Ron. *Para Entender Hitler A Busca Das Origens do Mal*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- SAXON, Wolfgang. *Alan Bullock, 89, a British historian who wrote a life of Hitler*. In: *The New York Times*. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/2004/02/05/world/alan-bullock-89-a-british-historian-who-wrote-a-life-of-hitler.html&prev=search>>. Acesso em 18 de dezembro de 2018.

- SCHIER, Richard F. *The Western Political Quarterly*. University of Utah on behalf of the Western Political Science Association, vol. 6, 1953.
- SIMKIN, John. Spartacus Educational. Disponível em < http://spartacus-educational.com/Herman_Rauschnig.htm >. Acesso em 13 de agosto de 2018.
- SKINNER, Quentin. *Liberdade antes do liberalismo*. São Paulo: Editora Unesp, 1999, p. 113.
- _____. *Visões da política: sobre os métodos históricos*. Algés: Difel, 2005. Tradução de João Pedro George – original publicado pela Cambridge University Press, 2002.
- SCOTT, Joan W. *Experiência*. In: SILVA, Alcione Leite da; LAGO, Mara Coelho de Souza; RAMOS, Tânia Regina Oliveira (Org). *Falas de gênero: teorias, análises, leituras*. Florianópolis: Editora Mulheres, 1999.
- SILVA, Maria Aparecida de Oliveira. *Biografia como fonte histórica*. Cadernos de Pesquisa do CDHIS, São Paulo, n.º. 36/37, 2007.
- SOUZA, Adriana Barreto de. Pesquisa, escolha biográfica e escrita da história: biografando o duque de Caxias. *História da Historiografia*, Ouro Preto, n. 9, agosto 2012, p. 106-109.
- _____. B. *Biografia e escrita da história: reflexões preliminares sobre relações sociais e de poder*. Revista Universidade Rural: Série Ciências Humanas, Seropédica, RJ: EDUR, v. 29, n. 1, p. 27-36, jan.-jul., 2007.
- The Guardian. *Lord Bullock of leafield*. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/news/2004/feb/03/guardianobituaries.obituaries>>. Acesso em 20 de dezembro de 2018.
- The Scotsman. Lord Bullock. Disponível em: <<https://www.scotsman.com/news/obituaries/lord-bullock-1-512377> >. Publicado em: 4 de fevereiro de 2004. Acesso em 28 de dezembro de 2018.
- WISKEMANN, Elizabeth. *International Affairs*. Wiley on behalf of the Royal Institute of International Affairs, vol. 29, 1953.

ANEXOS

ANEXO I:

GRÁFICOS TEMAS POR CAPÍTULO

Capítulo 1 – Anos de formação (1889-1918)		
Tema	Quantidade de páginas	
Infância e adolescência de Hitler (procedente familiar; nascimento; período escolar; tentativa de ingressar na Escola de Artes)	10	30%
Chegada em Viena, e a formação do caráter de Hitler	4	12%
As origens dos princípios de Hitler	7	21%
O surgimento das ideias políticas e o programa político de Hitler	3	9%
Ida para Munique e a Primeira Guerra	5	15%
O impacto da Primeira Guerra para Hitler	4	12%
Total	33	100%

Capítulo 2 – Anos de Luta (1919-1924)		
Tema	Quantidade de páginas	
Alemanha pós guerra	6	11%
Situação política da Alemanha e a entrada de Hitler para o partido nazista (Hitler aprendendo a se tornar um orador das massas)	9	16%
O início do partido nazista e os homens que ajudaram Hitler colocar em prática suas ideias	9	16%
1923 – o clima político e econômico do pós guerra, os conflitos de Hitler com o governo e as tentativas de Hitler em se tornar um dirigente com poder político	9	16%
A intensificação da crise política e econômica; Hitler ressurgiu como agitador	5	9%
Os preparativos e o fracasso da tentativa de golpe de 1923	11	20%
O julgamento da tentativa de golpe e o triunfo de Hitler	7	13%
Total	55	100%

Capítulo 3 – Anos de espera (1924-1931)		
Tema	Quantidade de páginas	
O partido sem Hitler	6	10%
O regresso de Hitler; a recuperação da Alemanha e o triunfo eleitoral de Hundenburg	5	8%
A luta entre Strasser e Hitler para dominar o partido	5	8%
Hitler como uma figura desconhecida	5	8%
Plano Young, a oportunidade de Hitler triunfar	5	8%

A depressão econômica de 1929	8	13%
Tentativas de aliança com o exército	10	17%
Apoios financeiros e de poder à Hitler	5	8%
O jogo político de legalidade praticado por Hitler entre 1931 e 1932	11	18%
Total	60	100%

Capítulo 4 – Os meses de oportunidade (outubro de 1931 a janeiro de 1933)

Temas	Quantidade de páginas	
Tentativas de aliança entre o governo e Hitler	7	12%
A decisão de se tornar candidato e o apoio das indústrias	5	8%
Os fracassos dos nazis nas eleições	5	8%
As dificuldades de Bruening na chancelaria e sua renúncia	5	8%
As disputas pela chancelaria e a não aceitação de Hitler como chanceler	12	20%
A quinta eleição do partido nazista; a campanha contra o governo; a união dos nazistas, centristas e comunistas	7	12%
A oposição ao governo de Papen e a nomeação de Schleicher para o cargo de chanceler	6	10%
Conflitos e disputas para Hitler chegar à chancelaria	12	20%
Total	59	100%

Capítulo 5 – A revolução desde o poder (outubro de 1931-30 de janeiro de 1934)

Tema	Quantidade de páginas	
O porque Hitler chegou ao poder; os motivos dos êxitos de Hitler	11	21%
A legalidade da ditadura de Hitler; a lei dos plenos poderes; a cerimônia de abertura do Reichstag	5	9%
As decisões da política interna de Hitler entre 1933 e 1934	12	23%
As negociações de Hitler com o exército	5	9%
Porque o poder de Hitler ainda não era absoluto	7	13%
As execuções dos membros da S.A. (A purga de junho)	7	13%
Hitler se torna um ditador	6	11%
Total	53	100%

Capítulo 6 – A paz falsificada (1939-1937)

Tema	Quantidade de páginas	
As características e objetivos de Hitler	3	7%
A presença dos representantes ingleses em Berlim; as investidas em Mussolini	10	22%
Os êxitos diplomáticos	6	13%
O convênio austroalemão	6	13%

Quatro anos de governo (tentativas de aliança com a ING e Japão; os jogos olímpicos; a recuperação econômica/economia voltada para guerra)	6	13%
A relação de Hitler com Mussolini	8	18%
A mudança na postura pacifista de Hitler	6	13%
Total	45	100%

Capítulo 7 – O ditador		
Tema	Quantidade de páginas	
A verdadeira personalidade de Hitler	3	9%
Hitler ator	6	18%
A representação do papel histórico-universal	4	12%
Os dotes de Hitler para conseguir poder (desconstrói Hitler)	10	29%
Hitler oportunista	4	12%
O poder ilimitado de Hitler	4	12%
A força política de Hitler/A grandeza da figura de Hitler	3	9%
Total	34	100%

Capítulo 8 – Desde Viena até Praga (1938-1939)		
Tema	Quantidade de páginas	
Rearmamento da Alemanha e o começo da política externa	6	8%
A consolidação do poder institucional de Hitler	4	5%
Acordos e concessões feitos por Hitler	5	6%
Anexação da Áustria	11	14%
Caso Checoslováquia (anexação e intervenção; visita dos 1º ministros britânico e francês)	33	42%
Aumento de prestígio por causa dos triunfos dos métodos da política de guerra; os objetivos futuros da política externa	6	8%
As estratégias da política de ocupação (de Viena a Praga)	6	8%
Ocupação de Praga-uma etapa importante da carreira de Hitler	7	9%
Total	78	100%

Capítulo 9 – A guerra de Hitler (1939)		
Tema	Quantidade de páginas	
Novo objetivo: destruição do Estado polaco	7	11%
As negociações entre Polônia e Alemanha	8	13%
Aliança com a Itália (Pacto de Acero)	7	11%
Tentativas de pacto com a União Soviética	9	14%
A guerra localizada de Hitler	10	16%
Hitler consegue sua guerra	10	16%
O ataque a Polônia e a tentativa de manter a boa relação com os países europeus	6	10%

Mudança de postura: da guerra localizada para a guerra ao oeste e mais quatro países	6	10%
Total	63	100%

Capítulo 10 – Uma vitória não decisiva (1939-1940)		
Tema	Quantidade de páginas	
As primeiras vitórias de guerra e o falso atentado para ganhar notoriedade	7	15%
As perspectivas de ataque ao Oeste	4	9%
Ordem de ataque ao Oeste e as negociações para Itália entrar na guerra	6	13%
O primeiro erro militar de Hitler e a declaração de guerra da Itália	7	15%
Os triunfos de Hitler	5	11%
O caminho para decidir invadir a Rússia	7	15%
Os planos para as operações no mediterrâneo	5	11%
O encontro de Hitler e Franco; a tentativa de fazer Franco entrar em guerra	6	13%
Total	46	100%

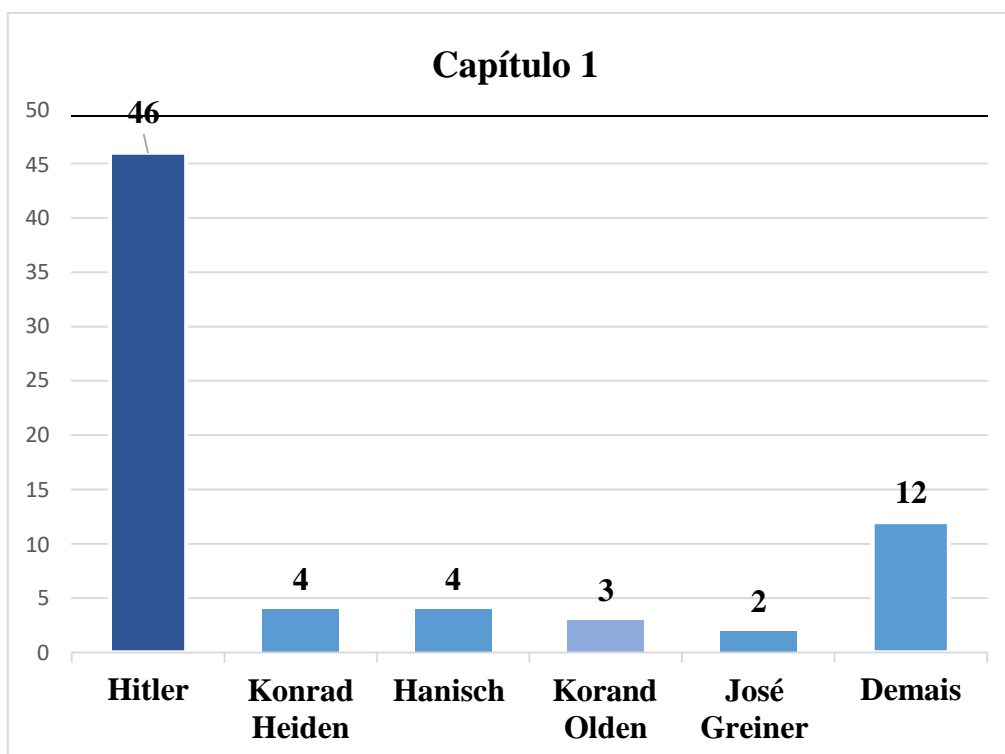
Capítulo 11 – “O mundo vai ficar com a respiração em suspenso” (1940-1941)		
Tema	Quantidade de páginas	
Os planos de ataque contra a Rússia	7	17%
As negociações de pacto entre Rússia e Alemanha	6	15%
As estratégias diplomáticas para atacar a Rússia	7	17%
As estratégias pessoais de Hitler para atacar a Rússia	10	24%
O processo da câmara de gás	6	15%
A decisão final de atacar a Rússia	5	12%
Total	41	100%

Capítulo 12 – O império que não chegou a se realizar		
Tema	Quantidade de páginas	
Erros de estratégias; a ofensiva Russa e o fracasso de Hitler	9	18%
A crise de 1941-1942; a divergência com os dirigentes e Hitler se torna comandante supremo do exército	9	18%
Hitler de 1941-1942, o mesmo de 1920	8	16%
O verdadeiro fracasso de Hitler: as debilidades dos fundamentos das estratégias militares	4	8%
O prestígio comprometido	8	16%
A batalha do Stalingrado	8	16%
O extermínio de judeus	5	10%
Total	51	100%

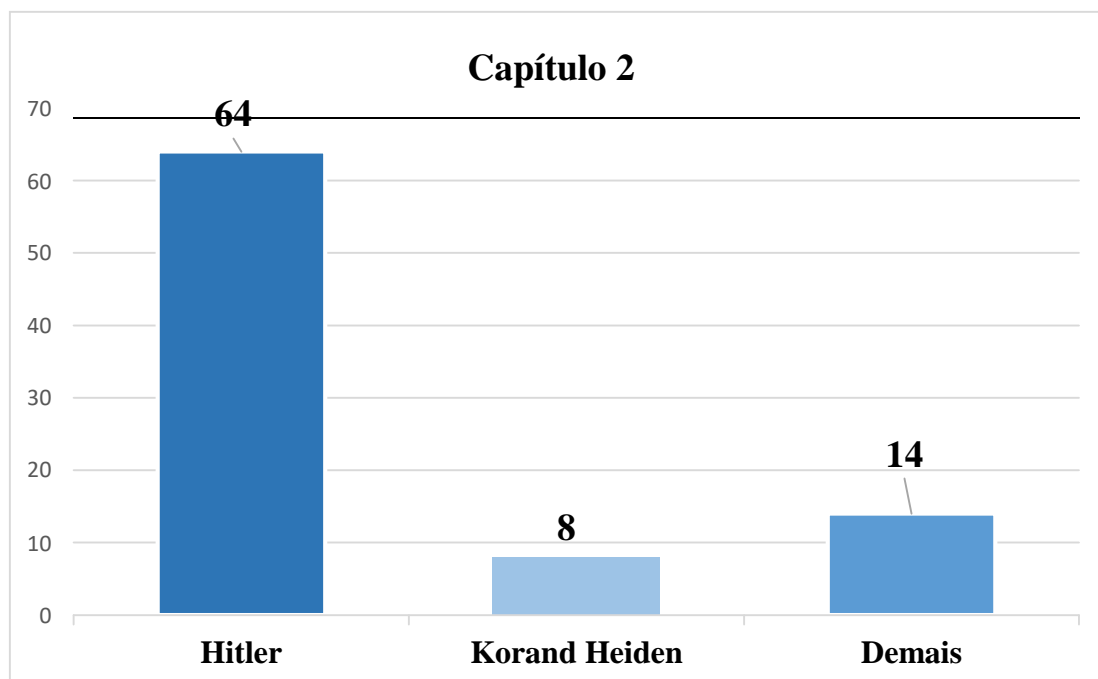
Capítulo 13 – Dos Julios (1943-1944)		
Tema	Quantidade de páginas	
As extraordinárias habilidades de Hitler	6	13%
1943 o ano da derrota alemã	8	17%
A debilidade física e mental de Hitler, e a sua crença em sua Providência	8	17%
Os outros dirigentes e o domínio de Hitler sobre o partido nazista até o final	7	15%
Instituições de oposição	9	19%
Atentado contra Hitler; a ruptura de Hitler com o exército	10	21%
Total	48	100%

Capítulo 14 – O imperador sem suas vestiduras		
Tema	Quantidade de páginas	
Conservava força para convencer o povo alemão pela última vez	6	14%
Os êxitos dos adversário no verão de 1944	5	11%
O desmoronamento do poderio de Hitler	10	23%
Perda total de domínio/Hitler chegava ao fim	4	9%
A realidade da derrota	3	7%
O cenário que Hitler representou a última cena	6	14%
Hitler seguia sendo o “Hitler antigo”	7	16%
O fim de Hitler e do terceiro Reich	3	7%
Total	44	100%

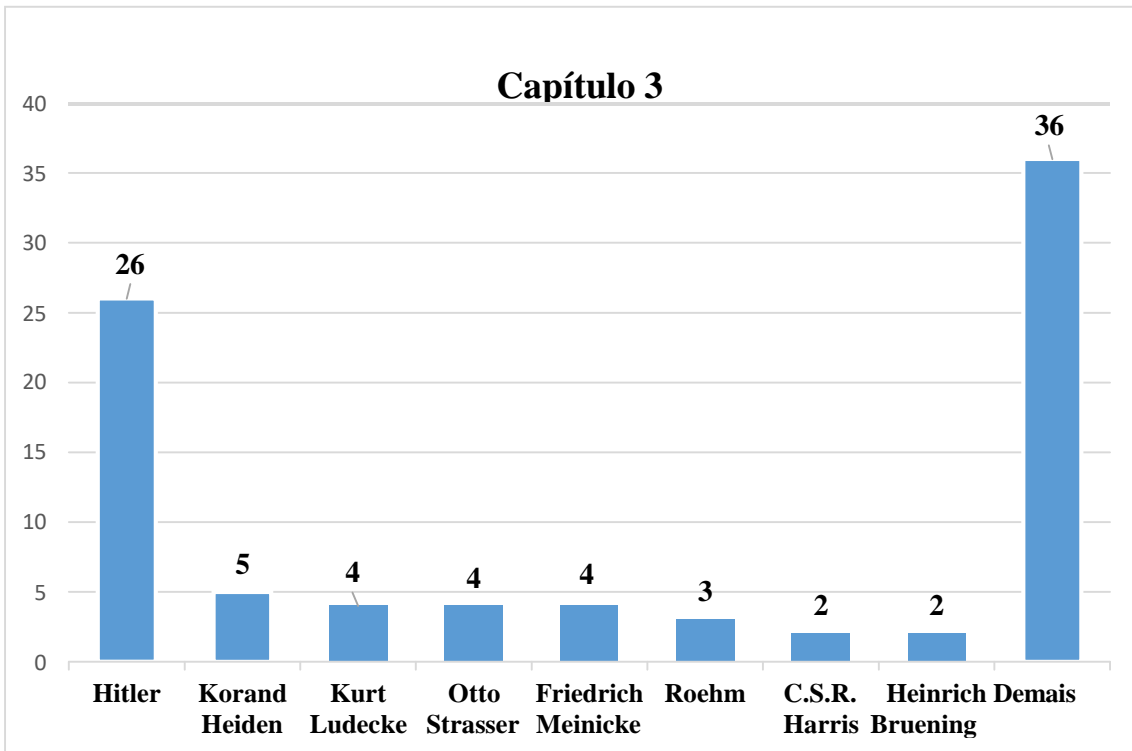
ANEXO I.1.
GRÁFICOS AUTORES POR CAPÍTULO



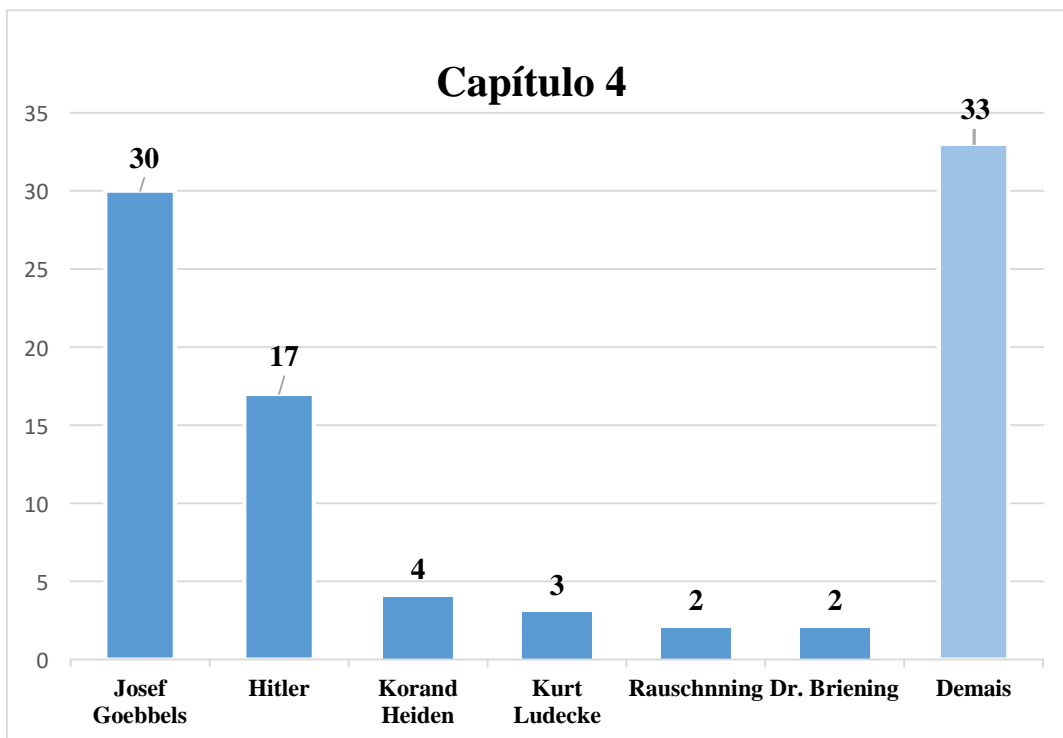
*Demais = autores que apareceram apenas uma vez.



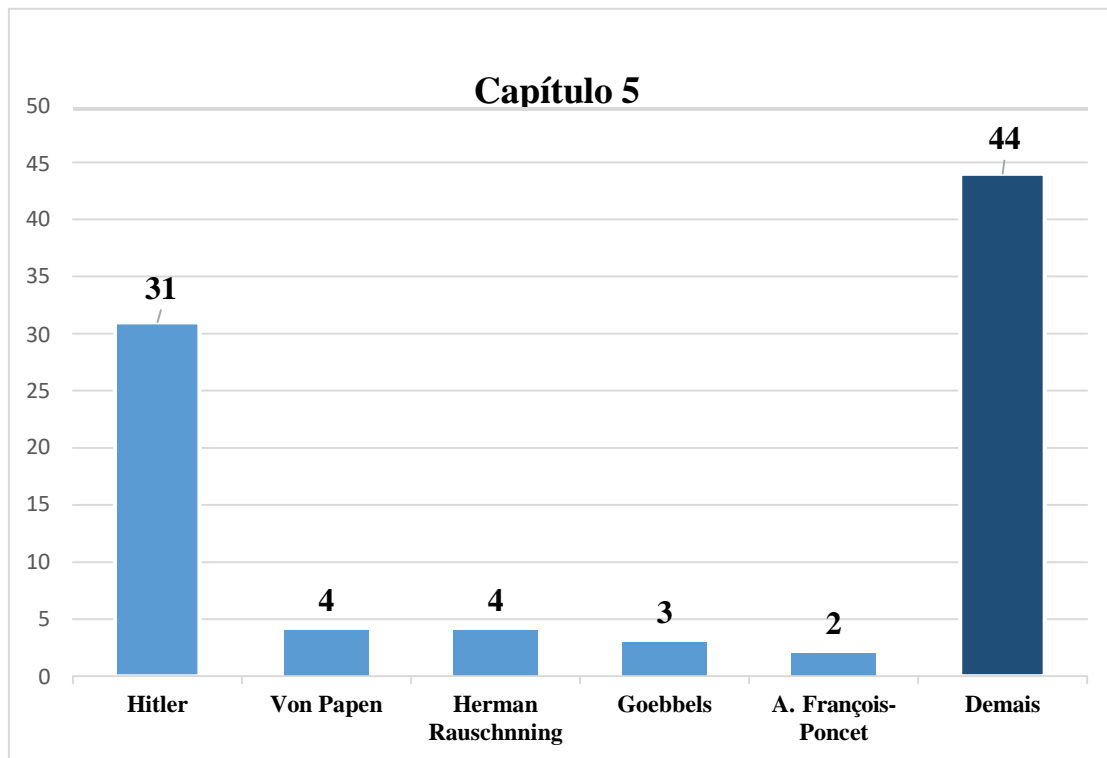
*Demais = autores que apareceram apenas uma vez.



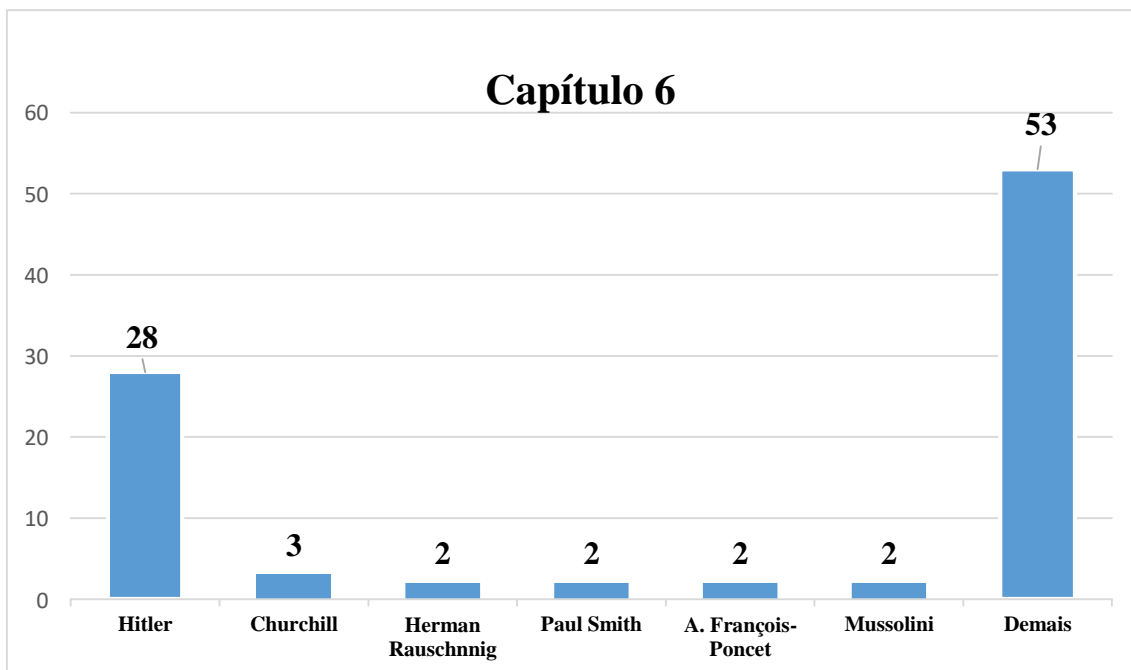
*Demais = autores que apareceram apenas uma vez.



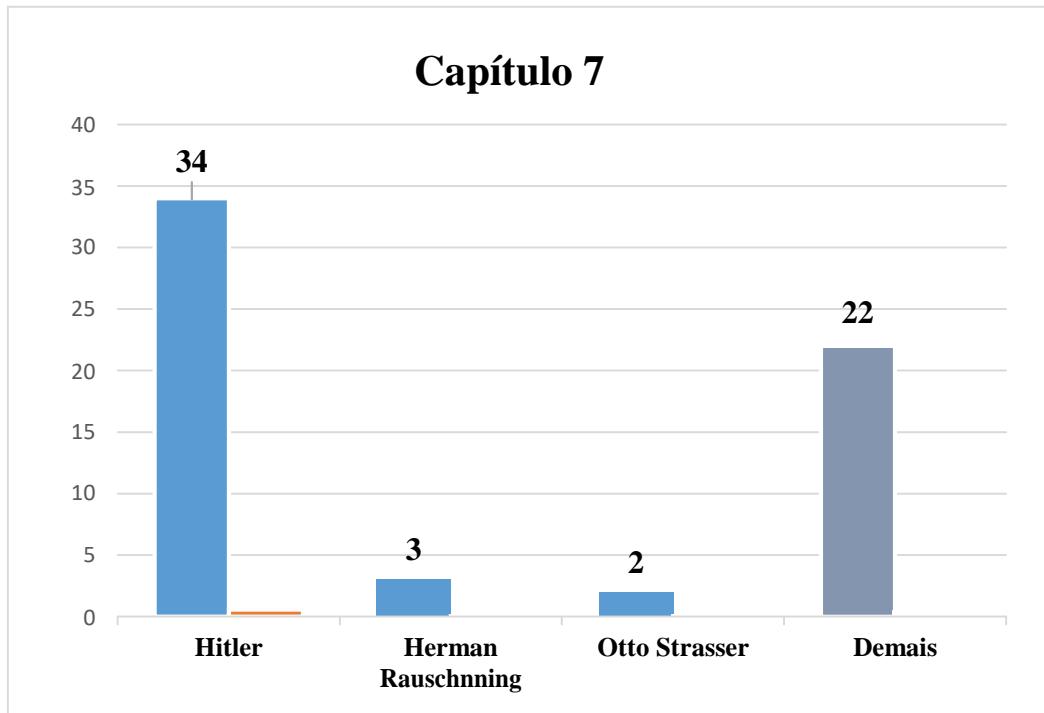
*Demais = autores que apareceram apenas uma vez.



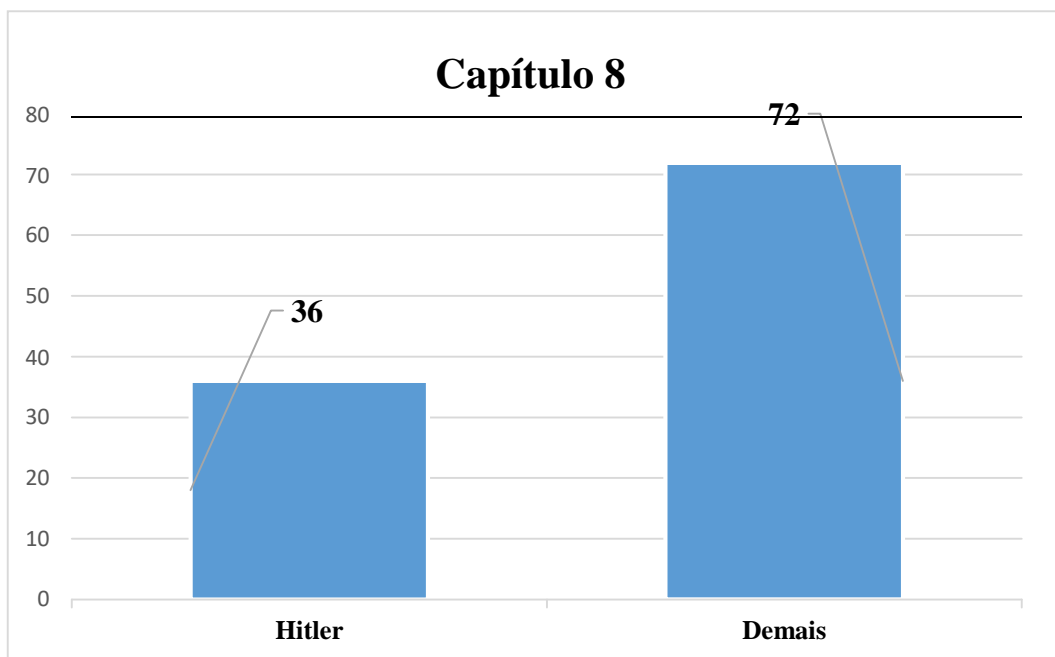
*Demais = autores que apareceram apenas uma vez.



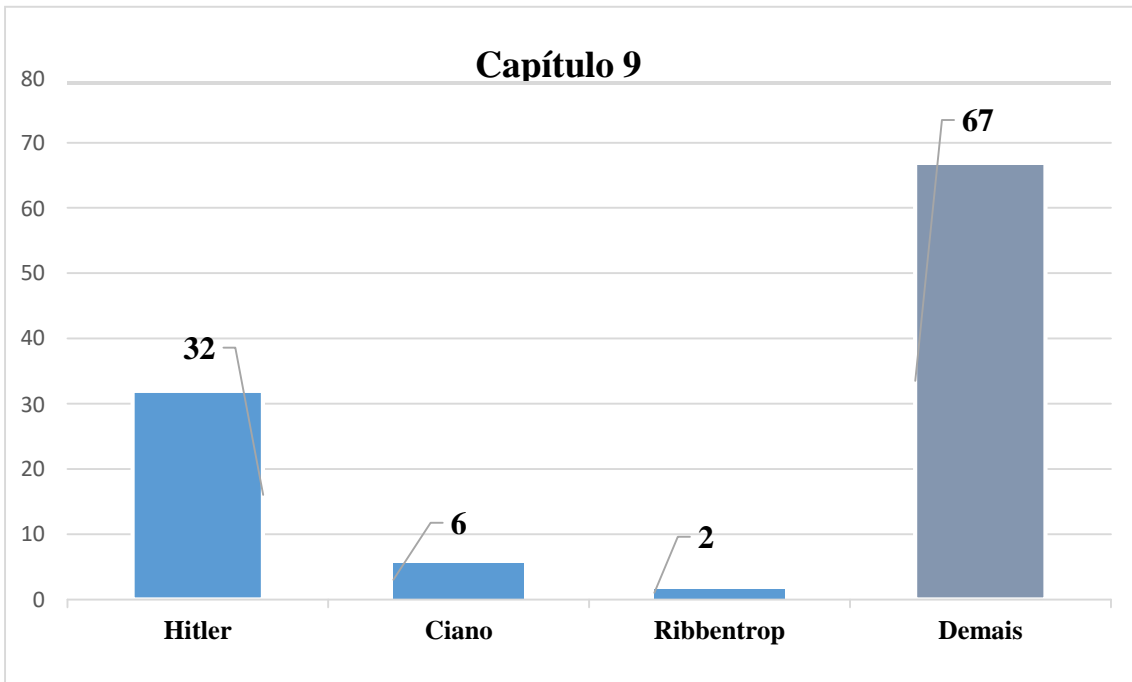
*Demais = autores que apareceram apenas uma vez.



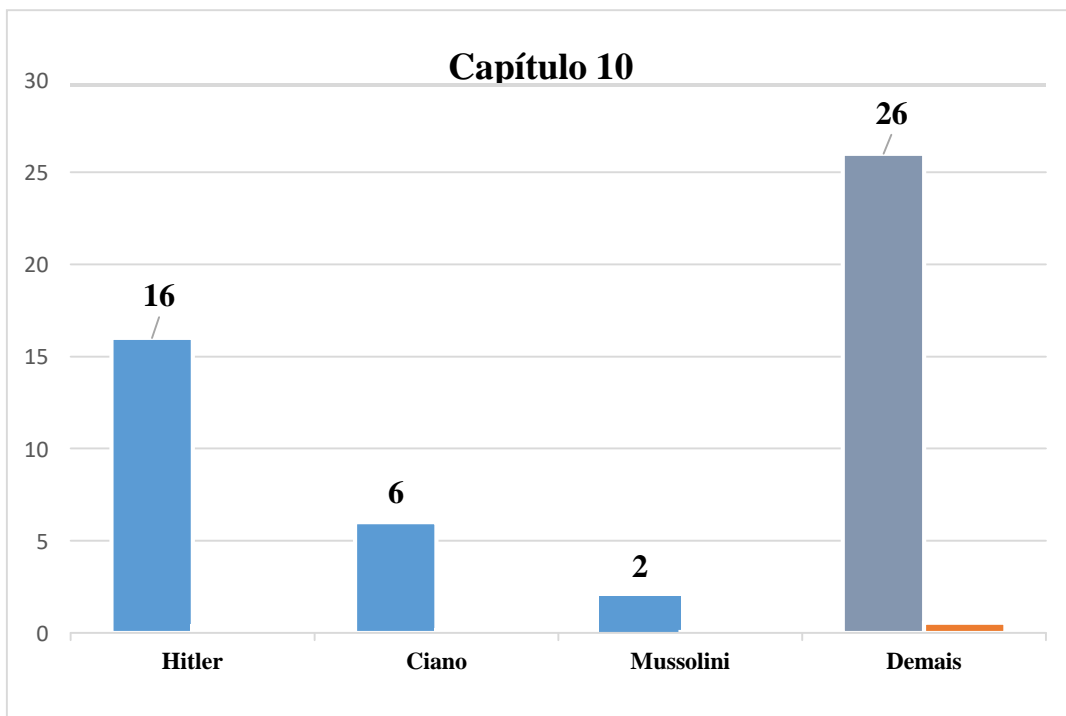
*Demais = autores que apareceram apenas uma vez.



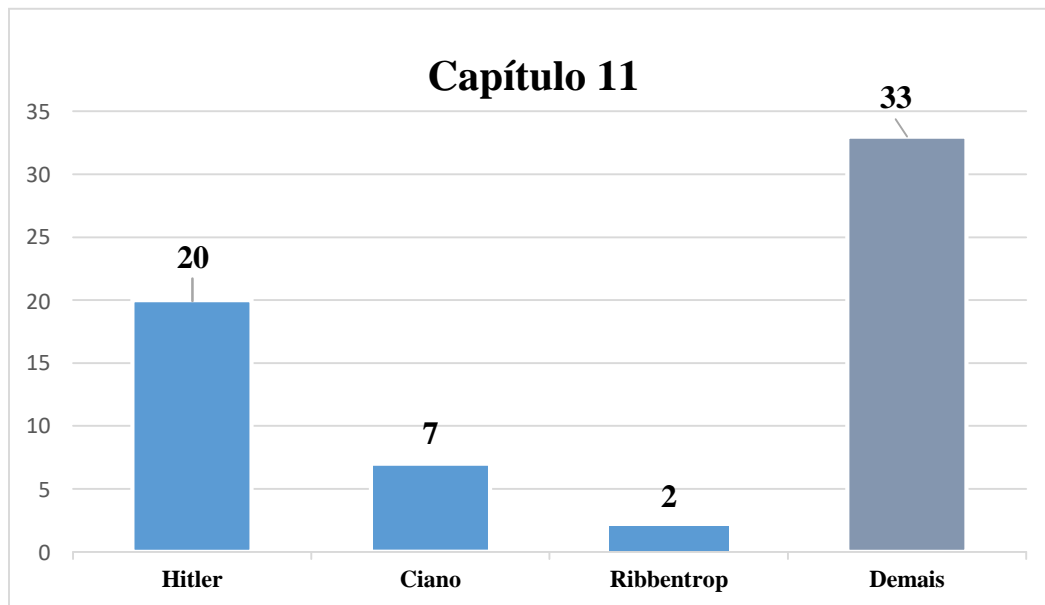
*Demais = autores que apareceram apenas uma vez.



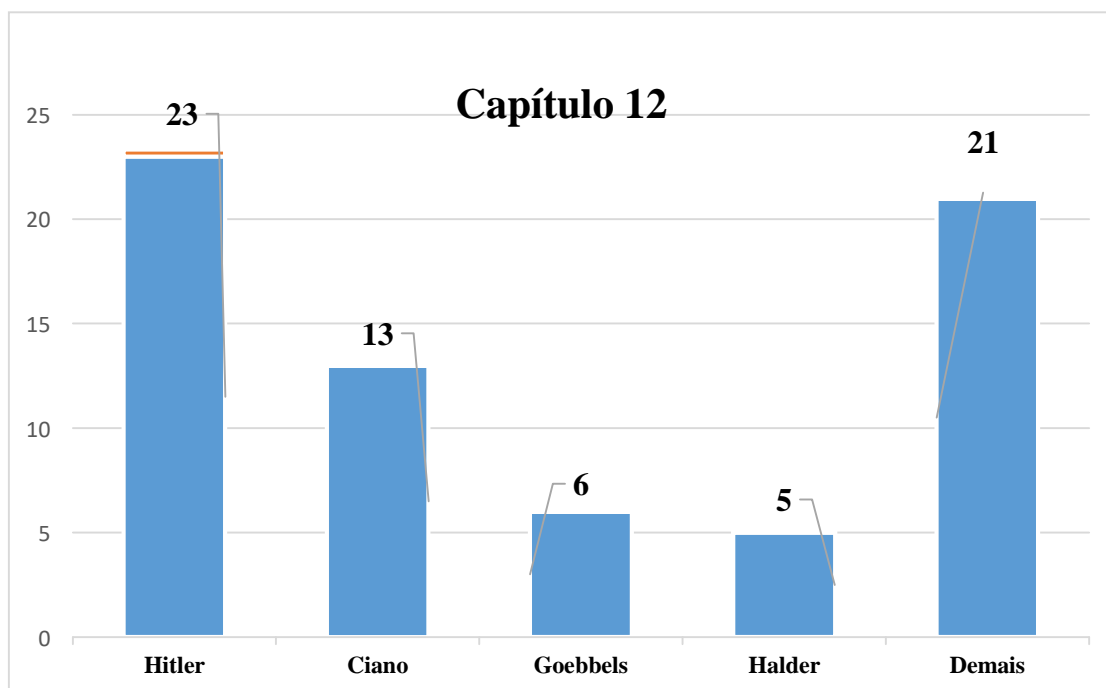
*Demais = autores que apareceram apenas uma vez.



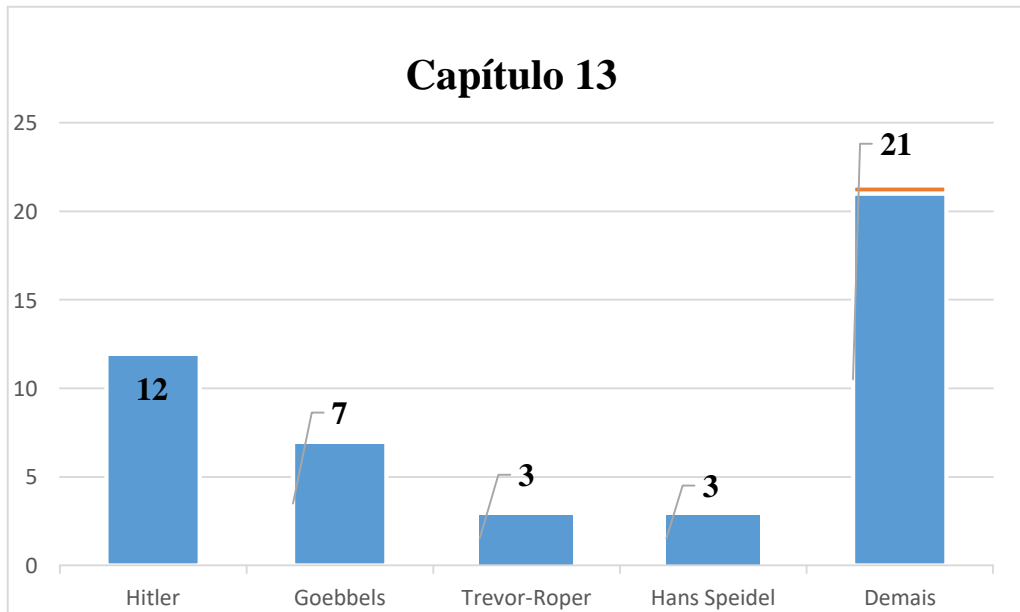
*Demais = autores que apareceram apenas uma vez.



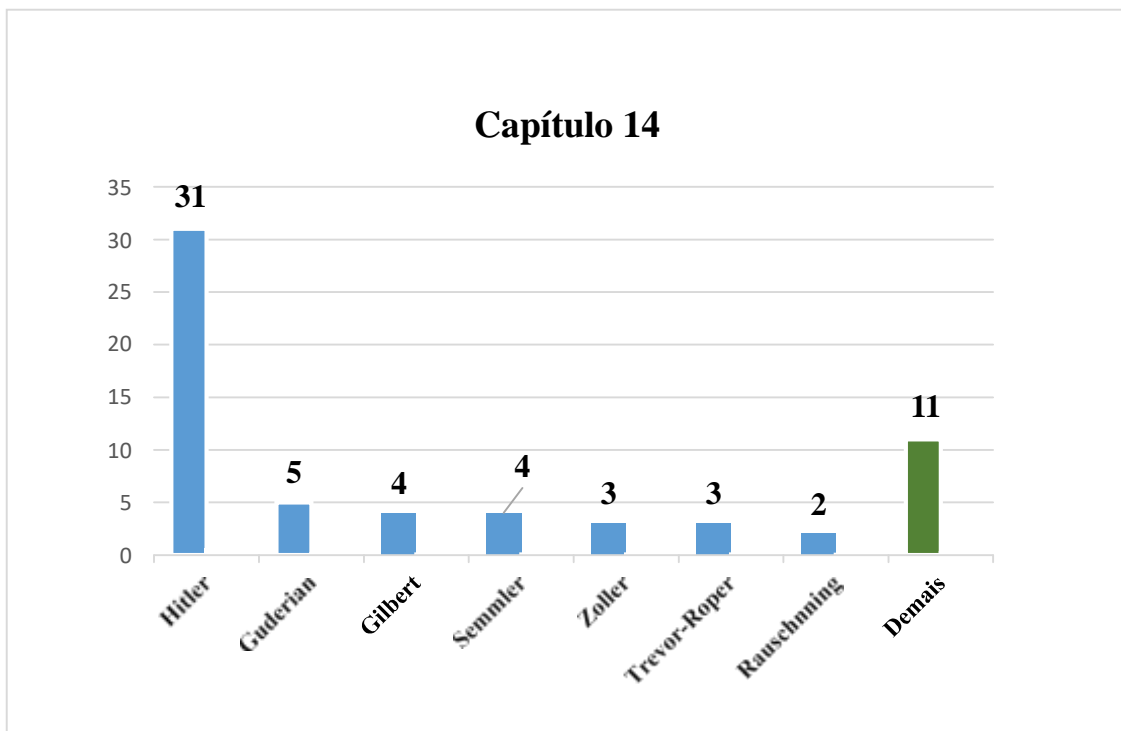
*Demais = autores que apareceram apenas uma vez.



*Demais = autores que apareceram apenas uma vez.

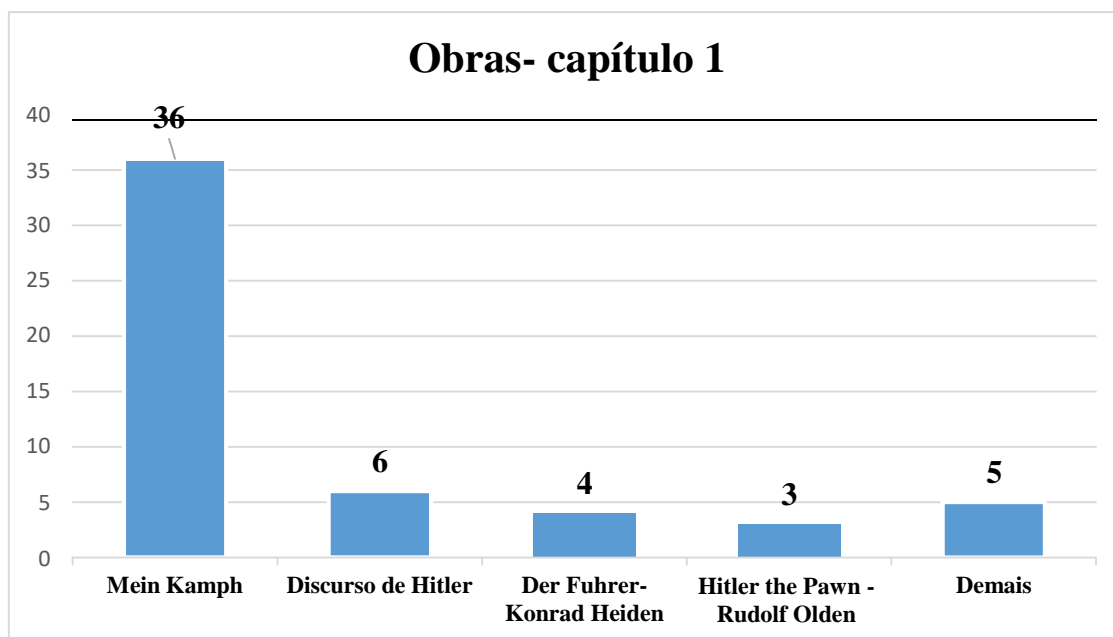


*Demais = autores que apareceram apenas uma vez.

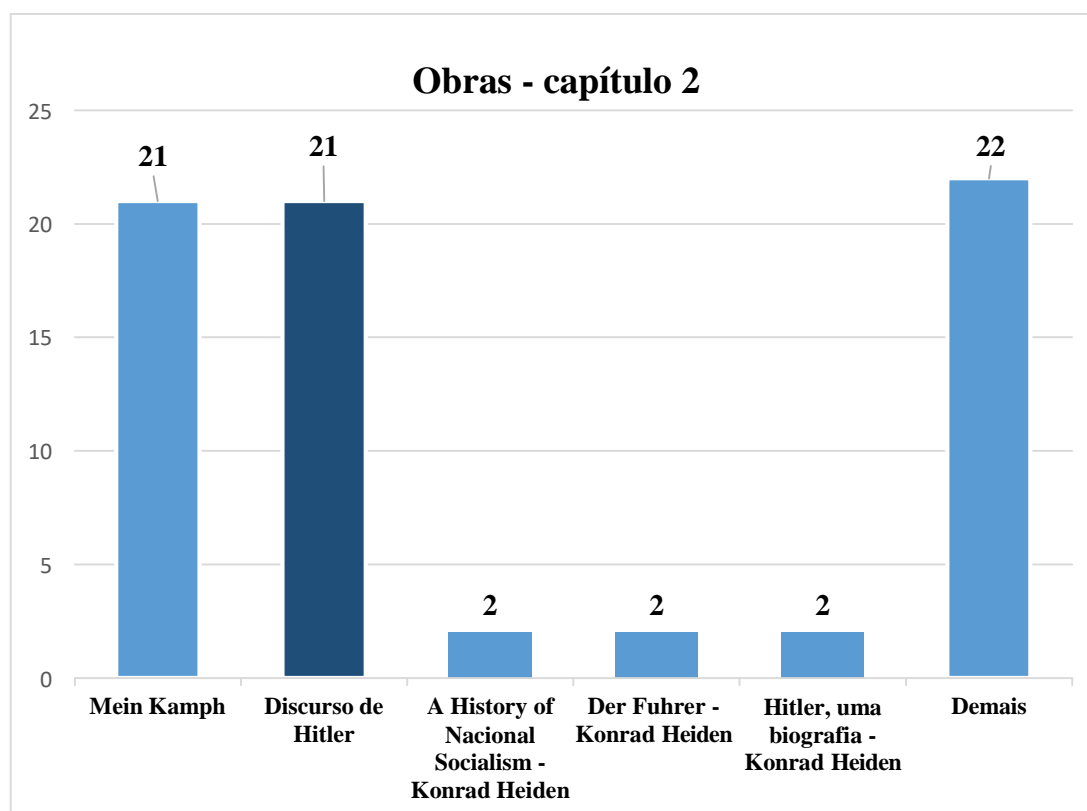


*Demais = autores que apareceram apenas uma vez.

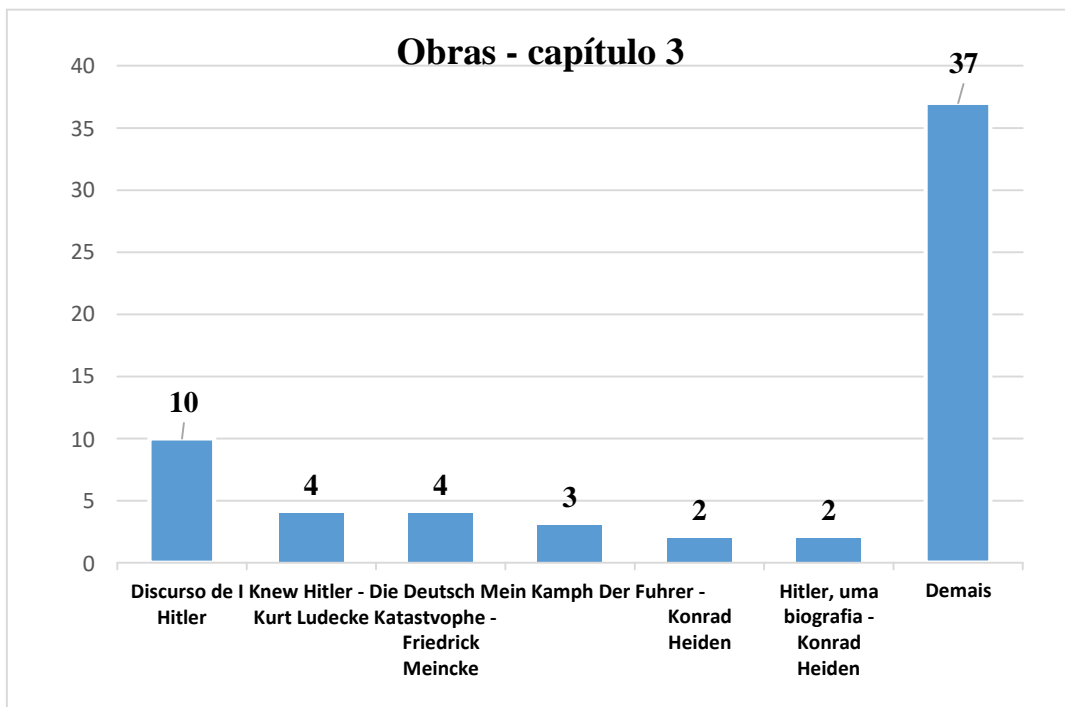
ANEXO I.2.
GRÁFICOS OBRAS POR CAPÍTULO



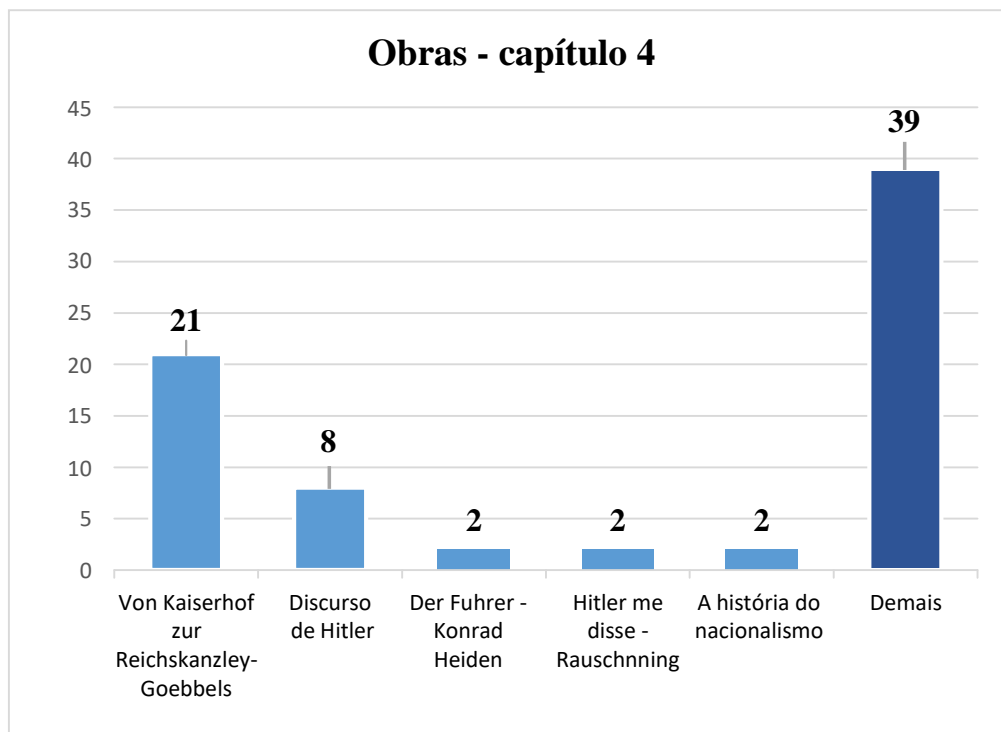
*Demais = obras que apareceram uma vez.



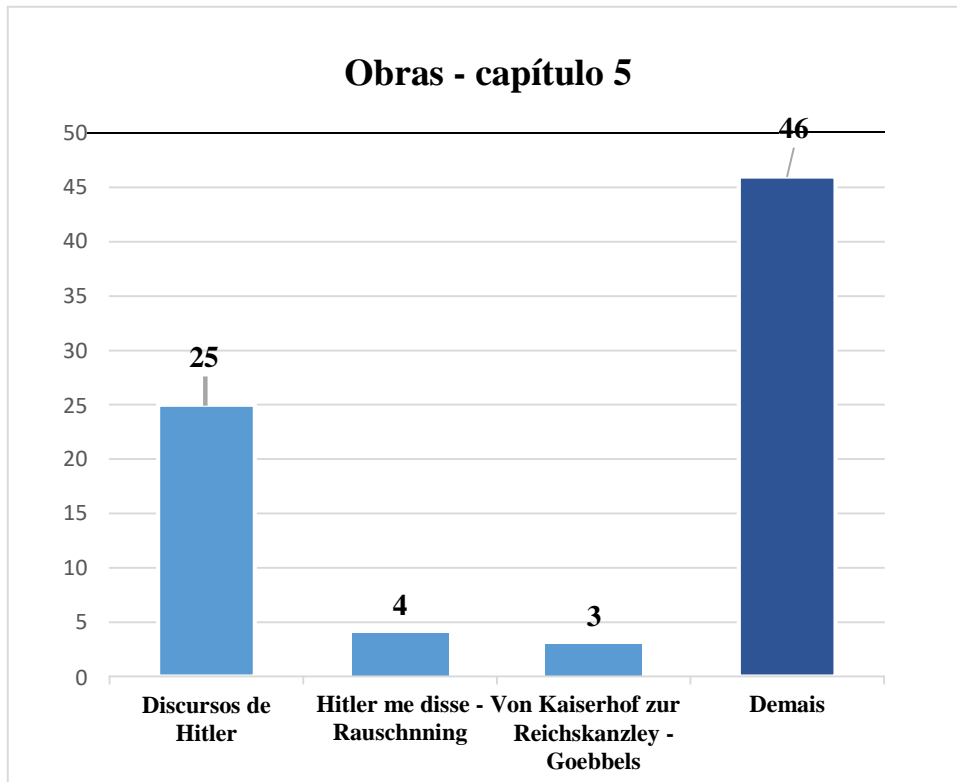
*Demais = obras que apareceram uma vez.



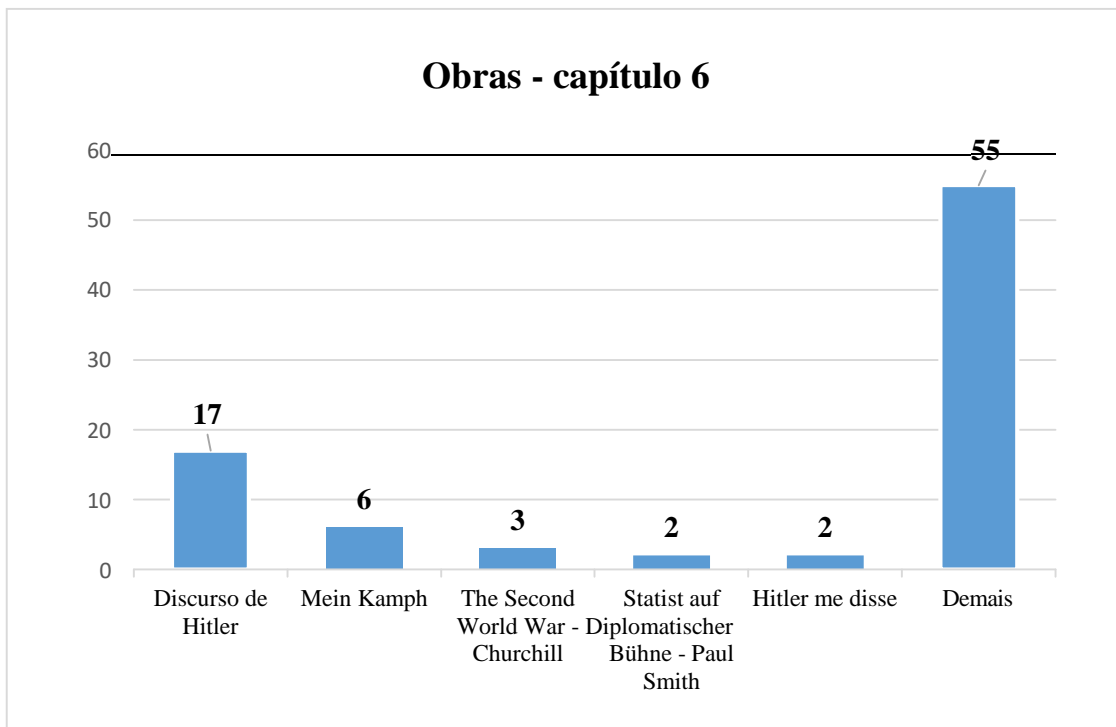
*Demais = obras que apareceram uma vez.



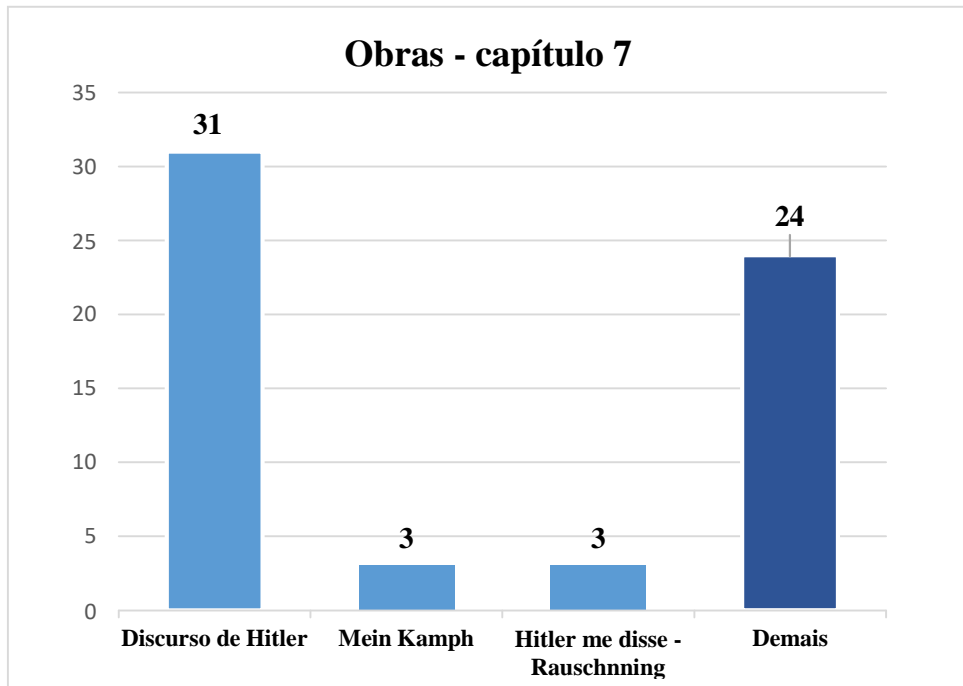
*Demais = obras que apareceram uma vez.



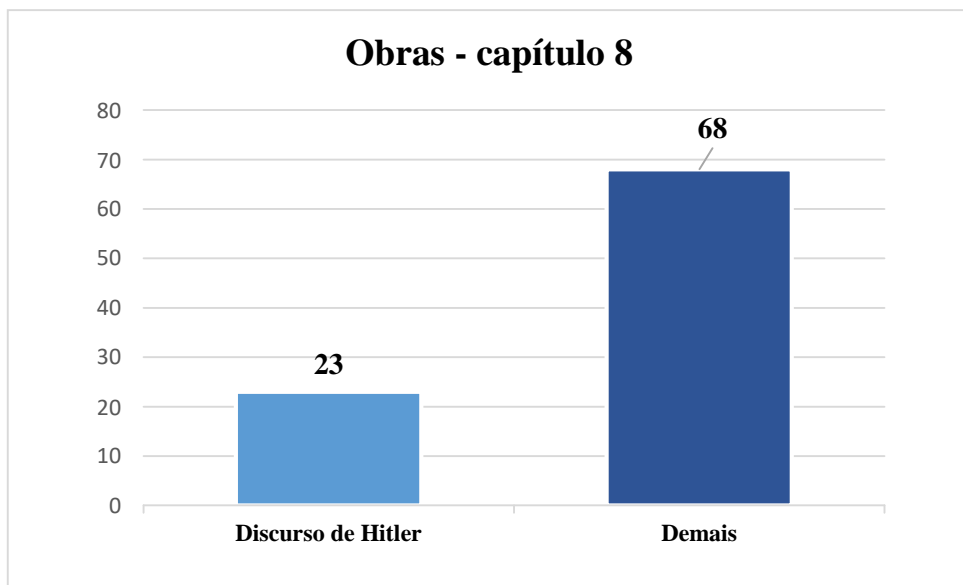
*Demais = obras que apareceram uma vez.



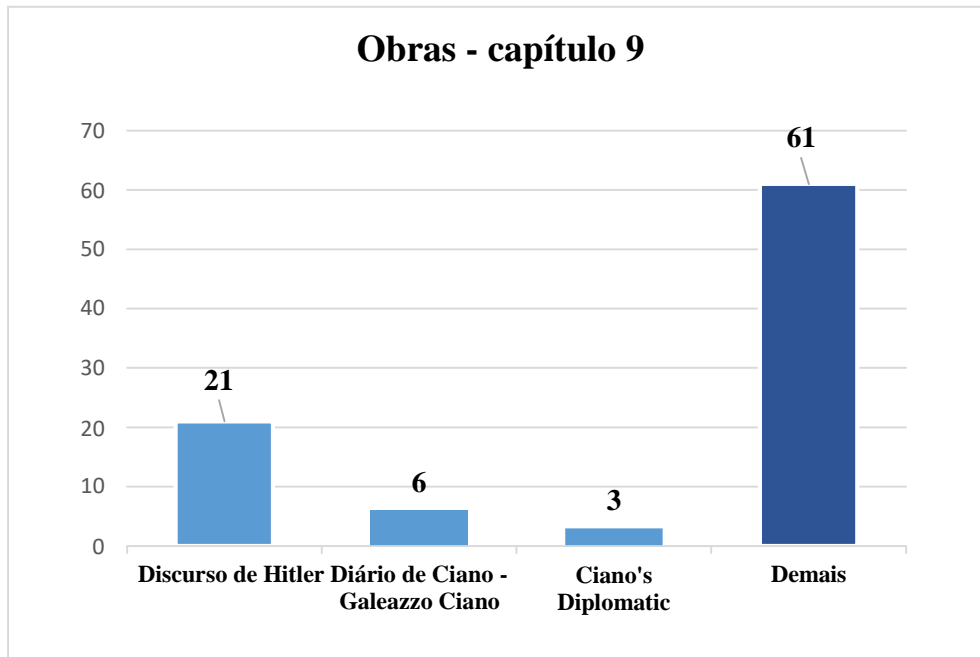
*Demais = obras que apareceram uma vez.



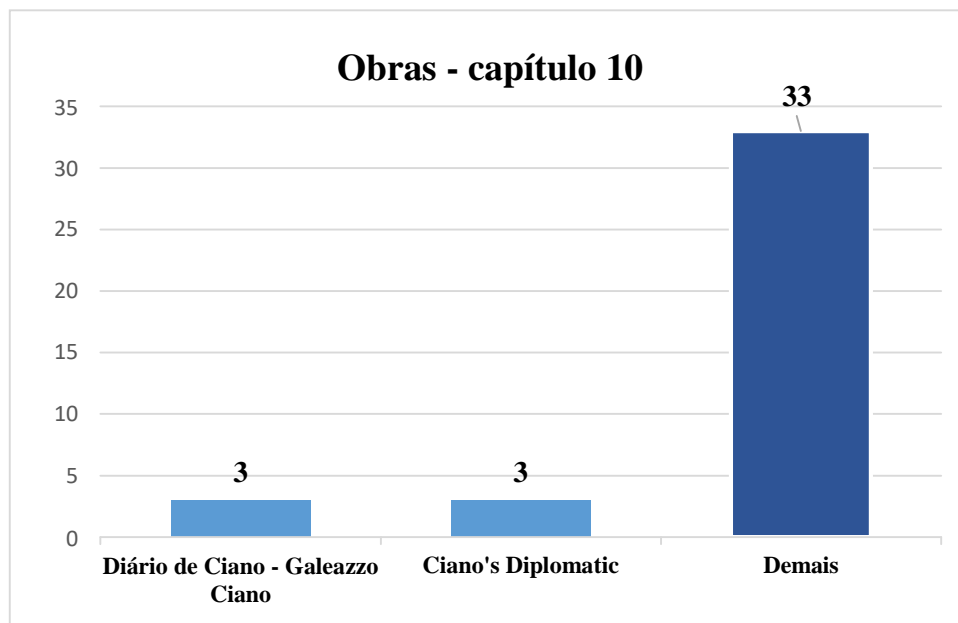
*Demais = obras que apareceram uma vez.



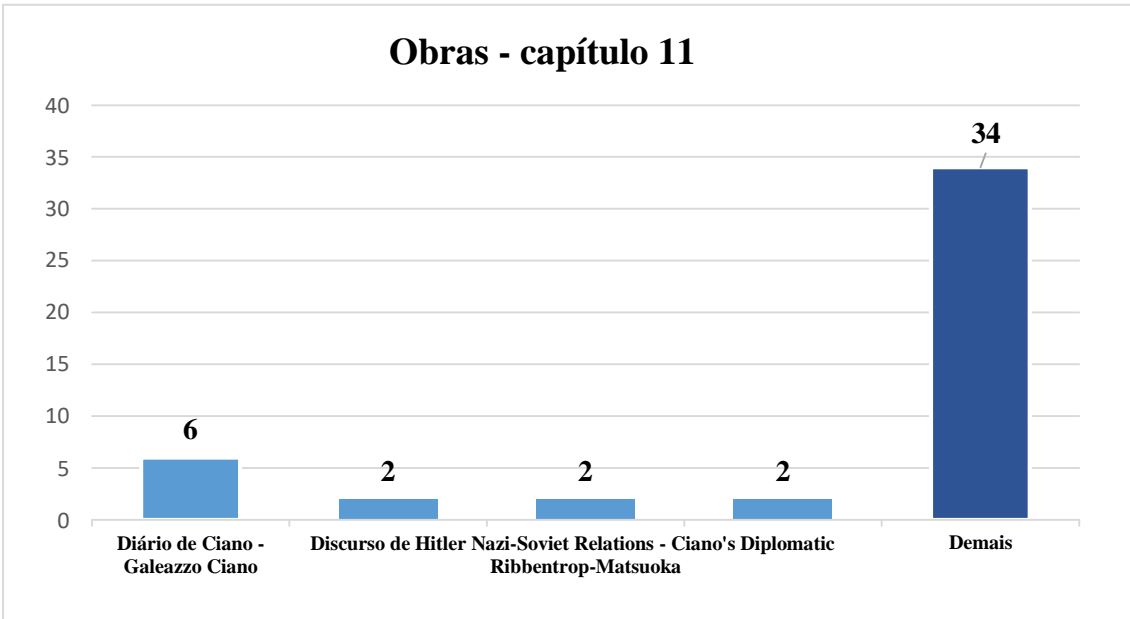
*Demais = obras que apareceram uma vez.



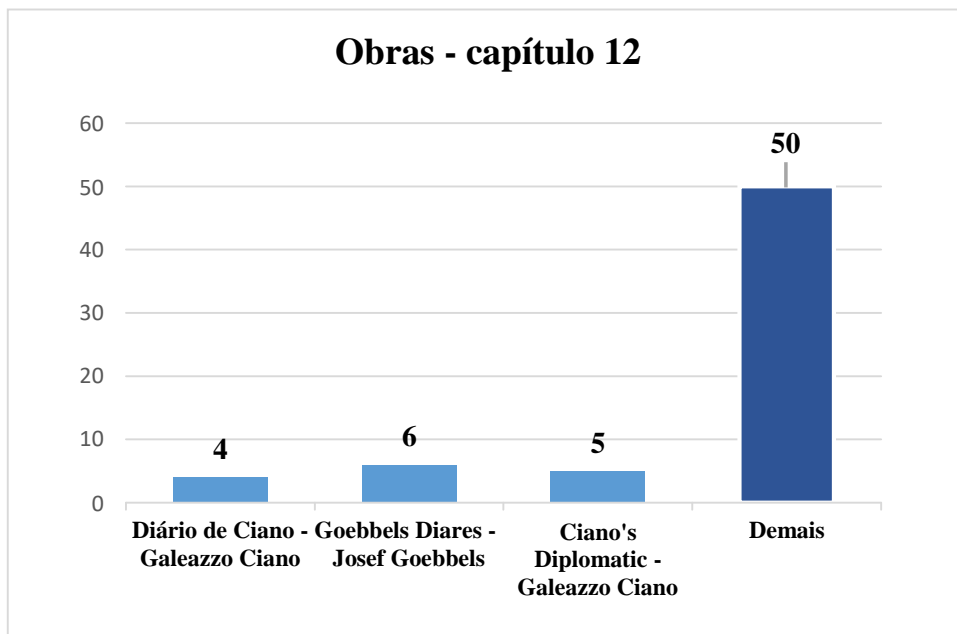
*Demais = obras que apareceram uma vez.



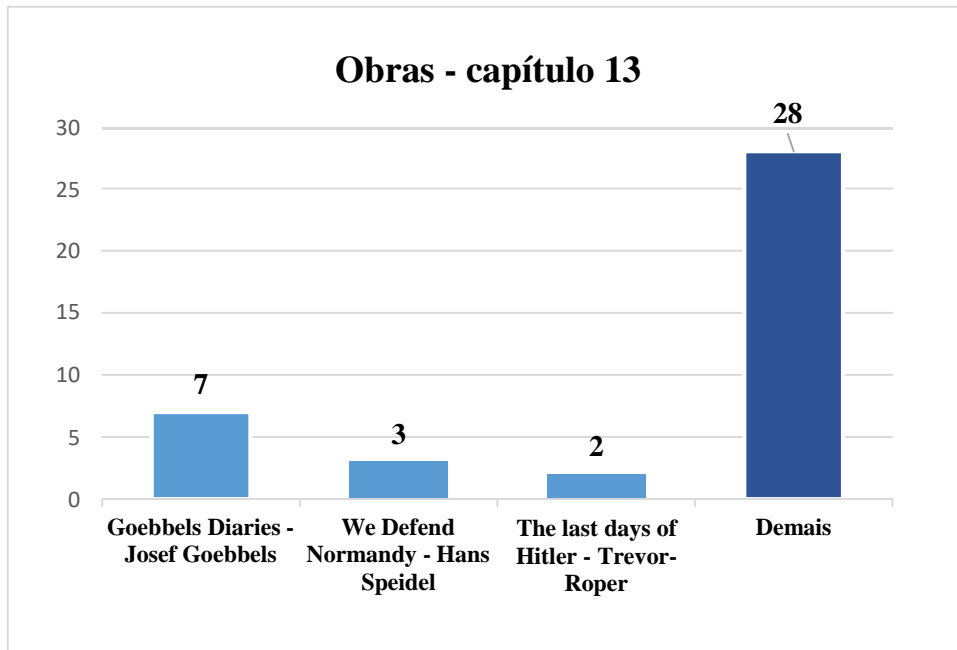
*Demais = obras que apareceram uma vez.



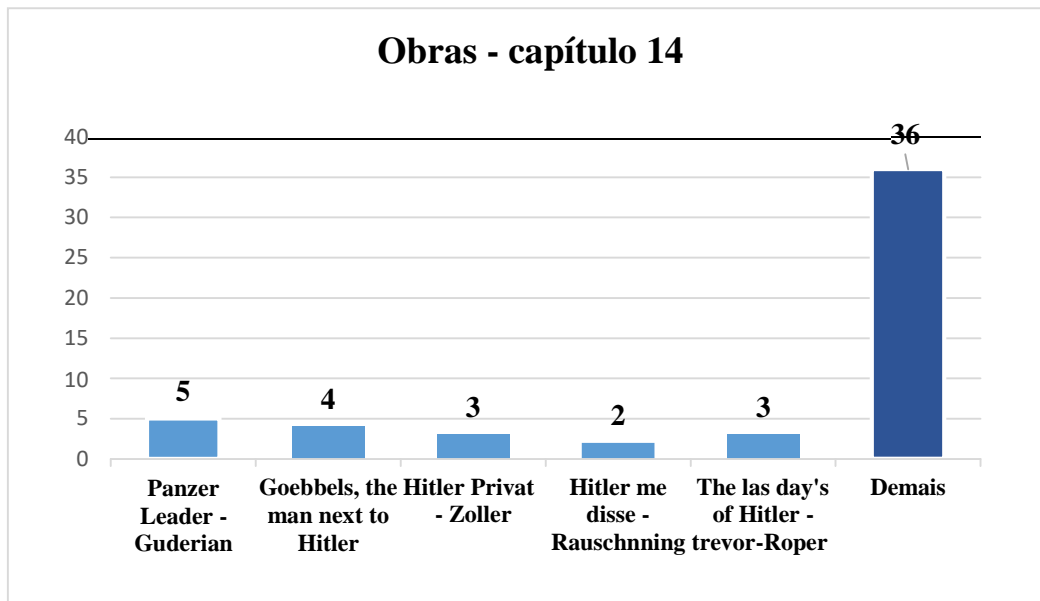
*Demais = obras que apareceram uma vez.



*Demais = obras que apareceram uma vez.



*Demais = obras que apareceram uma vez.



*Demais = obras que apareceram uma vez.